



**Pontos de
Interrogação**

Revista de Crítica Cultural

Escritoras e Globalização

Organização:

Carolina Ferrer (Université du Québec à Montreal)

Roxane Maiorana (Université du Québec à Montreal)

Licia Soares de Souza (Pós-Crítica/UNEB – Campus II)

Fábrica de Letras

Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural

Departamento de Educação do Campus II

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Pontos de Interrogação	Alagoinhas	ISSN 2237-9681	v. 9	n. 2	p. 1-186	jul.- dez. 2019
------------------------	------------	----------------	------	------	----------	-----------------

© 2019 | Fábrica de Letras
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)
Departamento de Educação, Campus II
Universidade do Estado da Bahia (UNEB)
Rodovia Alagoinhas-Salvador BR 110, Km 3
CEP 48.040-210 Alagoinhas – BA | Caixa Postal: 59
Telefax: +55 (75) 3421-4594 | E-mail: sec.poscritica@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB)

Reitor: José Bites de Carvalho
Vice-Reitor: Marcelo Duarte Dantas de Avila
Pró-Reitoria de Extensão: Adriana Marmori
Pró-Reitoria de Pesquisa e Ensino de Pós-Graduação: Tania Maria Hetkowski
Pró-Reitoria de Graduação: Dayse Lago de Miranda
Departamento de Educação II: Maria Neuma Mascarenhas Paes
Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica)
Coordenador *pro tempore*: Prof. Dr. Osmar Moreira dos Santos
Vice-Cordenador *pro tempore*: Profª. Drª. Áurea da Silva Pereira Santos

CONSELHO EDITORIAL

Andréia Guerini (Universidade Federal de Santa Catarina)
Antônio Luciano de Andrade Tosta (University of Kansas, EUA)
Bertrand Gervais (Universidade do Québec em Montréal, Canadá)
Christian Miranda Jaña (Universidade do Chile, Chile)
Cláudia Graziano Paes de Barros (Universidade Federal de Mato Grosso)
Cláudio Cledson Novaes (Universidade Estadual de Feira de Santana)
Denise Almeida Silva (Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões)
Diógenes Buenos Aires de Carvalho (Universidade Estadual do Piauí)
Erotilde Goreti Pezatti (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho)
Fabiola Simão Padilha Trefzger (Universidade Federal do Espírito Santo)
Francisco de Assis da Costa (Universidade Federal da Paraíba)
Geórgia Maria Feitosa e Paiva (Centro Universitário Estácio do Ceará)
Geraldo Vicente Martins (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)
Jordi Canal Morel (EHESS, França)
José Henrique de Freitas Santos (Universidade Federal da Bahia)
Marcelo Ferraz de Paula (Universidade Federal de Goiás)
Márcia Cristina Corrêa (Universidade Federal de Santa Maria)
Marcio Rodrigo Vale Caetano (Universidade Federal do Rio Grande)
Maria Altina da Silva Ramos (Universidade do Minho, Portugal)
Mônica Santos de Souza Melo (Universidade Federal de Viçosa)
Patrick Imbert (Universidade de Ottawa, Canadá)
Paulo Martins (Universidade de São Paulo, FFLCH, Brasil)
Ramon Grosfoguel (University of California at Berkeley, EUA)
Rosane Maria Cardoso (Universidade de Santa Cruz do Sul)
Sinara de Oliveira Branco (Universidade Federal de Campina Grande)
Victorien Lavou (University of Pittsburgh, USA)
Hu Xudong (Universidade de Pequim, China)



Escritoras e Globalização

ISSN 2237-9681

© 2019 | Fábrica de Letras
PONTOS DE INTERROGAÇÃO

Revista de Crítica Cultural do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, v. 9, n.2, jul.-dez. 2019

NÚMERO TEMÁTICO:

Escritoras e Globalização

ORGANIZAÇÃO DESTE NÚMERO:

Carolina Ferrer [Université du Québec à Montréal]

Lícia Soares de Souza [UNEB]

Roxane Maiorana [Université du Québec à Montréal]

APOIO TÉCNICO COM O OJS:

Gleison Fernandes da Silva

PREPARAÇÃO DE TEXTO:

Pollyanna Araújo Carvalho

COMISSÃO EDITORIAL:

Pollyanna Araújo Carvalho

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:

Dr. Allan Veiga

ACOMPANHAMENTO EDITORIAL:

Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel (UNEB)

EDITORA FÁBRICA DE LETRAS

Coordenação: Profa. Dra. Edil Silva Costa

Editor: Prof. Dr. Roberto Henrique Seidel

Editora assistente: Ma. Pollyanna Araújo Carvalho

REVISÃO LINGÜÍSTICA:

Maria Nazaré Mota de Lima

IMAGEM DA CAPA:

Escultura de bronze do artista Matvey Manizer (Estação Ploshchad Revolyutsii, Metrô de Moscou - Rússia), foto de Osmar Moreira.

SÍTIO DE INTERNET:

<http://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint>

DISTRIBUIÇÃO:

Editora Fábrica de Letras

E-mail: distribuicao.fabricadeletras@uneb.br

Ficha Catalográfica

S729p Souza, Lícia Soares de.
Pontos de Interrogação – Revista de Crítica Cultural [v.9, n.2, jul.-dez. 2019].
Número temático: Escritoras e Globalização / Orgs. do volume: Lícia Soares de Souza, Carolina Ferrer e Roxane Maiorana.
– Alagoinhas: UNEB/ Fábrica de Letras, 2019.
186f.il

1. Escritoras. 2. Políticas de si. 3. Globalização.
I. Souza, Lícia Soares de. II. Ferrer, Carolina. III. Maiorana, Roxane. IV. Universidade do Estado da Bahia.

CDD 809.899287

Biblioteca do Campus II / Uneb | Bibliotecária: Rosana Cristina de Souza Barretto – CRB: 5/902

Os conceitos emitidos nos artigos são de absoluta e exclusiva responsabilidade dos respectivos autores. É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora. Todos os direitos são reservados à Fábrica de Letras do Programa em Crítica Cultural. Sem permissão, nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO | 7
Carolina Ferrer
Roxane Mairorana
Licia Soares de Souza

ARTIGOS

- LA PLACE DES ÉCRIVAINES DANS LA LITTÉRATURE MONDIALE:
CARTOGRAPHIE MÉTACRITIQUE DE LA MARGINALISATION DES
FEMMES | 13
Carolina Ferrer
- ÉTHIQUE DE LA RENCONTRE ET PENSÉE DÉCOLONIALE: ÉCRIVAINES
AMÉRINDIENNES ET SUBSAHARIENNES | 35
Carmen Mata Barreiro
- ÉCHANGES TRANSCULTURELS CHEZ MONIQUE PROULX
ET INÈS PEDROSA | 53
Licia Soares de Souza
- DE LA TEXTURE DES DIÉGÈSES DES ÉCRIVAINES DE LA POSTCOLONIE À
LA CONTEXTURE D'UNE MONDIALISATION ALTERNATIVE | 65
Pierre Suzanne Eyenga Onana
- LA PLACE DES ÉCRIVAINES AUTOCHTONES DANS LA LITTÉRATURE
MONDIALE: LE CAS DU BRÉSIL ET DU QUÉBEC | 89
Rita Olivieri-Godet
- POLITIQUE ET POÉTIQUE DES FLUX. LA STRATÉGIE DU RÉSEAU DANS
LA BANDE DESSINÉE DU COLLECTIF TRANSNATIONAL CHICKS ON
COMICS | 107
Marie Lorinquer-Hervé
- DIFUSIÓN DE LA OBRA DE ESCRITORAS EN EL *NUEVO TEATRO*
CRÍTICO DE EMILIA PARDO BAZÁN | 125
Rocío Charques Gámez
- LES ÉCRIVAINES DANS LES LITTÉRATURES MINEURES DES ÉTATS-
UNIS: DU MELTING POT À LA GHETTOÏSATION | 149
Carolina Ferrer
Roxane Mairorana

ENTREVISTA

- PROFA. LÍCIA SOARES DE SOUZA (CRÍTICA CULTURAL) ENTREVISTA | 167
PROFA. DENISE MARIA GURGEL LAVALLÉE
Lícia Soares de Souza

RESENHAS

- A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA, ZILA BERND, PARIS, SOCIÉTÉ DES | 175
ÉCRIVAINS, 2018
Lucas Graeff
- POUR UNE GÉOPOÉTIQUE INTERAMÉRICAINNE, PARIS, SOCIÉTÉ | 179
DES ÉCRIVAINS, 2019
Maysa Maria Silva de Miranda

- SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES | 183

APRESENTAÇÃO

Carolina Ferrer
Roxane Maiorana
Lícia Soares de Souza

Desde la caída del Muro de Berlín, evento que marca el fin de la Guerra Fría, observamos el surgimiento de un nuevo orden geopolítico: la mundialización (DIRLIK 2007; FREITAG 2008; GÉLINAS 2000; LEWELLEN 2002; NANCY 2002; SASSEN 2009). Evidentemente, dicho cambio conlleva una serie de metamorfosis socioculturales, tal como el fin del posmodernismo, suceso confirmado a comienzos del siglo XXI por varios investigadores y críticos (HUTCHEON 2002; HASSAN 2003; FERRER 2010). Durante el mismo período, constatamos que, en lo que se refiere a los estudios literarios, numerosos teóricos retoman el concepto de literatura mundial (CASANOVA 1999; PRENDERGAST 2004; PIZER 2006; DAMROSCH 2003, 2011, 2014; MILLER 2011), abren las fronteras de la investigación con el propósito de superar el punto de vista occidental e integran la noción de mundialización a la disciplina (SAUSSY 2006; GUPTA 2009). Dentro de esta misma tendencia, vemos un marcado interés por las relaciones entre literatura mundial y traducción (DYRE 2009; XIE and SHI 2011; CHAUDHURI 2012; EMMERICH 2013; MORGAN 2013; CASANOVA 2015; WALKOWITZ 2015; GAMBIER and VAN DOORSLAER 2016). Asimismo, observamos un cuestionamiento renovado de la definición de canon literario (INSKO 2003; KERMODE 2004; FISHELOV 2010), llegándose incluso a declarar el inicio de la era hipercanónica (DAMROSCH 2006). Sin embargo, este interés por estudiar la literatura a nivel planetario parece coexistir con una tendencia contraria en lo que se refiere a las letras femeninas (PLANTÉ 2003; UNDERWOOD and BAMMAN 2016; GLORIEUX 2017; LANGLAIS 2017), situación aún más paradójica si se consideran los numerosos movimientos feministas surgidos desde comienzos del siglo XX y, especialmente, después de la Segunda Guerra Mundial.

El presente número de la revista surge entonces como una exploración, cuyo propósito es generar una mirada crítica del lugar que ocupan las escritoras dentro del particular contexto recién descrito. El volumen se compone de ocho artículos que desarrollan distintos enfoques teóricos y metodológicos para abordar las relaciones entre el fenómeno de

mundialización y la función que esta le depara a las escritoras. Utilizando el enfoque de la criticometría, Carolina Ferrer presenta una cartografía de la literatura mundial, en cuanto al género de los escritores, dejando en evidencia la marginalización a la que han sido sometidas las mujeres, a lo largo del tiempo y en prácticamente todas las latitudes. Desde el punto de vista de la descolonización y del descentramiento del pensamiento, Carmen Mata analiza el espacio difícilmente acordado a la palabra de escritoras originarias de los pueblos precolombinos de las Américas y del África subsahariana. A su vez, Licia Soares de Souza opta por una perspectiva transamericana para mostrar el impacto de los escritos de Monique Proulx e Inês Pedrosa en la feminización de la literatura. Basándose en el trabajo de escritura como una forma de restitución del lugar de la mujer en la sociedad, en su texto, Pierre Suzanne Eyenga Onana propone un análisis de las obras de Anne-Marie Adiaffi, Angéline Solange Bonono y Edwidge Danticat, con el propósito de ilustrar las diferentes modalidades de la mundialización cultural y sus efectos. Continuando con el enfoque comparatista, Rita Olivieri-Godet examina las relaciones transculturales existentes entre autoras de Brasil y de Quebec, por cuanto el proceso de escritura constituiría una forma de resistencia que refleja un ímpetu de emancipación social. Lejos de la literatura tradicional como objeto de estudio, Marie Lorinquer-Hervé explora el trabajo colectivo de Chicks on Comics, creación que, según la autora, se apropia y subvierte las herramientas de la mundialización, con el propósito de sublevarse contra el lugar minoritario al que las mujeres son relegadas en el ámbito literario. Abordando la recepción de la obra crítica de la escritora Emilia Pardo Bazán, Rocío Charques Gámez analiza los numerosos obstáculos que la autora española, a pesar de su renombre internacional, tuvo que enfrentar para ser aceptada en su propio país. A través del análisis de los metadatos de las referencias bibliográficas, Carolina Ferrer y Roxane Maiorana estudian el lugar de las escritoras dentro de las literaturas menores de los Estados Unidos y llegan a la conclusión de que, contrariamente al legendario melting pot norteamericano, en las últimas décadas se observa un proceso de guetización de las comunidades culturales estadounidenses.

El número se cierra con una interesante entrevista a Denise Maria Gurgel Lavallée, investigadora especializada en literatura francesa y

canadiense, y con dos reseñas sobre las investigadoras brasileñas Zilá Bernd y Licia Soares de Souza.

A nuestro parecer, los textos aquí reunidos enriquecen nuestra comprensión de la evolución de los estudios sobre las letras femeninas en el actual marco de globalización.

Referencias

CASANOVA, Pascale. *La langue mondiale. Traduction et domination*. Paris : Seuil, 2015.

CASANOVA, Pascale. *La république mondiale des lettres*. Paris: Seuil, 1999.

CHAUDHURI, Supriya. «Translation and World Literature.» *Literature Compass*, 9.9 (2012): 593-598.

DAMROSCH, David (ed.). *World literature in Theory*. Malden: Wiley Blackwell, 2014.

DAMROSCH, David. «World Literature in a Postcanonical, Hypercanonical Age.» In Saussy, Haun (ed.). *Comparative Literature in an Age of Globalization*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2006, 43-53.

DAMROSCH, David. *How to Read World Literature*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2011.

DAMROSCH, David. *What is World Literature?* Princeton University Press, 2003.

DIRLIK, Arif. «Contemporary Challenges to Marxism: Postmodernism, Postcolonialism, Globalization», *Amerasia Journal* 33.3 (2007): 1-17.

DYRE, Éric. *L'absolu comparé. Littérature et traduction*. Paris: Hermann, 2009.

EMMERICH, Michael. *The Tale of Genji: Translation, Canonization, and World Literature*, Columbia University Press, 2013.

FERRER, Carolina. «Postmodernité, postcolonialisme et globalisation : changement de paradigme, biais disciplinaire et virage idéologique», *Protée* «Les concepts aux frontières du savoir contemporain» 38.3 (2010): 29-37.

FISHELOV, David. *Dialogue with/and Great Books. The Dynamics of Canon Formation*, Brighton: Sussex Academic Press, 2010.

FREITAG, Michel. *L'impasse de la globalisation*. Montréal: Écosociété, 2008.

GAMBIER, Yves, and Luc VAN DOORSLAER (eds.). *Border Crossings. Translation Studies and Other Disciplines*. Amsterdam: John Benjamins, 2016.

GÉLINAS, Jacques B. *La globalisation du monde. Laisser faire ou faire?* Montréal: Écosociété, 2000.

GLORIEUX, Frédéric. «Femmes de lettres, démographie (data.bnf.fr2017)», *J'attends des résultats. Fouille de documents, expériences réussies et ratées*, OpenEdition 2017, <https://resultats.hypotheses.org/1048>.

GUPTA, Suman. *Globalization and Literature*. Cambridge: Polity, 2009.

HASSAN, Ihab. « Beyond Postmodernism - toward an Aesthetic of Trust », *Angelaki-Journal of the Theoretical Humanities*, 8.1 (2003): 3-11.

HUTCHEON, Linda. *The Politics of Postmodernism*, 2nd edition, New York: Routledge, 2002.

INSKO, J. «Generational Canons», *Pedagogy*, 3.3 (2003): 341-358.

KERMODE, F. *Pleasure and Change. The Aesthetics of Canon*, Oxford: Oxford University Press, 2004.

LANGLAIS, Pierre-Carl. «Les femmes ont-elles disparu de la littérature en 1830?», *Sciences communes*, 2017, <https://scoms.hypotheses.org/824>.

LEWELLEN, T. C. *The Anthropology of Globalization. Cultural Anthropology Enters the 21st Century*, Westport: Bergin and Garvey, 2002.

MILLER, J. H. «Globalization and World Literature.» *Neohelicon: Acta Comparationis Litterarum Universarum* 38.2 (2011): 251-265.

MORGAN, Peter. «Translating the World: Literature and Re-Connection from Goethe to Gao.» *Revue de Littérature Comparée*, 1.345 (2013): 63-79.

NANCY, Jean-Luc. *La création du monde ou la mondialisation*. Paris: Galilée, 2002.

PIZER, John. *The Idea of World Literature: History and Pedagogical Practice*. Louisiana State University Press, 2006.

PLANTÉ, Christine. « La place des femmes dans l'histoire littéraire: annexe, ou point de départ d'une relecture critique? », *Revue d'histoire littéraire de la France* 103.3 (2003): 655-668.

PRENDERGAST, Christopher (ed.). *Debating World Literature*. London: Verso, 2004.

SASSEN, Saskia. *La globalisation. Une sociologie*. Paris: Gallimard, 2009.

SAUSSY, Haun. *Comparative Literature in an Age of Globalization*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2006.

UNDERWOOD, Ted and David BAMMAN. «The Gender Balance of Fiction, 1800-2007», *The Stone and the Shell*, 2016, <https://tedunderwood.com/2016/12/28/the-gender-balance-of-fiction-1800-2007/>.

WALKOWITZ, Rebecca L. *Born Translated: The Contemporary Novel in an Age of World Literature*, Columbia University Press, 2015.

XIE, Tianzhen, and Zhikang SHI. «The Essential Role of Translation in the Remapping of World Literature in China.» *Neohelicon: Acta Comparationis Litterarum Universarum*, 38.2 (2011):411-417.

LA PLACE DES ÉCRIVAINES DANS LA LITTÉRATURE MONDIALE: CARTOGRAPHIE MÉTACRITIQUE DE LA MARGINALISATION DES FEMMES¹

Carolina Ferrer²

Résumé: Cette étude surgit de l'articulation du concept de champ (BOURDIEU, 1992) avec la scientométrie (PRICE, 1963). En nous basant sur l'approche de la criticométrie (FERRER, 2011), nous analysons empiriquement la réception critique des écrivaines et de leurs œuvres à partir de l'exploitation des références de la Modern Language Association International Bibliography. Ainsi, à travers l'analyse des métadonnées et l'élaboration de plusieurs cartes et indicateurs, couvrant la période 1844-2016, nous montrons que les écrivaines occupent une place minoritaire dans les publications. Elles sont nettement sous-représentées dans la majorité des littératures nationales, notamment en Europe et aux États-Unis. En particulier, l'analyse métacritique de la bibliographie sur 10 des écrivaines les plus étudiées dévoile une circulation plutôt restreinte de leurs œuvres. Ces constats nous permettent d'affirmer que les femmes occupent une place marginale dans les études littéraires.

Mots-clés: Place des écrivaines; littérature mondiale; criticométrie; marginalisation des femmes.

EL LUGAR DE LAS ESCRITORAS EN LA LITERATURA MUNDIAL: CARTOGRAFÍA METACRÍTICA DE LA MARGINALIZACIÓN DE LAS MUJERES

Resumen: Este estudio surge de la articulación del concepto de campo (BOURDIEU, 1992) con la cienciometría (PRICE, 1963). Basándonos en el enfoque de la criticometría (FERRER, 2011), analizamos empíricamente la recepción crítica de las escritoras y de sus obras gracias a la explotación de las referencias de la Modern Language Association International Bibliography. A través del análisis de los metadatos y de la elaboración de diversos mapas e indicadores, para el período 1844-2016, mostramos que las escritoras ocupan un lugar minoritario en las publicaciones y que están claramente sub-representadas en la mayoría de las literaturas nacionales, especialmente en Europa.

¹ Je tiens à remercier le Conseil de recherches en sciences humaines du Canada, qui finance notre projet intitulé « Les études littéraires et les nouveaux observables de l'ère numérique : le système de la littérature mondiale de l'après-guerre à nos jours », projet CRSH 435-2018-1115.

² Professeure, Département d'études littéraires, Université du Québec à Montréal, ferrer.carolina@uqam.ca. Je tiens à remercier le Conseil de recherches en sciences humaines du Canada, qui finance le projet CRSH 435-2018-1115, intitulé « Les études littéraires et les nouveaux observables de l'ère numérique : le système de la littérature mondiale de l'après-guerre à nos jours », dans lequel s'inscrit cette étude. Endereço eletrônico: ferrer.carolina@uqam.ca

Específicamente, el análisis metacrítico de la bibliografía sobre 10 de las escritoras más estudiadas revela una circulación relativamente restringida de sus obras. Estas constataciones nos permiten afirmar que las mujeres ocupan un lugar marginal en los estudios literarios.

Palabras clave: Lugar de las escritoras; literatura mundial; criticometría; marginalización de las mujeres.

Le film *The Wife* (2017) du réalisateur Björn Runge, adapté du roman de l'écrivaine étatsunienne Meg Wolitzer (2003), débute au moment où l'écrivain Joe Castleman reçoit un appel téléphonique de l'Académie suédoise lui annonçant qu'on vient de lui attribuer le prix Nobel de littérature. À travers de nombreux flashbacks, l'on découvre la complexe relation de Joe avec Joan, sa femme. En particulier, Joan se souvient du moment charnière où, alors qu'elle était jeune et passionnée par l'écriture, son futur mari lui présente l'écrivaine Elaine Mozell:

- Bonsoir, enchantée ! Votre prose est brillante. Elle est claire, elle est vivante et pleine d'audace – affirme la jeune femme.
- C'est très gentil. Malheureusement, le public déteste qu'une femme puisse publier une prose pleine d'audace... Il paraît que vous avez du talent ?
- Oh, merci, et oui, j'adore écrire, c'est vraiment toute ma vie.
- Ne faites pas ça !, lui lance Elaine.
- Qu'est-ce que vous dites ?
- Vous voulez savoir où atterriront vos livres ? Sur ces étagères, avec tous les bouquins des anciennes élèves. [Elaine prend un livre au hasard et le remet à Joan]. Ouvrez ce livre, par exemple. [le livre craque]. Vous entendez ça ? C'est le signe que jamais personne n'a emprunté ce bouquin. Vous devez comprendre que vous ne pouvez pas attirer leur attention.
- L'attention de qui ?, demande Joan.
- Des hommes. Ceux qui écrivent les critiques, les patrons des maisons d'édition, les rédacteurs en chef des magazines, tous ceux qui décident quel écrivain peut entrer dans la cour des grands, lequel mérite d'être mis sur un piédestal jusqu'à la fin de ses jours.
- Oui, mais un écrivain doit écrire ! insiste Joan.
- L'important, c'est qu'on vous lise ! Après cet avertissement, Elaine met fin à la conversation.

Le long du film, nous découvrirons que Joan a bien compris le message d'Elaine, mais qu'elle a écrit quand même, en laissant son mari signer les livres. Ainsi, à Stockholm, au moment de la cérémonie de la remise du prix Nobel, elle est frappée par les paroles qui décrivent le style littéraire de Castleman: alors que son mari reçoit les honneurs, ce sont ses livres à elle qui sont décrits, c'est sa plume qui est mise en valeur. Évidemment, la cérémonie se traduit par une crise au sein du couple, mais la supercherie sera maintenue jusqu'après la mort de Joe. La question que nous voudrions retenir du film, c'est: dans quelle mesure le boys' club décrit par Elaine correspond-il à la réalité du champ littéraire?

Selon nos dernières recherches (FERRER, 2018), nous avons constaté un regain d'intérêt pour étudier la littérature à l'échelle planétaire, en intégrant le concept de mondialisation aux études littéraires (PRENDERGAST, 2004; SAUSSY, 2006; GUPTA, 2009; ZHANG, 2014). Cependant, cette ouverture d'esprit semble être accompagnée d'une tendance contraire par rapport aux écrivaines (PLANTÉ, 2003; UNDERWOOD and BAMMAN, 2016; GLORIEUX, 2017; LANGLAIS, 2017). En effet, des publications récentes soulignent un phénomène de «dé-féminisation» (LANGLAIS, 2017) de certaines activités, notamment la littérature. De plus, comme le signale Christine Planté (2003), il y aurait «un écart entre la présence de femmes écrivains dans la culture vécue et leur faible visibilité dans l'histoire littéraire» (p. 655). Ainsi, malgré les mouvements féministes survenus depuis l'après-guerre, les écrivaines continueraient de devoir surmonter de nombreux obstacles afin de faire rayonner leurs œuvres.

Afin de mieux comprendre la place de la littérature au féminin, dans cette étude, nous analysons la réception critique internationale des écrivaines.

Le champ littéraire à la lumière de la criticométrie

Selon Pierre Bourdieu, « le monde social moderne se décompose en une multitude de microcosmes, les *champs*, dont chacun possède des enjeux, des objets et des intérêts spécifiques » (BOURDIEU, 1997, p. 119). De plus, il met en lumière que des relations complexes se forment, non seulement entre les

auteurs, mais aussi par rapport aux agents et aux institutions qui constituent le champ (BOURDIEU et WACQUANT, 1992, p. 72).

Par ailleurs, les interactions entre les différentes littératures nationales constituent aussi des phénomènes complexes, comme le signale la théorie des polysystémiques développée par Even-Zohar. Nous retenons que le terme « système » renvoie ici à des relations fonctionnelles ayant pour but l'élaboration d'hypothèses sur les phénomènes à l'étude. En fait, notre objectif principal est d'articuler des concepts théoriques ; notamment celui de champ littéraire, avec la recherche empirique, afin de montrer la place qui revient aux écrivaines dans les études littéraires. Pour y parvenir, nous employons l'approche méthodologique de la criticométrie.

Initialement développée par Price (1963), l'objectif de la scientométrie est de mesurer et d'analyser l'activité dans les sciences et la technologie. Par analogie, nous avons appelé notre approche la criticométrie, puisqu'elle a pour objectif de mesurer et d'analyser l'activité critique en arts, et plus particulièrement en littérature. La méthode ici proposée correspond à l'adéquation des indicateurs scientométriques aux bases de données utilisées en sciences humaines et en arts.

Il existe deux catégories d'indicateurs scientométriques : les descriptifs et les relationnels. Les plus simples des indicateurs descriptifs sont le dénombrement des publications et le dénombrement des citations (LEYDESDORFF, 1998). Ce dernier correspond au nombre de fois qu'un texte est cité dans une autre publication³. Dans le cas de la criticométrie, nous retiendrons le point de vue de Kees van Rees, selon qui : « A reliable indicator of the quality attributed to a work of art is permanent and intensive attention –in the form of (spoken or written) discourses » (VAN REES, 1997, p. 93).

Par ailleurs, Henry Small (1973) a créé l'indicateur des cocitations. Il s'agit de comptabiliser le nombre de fois où deux références apparaissent simultanément dans les articles⁴. Nous constatons qu'en études littéraires il est essentiel de déterminer les types de relations que potentiellement

³ En principe, cet indicateur signale la qualité d'une publication. Cependant, cet argument a été longuement débattu et il en résulte qu'il est préférable de le considérer comme un indicateur de visibilité (Cozzens 1985).

⁴ Comme le souligne Loett Leydesdorff (1998), il est important de désagréger les différentes dimensions qui s'enchevêtrent dans les citations. Voir: Leydesdorff, «Theories of Citation?».

entretiennent les différents éléments dans une citation. Ainsi, nous observons plusieurs couches de relations. Dans le cadre d'une publication critique, Tableau n° 1, l'écrivain et l'œuvre littéraire analysés sont des objets d'étude pour l'auteur du document en question. En suivant van Rees, la référence constitue une reconnaissance de l'écrivain de la part du critique, alors que son texte établit une relation discursive avec l'œuvre analysée.

Par rapport aux écrivains qui sont cités dans une publication critique, Tableau n° 2, ceux-ci peuvent entretenir une relation de prédécesseur/successeur ou être des auteurs contemporains. Dans tous les cas, ce sont des écrivains que le critique veut comparer en fonction d'une certaine thématique ou approche. Il en va de même pour les ouvrages cités: ces textes sont l'objet d'une analyse comparée. De plus, les ouvrages littéraires cités peuvent entretenir des relations que, en suivant Genette, nous appellerons transtextuelles⁵.

Avant d'analyser la place des écrivaines dans le champ littéraire planétaire, nous présentons les principaux résultats de nos recherches sur la littérature mondiale.

Tableau n°1		
Relations entre la publication critique et l'œuvre littéraire		
	Auteur cité	Publication critique
Écrivain cité	Objet d'étude	Reconnaissance ou attention
Œuvre citée	Objet d'étude	Relation discursive

Tableau n°2		
Relations entre deux œuvres littéraires citées dans une publication critique		
	Écrivain cité 2	Œuvre citée 2
Écrivain cité 1	Prédécesseur, contemporain, successeur	Source d'inspiration ou d'influence
Œuvre citée 1	Source d'inspiration ou d'influence	Relation inter/transtextuelle

Cartographie de la littérature mondiale

Afin d'obtenir les références par littérature nationale, nous avons interrogé la plus importante base littéraire, la Modern Language Association

⁵ Selon Genette, «la transtextualité, ou transcendance textuelle du texte [...] [est] tout ce qui le met en relation, manifeste ou secrète, avec d'autres textes», Genette, *Palimpsestes*, p. 7.

International Bibliography⁶, que désormais nous appellerons MLAIB. Cette base contient plus de 2,8 millions de références et couvre plus de 160 ans de publications effectuées par la communauté académique internationale. En utilisant les termes «littérature française», «littérature espagnole», et cætera dans le champ «littérature nationale», nous avons obtenu les publications pour les 212 nations identifiées par les Nations Unies⁷. L'échantillon ainsi compilé s'élève à plus de 1,6 million de références et s'étend de 1844 à 20168.

La Carte n° 1 correspond au nombre de références par pays. Nous constatons qu'un très haut pourcentage des publications porte sur les littératures de certains pays européens et des États-Unis. En effet, si nous observons le Graphique n° 1, nous constatons que les bibliographies critiques sur 14 littératures nationales cumulent plus de 82 % des publications sur l'ensemble mondial. Le reste des littératures nationales se voient consacrer individuellement moins de 1 % des publications.

Le Graphique n° 2 représente la distribution continentale des références cumulées. L'Europe concentre 69 % des publications, alors que les Amériques détiennent 24 % des références, l'Asie 4 %, l'Afrique 2 % et l'Océanie 1 %

Le Tableau n° 3 correspond aux 20 écrivains les plus étudiés selon les références compilées⁹. Dans cette courte liste, il y a une seule femme, Virginia Woolf. Les 20 œuvres littéraires les plus analysées se trouvent sur le Tableau n° 4. Il n'y a aucune femme parmi ces auteurs. Ces résultats indiquent très clairement que la plupart des publications critiques sont concentrées sur les littératures européennes et qu'elles sont biaisées vers des œuvres d'écrivains masculins anglophones.

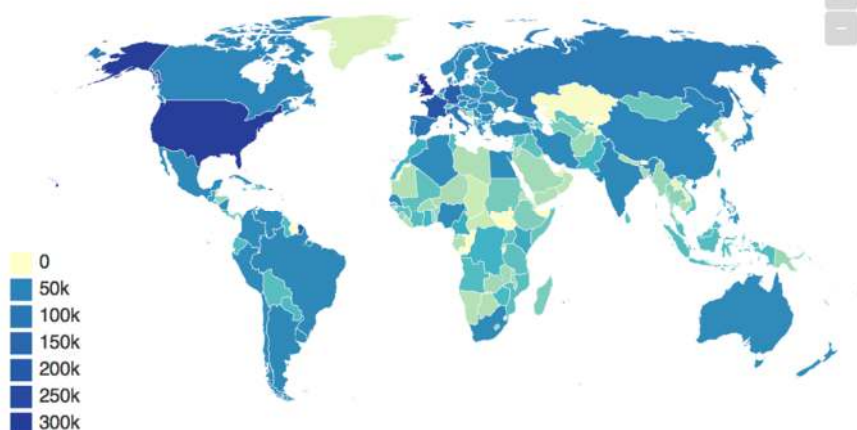
⁶ *Modern Language Association International Bibliography*. www.mla.org. Désormais, nous utiliserons l'acronyme MLAIB.

⁷ Nous avons identifié plus de 200 nations pour l'année 2017, moment où nous avons interrogé MLAIB. Voir *United Nations*, <http://data.un.org/Default.aspx>.

⁸ Dans cette étude, nous n'avons pas inclus les thèses doctorales, car elles proviennent exclusivement d'un répertoire étatsunien officiel, *Dissertations Abstracts International*, qui ne considère les thèses d'aucun autre pays. Voir <http://proquest.com>.

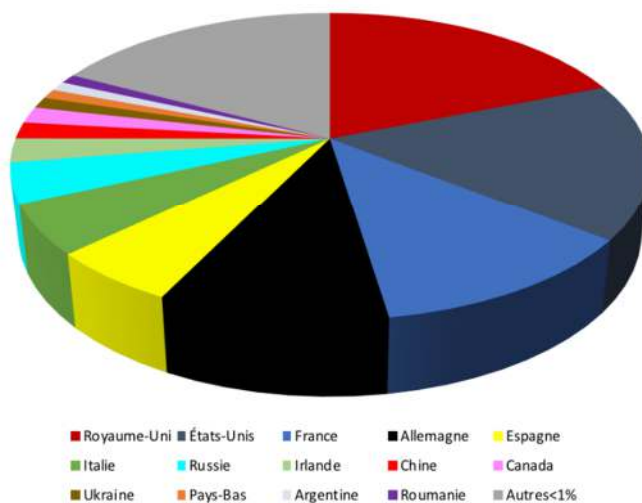
⁹ Nous avons conservé l'orthographe des noms utilisée par MLAIB.

Carte n°1 : Bibliographie critique par littérature nationale



Carte: Carolina Ferrer • Source: MLAIB 1844-2016 • [Récupérer les données](#)

Graphique n°1
 Littérature mondiale
 Bibliographie critique par littérature nationale MLAIB 1844-2016



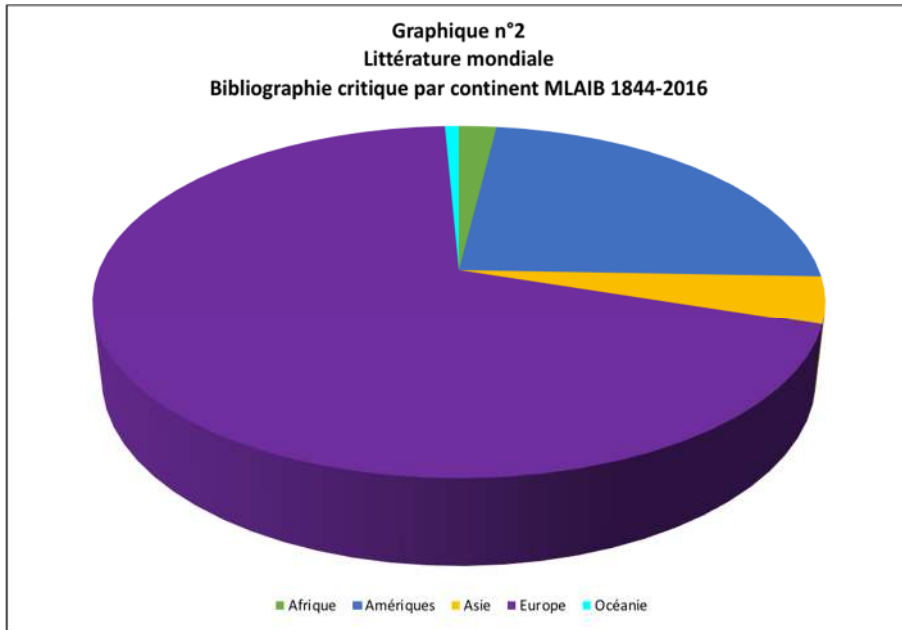


Tableau n°3 : Les 20 écrivains les plus étudiés (MLAIB 1844-2016)

Écrivain	Pays	%
Shakespeare, William (1564-1616)	Royaume-Uni	2,7%
Dante (1265-1321)	Italie	0,7%
Joyce, James (1882-1941)	Irlande	0,7%
Goethe, Johann Wolfgang von (1749-1832)	Allemagne	0,6%
Chaucer, Geoffrey (1340/5-1400)	Royaume-Uni	0,6%
Milton, John (1608-1674)	Royaume-Uni	0,5%
Cervantes Saavedra, Miguel de (1547-1616)	Espagne	0,4%
Dickens, Charles (1812-1870)	Royaume-Uni	0,4%
Faulkner, William (1897-1962)	États-Unis	0,4%
James, Henry, Jr. (1843-1916)	États-Unis	0,4%
Beckett, Samuel (1906-1989)	Irlande	0,4%
Eliot, T. S. (1888-1965)	Royaume-Uni	0,4%
Melville, Herman (1819-1891)	États-Unis	0,3%
Wolf, Virginia (1882-1941)	Royaume-Uni	0,3%
Kafka, Franz (1883-1924)	République Tchèque	0,3%
Conrad, Joseph (1857-1924)	Royaume-Uni	0,3%
Wordsworth, William (1770-1850)	Royaume-Uni	0,3%
Nietzsche, Friedrich Wilhelm (1844-1900)	Allemagne	0,3%
Dostoevskii, Fedor Mikhaïlovich (1821-1881)	Russie	0,3%
Hemingway, Ernest (1899-1961)	États-Unis	0,3%

Tableau n°4 : Les 20 œuvres les plus étudiés (MLAIB 1844-2016)

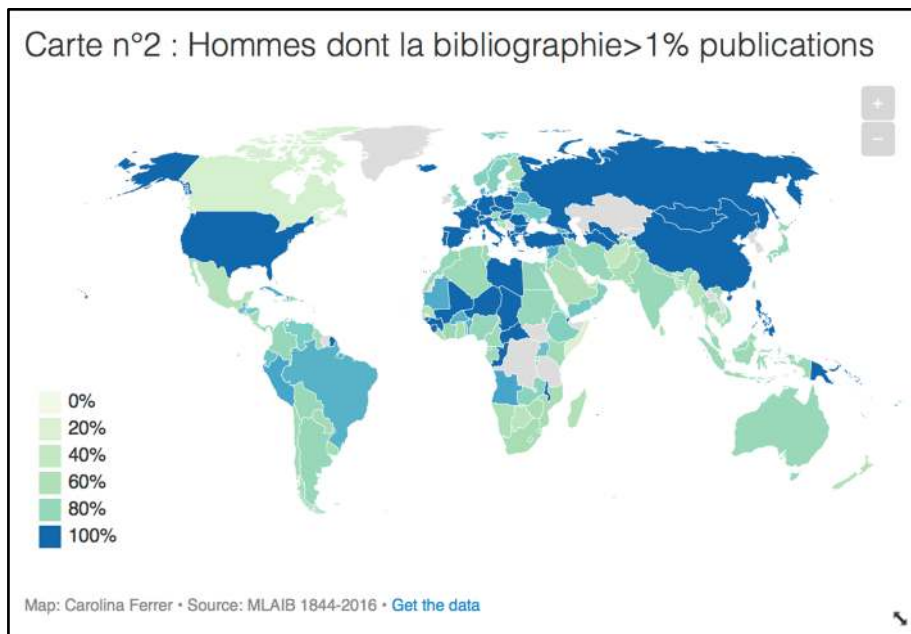
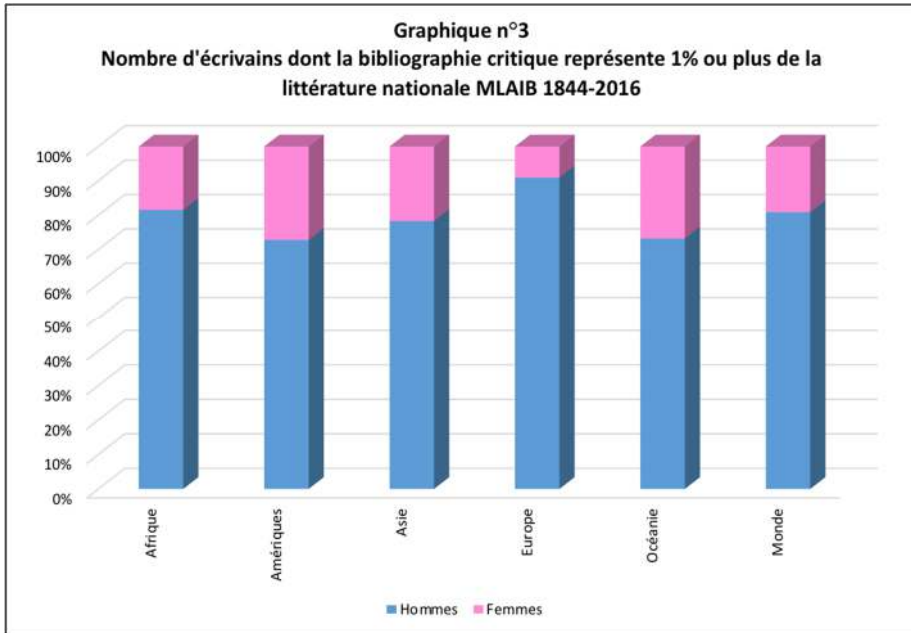
Œuvre	Écrivain	Pays	%
<i>Hamlet</i> (1600-1601)	Shakespeare, William (1564-1616)	Royaume-Uni	0,3%
<i>La Divina Commedia</i> (ca. 1320)	Dante (1265-1321)	Italie	0,2%
<i>Quijote</i> (1605, 1615)	Cervantes Saavedra, Miguel de (1547-1616)	Espagne	0,2%
<i>Ulysses</i> (1922)	Joyce, James (1882-1941)	Irlande	0,2%
<i>Paradise Lost</i> (1667)	Milton, John (1608-1674)	Royaume-Uni	0,2%
<i>Beowulf</i>	n.n.	Royaume-Uni	0,1%
<i>The Canterbury Tales</i>	Chaucer, Geoffrey (1340/5-1400)	Royaume-Uni	0,1%
<i>King Lear</i> (1605-1606)	Shakespeare, William (1564-1616)	Royaume-Uni	0,1%
<i>Othello</i> (1604)	Shakespeare, William (1564-1616)	Royaume-Uni	0,1%
<i>The Faerie Queene</i> (1590-1596)	Spenser, Edmund (1552?-1599)	Royaume-Uni	0,1%
<i>A la recherche du temps perdu</i> (1913-1929)	Proust, Marcel (1871-1922)	France	0,1%
<i>Essais</i> (1580-1588)	Montaigne, Michel Eyquem de (1533-1592)	France	0,1%
<i>Macbeth</i> (1606)	Shakespeare, William (1564-1616)	Royaume-Uni	0,1%
<i>The Tempest</i> (1611)	Shakespeare, William (1564-1616)	Royaume-Uni	0,1%
<i>Finnegans Wake</i> (1939)	Joyce, James (1882-1941)	Irlande	0,1%
<i>Faust</i> (1808, 1832)	Goethe, Johann Wolfgang von (1749-1832)	Allemagne	0,1%
<i>The Lord of the Rings trilogy</i>	Tolkien, J. R. R. (1892-1973)	Royaume-Uni	0,1%
<i>The Merchant of Venice</i> (1596)	Shakespeare, William (1564-1616)	Royaume-Uni	0,1%
<i>Piers Plowman</i>	Langland, William	Royaume-Uni	0,1%
<i>Moby-Dick</i> (1851)	Melville, Herman (1819-1891)	États-Unis	0,1%

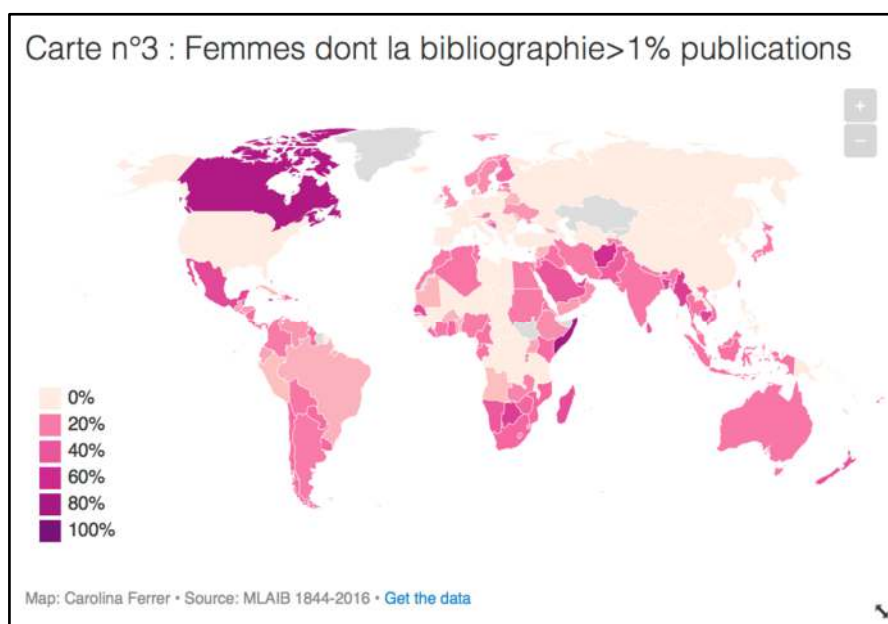
La littérature au féminin

Afin de comparer le nombre d'hommes et de femmes qui sont l'objet d'étude des publications répertoriées dans MLAIB, nous avons créé un échantillon avec les écrivains dont la bibliographie critique est égale ou supérieure à 1 % de la bibliographie sur la littérature nationale dans laquelle ils s'inscrivent. L'échantillon obtenu est de 1923 écrivains. Le Graphique n° 3 correspond à leur répartition continentale. Au niveau mondial, les femmes représentent seulement 19 % des écrivains. L'Europe présente le plus grand biais vers les auteurs masculins, avec 9 % de femmes. Les Amériques détiennent le plus haut pourcentage de femmes: 27 %.

La Carte n° 2 correspond au pourcentage d'hommes dont la bibliographie critique concentre ou dépasse 1 % des publications. Les pays en bleu foncé sont des littératures nationales où aucune femme n'a cumulé 1 % de la bibliographie critique.

La Carte n° 3 représente le pourcentage de femmes dont la bibliographie critique est supérieure ou égale à 1 % des publications sur la littérature nationale d'appartenance. À l'exception du Canada et de la Somalie, la pâleur de la carte reflète la basse présence des femmes parmi les écrivains étudiés.





Le Tableau n° 5 contient les 20 écrivaines qui, tout en représentant au moins 1 % de la bibliographie sur leur littérature nationale, cumulent le plus grand nombre de références. Nous observons la présence de 4 Européennes, de 13 écrivaines des Amériques et de 3 Africaines. La plus ancienne de ces écrivaines est Juana Inés de la Cruz, qui vécut au 17^e siècle en Nouvelle Espagne, région aujourd'hui connue comme le Mexique. La plus jeune est la Chilienne Isabel Allende.

Dans les tableaux suivants, nous présentons par continent les écrivaines qui, en plus de représenter au moins 1 % de la bibliographie sur leur littérature nationale, cumulent 100 références critiques et plus. Avec 14 écrivaines, le Tableau n° 6 correspond aux littératures africaines. Nous constatons la jeunesse de ces littératures : il y a une seule écrivaine du 19^e siècle, alors que toutes les autres sont nées au 20^e siècle. Nous observons aussi que 4 de ces auteures sont sud-africaines.

Le Tableau n° 7 contient les 27 écrivaines des Amériques qui cumulent individuellement 100 références et plus. À l'exception de Juana Inés de la Cruz, déjà mentionnée, et de Mistral, Montgomery et Gómez de Avellaneda nées au 19^e siècle, il s'agit d'écrivaines du 20^e siècle. Tout comme l'Afrique, le champ littéraire des Amériques se démarque par sa jeunesse.

Certaines littératures nationales montrent une présence plus importante, notamment le Canada avec 6 écrivaines, le Mexique avec 5, le Chili avec 4 et l'Argentine avec 3. Nous tenons à souligner qu'il n'y a aucune écrivaine étatsunienne sur cette liste, alors que les États-Unis constituent la deuxième littérature à niveau mondial selon les références répertoriées dans MLAIB.

Avec 2 écrivaines indiennes et 2 japonaises, le Tableau n° 8 correspond au continent asiatique. Murasaki Shikibu a vécu au 10^e siècle, mais les 3 autres sont nées au 20^e siècle et sont encore en vie. Cette courte liste dévoile clairement la place exigüe réservée aux écrivaines dans le champ littéraire asiatique.

Le Tableau n° 9 correspond aux écrivaines du continent européen. La liste contient 8 noms, dont une écrivaine du 18^e siècle, une du 20^e siècle et 6 du 19^e siècle. Alors que les littératures nationales européennes correspondent aux plus étudiées au monde, ce nombre extrêmement réduit d'écrivaines qui arrivent à attirer suffisamment l'attention de la critique est révélateur de l'étendue de la marginalisation des lettres au féminin qui a lieu en Europe.

Finalement, le Tableau n° 10 contient les écrivaines de l'Océanie, dont une Néozélandaise et 2 Australiennes. Les trois sont du 20^e siècle. Tout comme les cas de l'Afrique et des Amériques, le champ littéraire de l'Océanie se caractérise par sa jeunesse. Il faut souligner que, comparativement, la place des femmes y est beaucoup plus importante que celle qui leur est réservée dans les champs européen et asiatique, détenteurs d'une bien plus longue tradition.

À la lumière des données criticométriques, il est évident que, partout dans le monde, les écrivaines occupent une place marginale. Il nous semble assez surprenant que, dans les champs littéraires les plus développés, à savoir ceux de l'Europe et des États-Unis, les publications critiques qui portent sur les œuvres des femmes soient proportionnellement moins nombreuses que dans les champs littéraires en développement, c'est-à-dire ceux de l'Océanie, de l'Afrique et des Amériques à l'exception des États-Unis.

Continent	Pays	Écrivaine	%
Europe	Royaume-Uni	Woolf, Virginia (1882-1941)	1,7%
Europe	Royaume-Uni	Austen, Jane (1775-1817)	1,4%
Amériques	Canada	Atwood, Margaret (1939-)	4,4%
Amériques	Mexique	Juana Inés de la Cruz (1648-1695)	6,3%
Amériques	Brésil	Lispector, Clarice (1924-1977)	3,9%
Europe	Ukraine	Ukraïnka, Lesia (1871-1913)	2,7%
Amériques	Canada	Munro, Alice (1931-)	1,7%
Afrique	Afrique du Sud	Gordimer, Nadine (1923-2014)	5,0%
Afrique	Algérie	Djebar, Assia (1936-2015)	25,6%
Amériques	Chili	Mistral, Gabriela (1889-1957)	6,3%
Amériques	Chili	Allende, Isabel (1942-)	5,3%
Amériques	Canada	Hébert, Anne (1916-2000)	1,3%
Amériques	Canada	Montgomery, L. M. (1874-1942)	1,3%
Amériques	Canada	Laurence, Margaret (1926-1987)	1,2%
Europe	Danemark	Blixen, Karen (1885-1962)	4,6%
Amériques	Canada	Roy, Gabrielle (1909-1983)	1,2%
Amériques	Mexique	Poniatowska, Elena (1933-)	2,1%
Amériques	Mexique	Garro, Elena (1920-1998)	1,9%
Afrique	Afrique du Sud	Head, Bessie (1937-1986)	3,0%
Amériques	Mexique	Castellanos, Rosario (1925-1974)	1,8%

Pays	Écrivaine	%
Afrique du Sud	Gordimer, Nadine (1923-2014)	5,0%
Algérie	Djebar, Assia (1936-2015)	25,6%
Afrique du Sud	Head, Bessie (1937-1986)	3,0%
Afrique du Sud	Schreiner, Olive Emilie Albertina (1855-1920)	2,6%
Nigeria	Emecheta, Buchi (1944-2017)	3,7%
Ghana	Aidoo, Ama Ata (1942-)	17,9%
Sénégal	Bâ, Mariama (1929-1981)	8,1%
Nigeria	Adichie, Chimamanda Ngozi (1977-)	2,2%
Zimbabwe	Dangarembga, Tsitsi (1959-)	17,6%
Algérie	Sebbar, Leïla (1941-)	6,7%
Nigeria	Nwapa, Flora (1931-1993)	2,1%
Zimbabwe	Vera, Yvonne (1964-2005)	15,0%
Cameroun	Beyala, Calixthe (1961-)	9,9%
Afrique du Sud	Krog, Antjie (1952-)	1,1%

Tableau n°7 : Les écrivaines les plus étudiées des Amériques (MLAIB 1844-2016)

Pays	Écrivaine	%
Canada	Atwood, Margaret (1939-)	4,4%
Mexique	Juana Inés de la Cruz (1648-1695)	6,3%
Brésil	Lispector, Clarice (1924-1977)	3,9%
Canada	Munro, Alice (1931-)	1,7%
Chili	Mistral, Gabriela (1889-1957)	6,3%
Chili	Allende, Isabel (1942-)	5,3%
Canada	Hébert, Anne (1916-2000)	1,3%
Canada	Montgomery, L. M. (1874-1942)	1,3%
Canada	Laurence, Margaret (1926-1987)	1,2%
Canada	Roy, Gabrielle (1909-1983)	1,2%
Mexique	Poniatowska, Elena (1933-)	2,1%
Mexique	Garro, Elena (1920-1998)	1,9%
Mexique	Castellanos, Rosario (1925-1974)	1,8%
Cuba	Gómez de Avellaneda, Gertrudis (1814-1873)	3,1%
Argentine	Valenzuela, Luisa (1938-)	1,5%
Chili	Eltit, Diamela (1949-)	3,2%
Uruguay	Peri Rossi, Cristina (1941-)	7,3%
Argentine	Pizarnik, Alejandra (1936-1972)	1,1%
Mexique	Boullosa, Carmen (1954-)	1,1%
Argentine	Gambaro, Griselda (1928-)	1,0%
Guatemala	Menchú, Rigoberta (1960?-)	11,2%
Porto Rico	Ferré, Rosario (1938-2016)	6,1%
Chili	Bombal, María Luisa (1910-1980)	1,9%
Trinité-et-Tobago	Brand, Dionne (1953-)	8,6%
Nicaragua	Belli, Gioconda (1948-)	6,0%
Costa Rica	Vallbona, Rima de (1931-)	12,5%
Jamaïque	Cliff, Michelle (1946-)	13,5%

Tableau n°8 : Les écrivaines les plus étudiées de l'Asie (MLAIB 1844-2016)

Pays	Écrivaine	%
Japon	Murasaki Shikibu (fl. ca. 978-1020)	2,4%
Inde	Desai, Anita (1937-)	1,6%
Inde	Roy, Arundhati (1961-)	1,3%
Japon	Tawada Yoko (1960-)	1,3%

Tableau n°9 : Les écrivaines les plus étudiées de l'Europe (MLAIB 1844-2016)

Pays	Écrivaine	%
Royaume-Uni	Woolf, Virginia (1882-1941)	1,7%
Royaume-Uni	Austen, Jane (1775-1817)	1,4%
Ukraine	Ukrainka, Lesia (1871-1913)	2,7%
Danemark	Blixen, Karen (1885-1962)	4,6%
Suède	Lagerlöf, Selma (1858-1940)	2,1%
Lettonie	Pliekšāne, Elza (1865-1943)	2,2%
Finlande	Södergran, Edith Irene (1892-1923)	4,4%
Suède	Lindgren, Astrid Anna Emilia (1907-2002)	1,3%

Pays	Écrivaine	%
Nouvelle Zélande	Frame, Janet (1924-2004)	11,3%
Australie	Stead, Christina (1902-1983)	1,8%
Australie	Wright, Judith (1915-2000)	1,1%

Analyse métacritique des écrivaines les plus citées

Afin de mieux comprendre la réception critique des femmes, nous avons sélectionné 10 écrivaines et avons élaboré une série d'indicateurs à partir des métadonnées des publications qui portent sur elles. L'échantillon est constitué par au moins une écrivaine par continent, tout en essayant d'y inclure une diversité de langues d'écriture. Ainsi, nous avons interrogé la base MLAIB à nouveau, en utilisant le nom de chaque écrivaine dans le champ «Author as subject». Dans le Tableau n° 11, nous avons répertorié des informations de base à leur sujet. L'année de la première publication inscrite dans MLAIB nous permet de constater la jeunesse du corpus critique. L'écrivaine la plus ancienne de l'échantillon est Murasaki Shikibu du Japon, qui vécut vers la fin du premier millénaire. Cependant, il faut attendre jusqu'en 1940 pour voir paraître dans MLAIB des références sur son œuvre. Vient ensuite Sor Juana Inés de la Cruz, figure littéraire emblématique de la Nouvelle Espagne. Dans la base MLAIB, les publications sur son œuvre débutent en 1926. Pratiquement méconnue à l'extérieur de l'Ukraine, l'œuvre de Lesia Ukraïнка a certainement attiré l'attention de la critique nationale. Cependant, selon MLAIB, les références sur son œuvre commencent presque 70 ans après son décès. Concernant les publications critiques sur les 7 autres écrivaines sélectionnées, celles-ci commencent à paraître dans MLAIB de leur vivant.

Écrivaine	Pays	Période de vie	Langue d'écriture	Références	1 ^e réf. MLAIB
Virginia Woolf	Royaume-Uni	1882-1941	Anglais	5159	1931
Juana Inés de la Cruz	Mexique (N. Espagne)	1648-1695	Espagnol	987	1926
Clarice Lispector	Brésil (Ukraine)	1924-1977	Portugais	559	1967
Lesia Ukraïнка	Ukraine	1871-1913	Ukrainien	546	1981
Nadine Gordimer	Afrique du Sud	1923-2014	Anglais	479	1981
Assia Djebar	Algérie	1936-2015	Français	476	1983
Karen Blixen	Danemark	1885-1962	Anglais et danois	369	1956
Murasaki Shikibu	Japon	978?-1020?	Japonais	281	1940
Anita Desai	Inde	1937-	Anglais	241	1969
Janet Frame	Nouvelle-Zélande	1924-2004	Anglais	219	1965

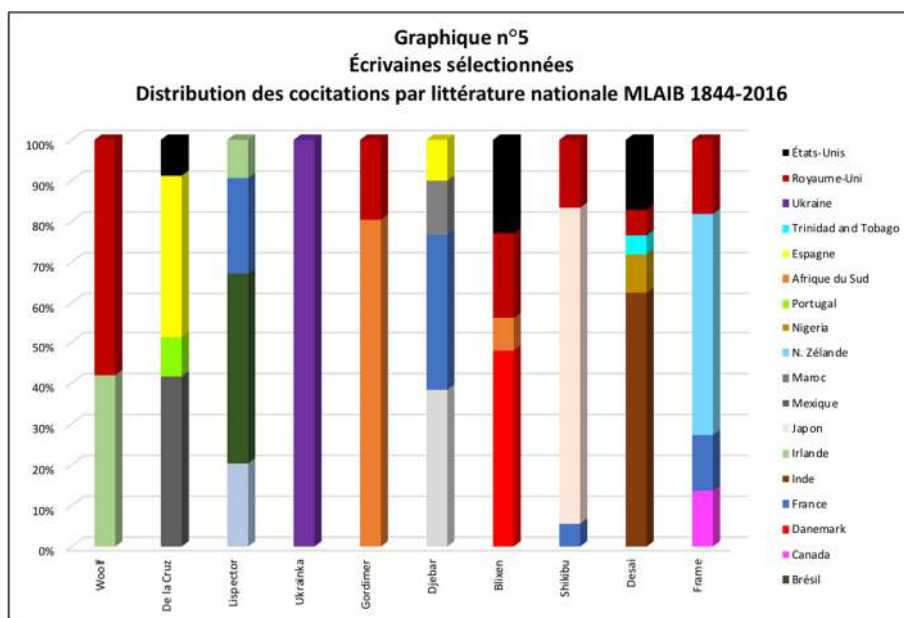
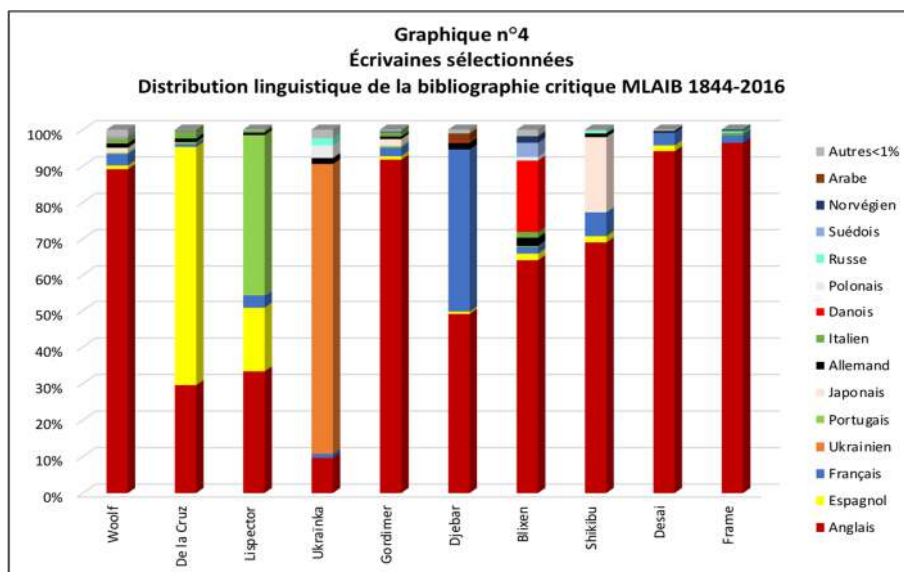
Nous avons représenté graphiquement les derniers indicateurs sur les écrivaines sélectionnées. Le Graphique n° 4 correspond à la distribution linguistique de la bibliographie critique sur chaque écrivaine. L'œuvre de Woolf, Gordimer, Blixen, Shikibu, Desai et Frame ont été l'objet de publications essentiellement en anglais. Parmi celles-ci, la bibliographie la plus multilingue est celle qui porte sur Karen Blixen, ce qui reflète la réception de son œuvre non seulement au Danemark, mais dans toute la Scandinavie. Dans le cas de Shikibu, il y a aussi une importante réception locale, avec 21 % des publications en japonais. Une proportion significative de la bibliographie sur Djébar est en français. Les bibliographies sur De la Cruz et sur Ukraïнка correspondent majoritairement à des textes publiés dans la langue d'écriture des auteures. Ces résultats sont des indicateurs assez évidents de la circulation plutôt restreinte de l'œuvre des écrivaines en question. La bibliographie sur Lispector est la plus diversifiée de l'échantillon.

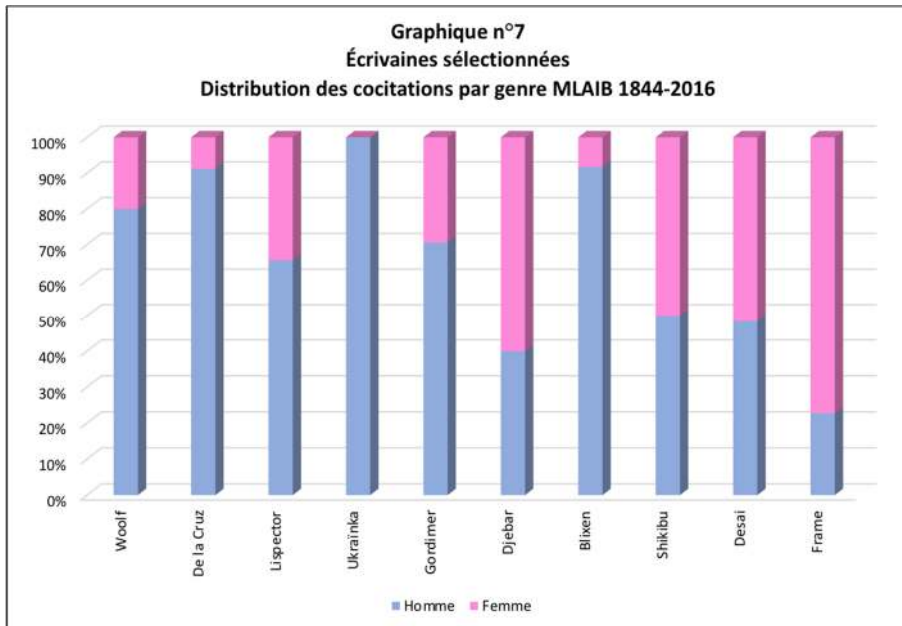
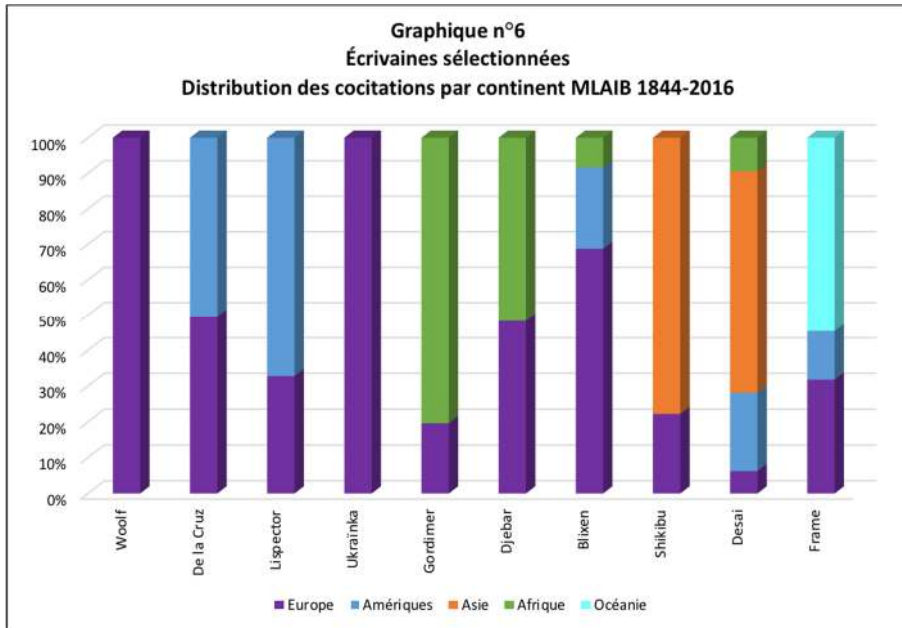
Concernant les cocitations, le Graphique n° 5 indique la littérature nationale d'appartenance des auteurs cocités qui représentent au moins 1 % des références critiques de chaque auteur. Immédiatement, nous constatons que presque dans tous les cas, les écrivaines sont comparées à des compatriotes. Ainsi, pour ce sous-ensemble, nous pouvons affirmer que la majorité des études comparées sont de nature nationale. Les seules exceptions sont, d'une part, Djébar, dont les cocitations sont équitablement réparties entre Algériens et Français, cependant, il ne faut pas perdre de vue que le principal auteur français cocité est Albert Camus, lui aussi né en Algérie. D'autre part, les cocitations de l'œuvre de Juana Inés de la Cruz sont principalement divisées entre les littératures mexicaine et espagnole, situation qui s'explique facilement, car elle est très souvent mise en relation avec des écrivains du Siècle d'or espagnol.

Lorsque nous représentons les cocitations au niveau continental, Graphique n° 6, nous observons à quel point les cocitations renvoient au continent d'appartenance de l'écrivain. En même temps, nous constatons que l'Europe demeure une importante source des cocitations.

Finalement, le Graphique n° 7 correspond aux cocitations par genre. Ukraïнка, Blixen, De La Cruz, Woolf, Gordimer et Lispector sont

principalement mises en relation avec des écrivains masculins. Frame, Djebar, Desai et Shikibu sont majoritairement cocitées avec d'autres femmes. Ainsi, il est difficile de tirer des conclusions sur les relations entre les genres des auteurs cocités.





Réflexions finales

Grâce à l'analyse des métadonnées de la bibliographie critique contenue dans la base MLAIB, nous sommes en mesure de confirmer que les

écrivaines occupent une place minoritaire dans la littérature mondiale. Elles sont nettement sous-représentées dans la majorité des littératures nationales, situation qui est très marquée en Europe. Spécifiquement, l'analyse métacritique de la bibliographie qui porte sur l'œuvre des 10 écrivaines sélectionnées nous permet de constater que les publications critiques montrent un biais vers l'anglais. Dans certains cas, nous observons que, malgré les difficultés qu'éprouvent les femmes européennes pour attirer l'attention de la critique, la plupart des auteurs cités sont européens, montrant ainsi que le Vieux Continent continue d'être la principale référence en études comparées. Dans d'autres cas, les écrivains cités sont presque exclusivement des compatriotes des écrivaines, dévoilant ainsi une circulation plutôt restreinte des œuvres signées par des femmes. Ces constats nous permettent d'affirmer que, selon nos recherches empiriques, les femmes occupent une place marginale dans la littérature mondiale, ainsi que dans la plupart des littératures nationales.

En conséquence, les résultats obtenus, qui reposent sur la loi des grands nombres et qui ont été générés par des méthodes vérifiables, confirment sans équivoque que la visibilité des femmes dans les études littéraires est extrêmement faible. Dans ce sens, comme le laisse entendre le personnage du roman de Wolitzer cité dans l'introduction de notre étude, les institutions littéraires constituent effectivement des boys' clubs. Vue ainsi, la mondialisation, tout du moins en études littéraires, semble ne concerner qu'une moitié de la population, ce qui nous fait douter de l'ouverture d'esprit dont elle se réclame.

Références

BOURDIEU, Pierre et LJD WACQUANT. *Réponses. Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Seuil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art. Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *Méditations pascaliennes*. Paris: Seuil, 1997.

COZZENS, Susan E. «*Using the Archive - Price, Derek Theory of Differences among the Sciences*», *Scientometrics* 7, p. 431-41, 1985. Dissertation Abstracts International, <http://proquest.com>.

EVEN-ZOHAR, Itamar. «*Polysystem Theory*.» *Poetics Today* 11, p. 1-268, 1990.

FERRER, Carolina. «*Les études littéraires à l'ère de la mondialisation: traces et trajets au prisme des nouveaux observables numériques*», *Zizanie* 2.1, p. 76-101, 2018, <https://www.zizanie.ca/les-etudes-litteraires-a-lere-de-la-mondialisation.html>.

FERRER, Carolina. «El boom hispanoamericano: del texto a la pantalla», In: *Nuevas aproximaciones al cine hispánico: Migraciones temporales, textuales y étnicas en el bicentenario de las independencias iberoamericanas (1810-2010)*, Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, 2011, p. 79-101.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes. La littérature au second degré*. Paris: Seuil, 1982.

GLORIEUX, Frédéric. «*Femmes de lettres, démographie (data.bnf.fr2017)*», J'attends des résultats. Fouille de documents, expériences réussies et ratées, OpenEdition 2017, <https://resultats.hypotheses.org/1048>.

GUPTA, Suman. *Globalization and Literature*. Cambridge: Polity, 2009.

LANGLAIS, Pierre-Carl. «*Les femmes ont-elles disparu de la littérature en 1830 ?*», *Sciences communes*, 2017, <https://scoms.hypotheses.org/824>.

LEYDESDORFF, Loet. «*Theories of Citation?*» *Scientometrics*, no 43, p. 5-25, 1998. ^[1] _[SEP]

Modern Language Association International Bibliography. www.mla.org.

NANCY Jean-Luc. *La création du monde ou la mondialisation*. Paris: Galilée, 2002.

PLANTÉ, Christine. «*La place des femmes dans l'histoire littéraire : annexe, ou point de départ d'une relecture critique ?*», *Revue d'histoire littéraire de la France* 103.3, p. 655-668, 2003.

PRENDERGAST, Christopher (dir.). *Debating World Literature*. Londres: Verso, 2004.

PRICE, Derek de Solla. 1963. *Little Science, Big Science*. New York: Columbia University Press.

SAUSSY, Haun (dir.). *Comparative Literature in an Age of Globalization*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2006.

SMALL, Henry. 1973. «*Co-citation in the Scientific Literature: A New Measure of the Relationship Between Two Documents.*» *Journal of the American Society for Information Science* 24, p. 265-69.

The Wife, réal. Björn RUNGE, act. Jonathan PRYCE, Glenn CLOSE, 2017.

UNDERWOOD, Ted and David BAMMAN. «*The Gender Balance of Fiction, 1800-2007*», *The Stone and the Shell*, 2016, <https://tedunderwood.com/2016/12/28/the-gender-balance-of-fiction-1800-2007/>.

United Nations, <http://data.un.org/Default.aspx>.

VAN REES, Kees. «*Modelling the Literary Field: From System-Theoretical Speculation to Empirical Testing*», *Canadian Review of Comparative Literature/Revue Canadienne de Littérature Comparée*, March/mars, p. 91-101, 1997.

WOLITZER, Meg. *The Wife*. New York: Simon and Schuster, 2003.

ZHANG, Longxi. «The Changing Concept of World Literature». *World literature in Theory*. David DAMROSCH (dir.). Malden: Wiley Blackwell, 2014, p. 513-523.

Recebido em 27 de maio de 2019.

Aceito em 15 de junho de 2019.

ÉTHIQUE DE LA RENCONTRE ET PENSEE DECOLONIALE: ECRIVAINES AMERINDIENNES ET SUBSAHARIENNES

Carmen Mata Barreiro¹

Résumé: Dans ce début du XXI^e siècle, des écrivaines originaires de territoires perçus comme périphériques, les univers amérindien et subsaharien, revendiquent non seulement l'espace de la parole mais surtout la décolonisation et le décentrement de la pensée. Faisant partie des « Ateliers de la pensée » en Afrique (cf. Léonora Miano) ou participant à des expériences d'écritures croisées comme *Aimititau! Parlons-nous!* (2008) et *Uashtessiu/Lumière d'automne* (2010), dans lesquelles les écrivaines amérindiennes Joséphine Bacon et Rita Mestokosho se sont engagées, elles invitent nos sociétés à faire un travail de mémoire et à penser et construire ensemble le monde. Une démarche philosophique, politique et littéraire, nourrie par une éthique de la rencontre.

Mots-clés: amérindien, subsaharien, mémoire, réappropriation

ÉTICA DEL ENCUENTRO Y PENSAMIENTO DESCOLONIAL: ESCRITORAS AMERINDIAS Y SUBSAHARIANAS

Resumen: En este inicio del siglo XXI, escritoras originarias de territorios percibidos como periféricos, los universos amerindio y subsahariano, reivindicamos no sólo el espacio de la palabra sino, sobre todo, la descolonización y la descentralización del pensamiento. Formando parte de los "Talleres del pensamiento" en África (cfr. Léonora Miano) o participando en experiencias de intercambio de textos como *Aimititau! Parlons-nous!* (2008) y *Uashtessiu/Lumière d'automne* (2010), en las que las escritoras amerindias Joséphine Bacon y Rita Mestokosho se han implicado, invitan a nuestras sociedades a realizar un trabajo de memoria y a pensar y construir juntas el mundo. Un planteamiento filosófico, político y literario, nutrido por una ética del encuentro.

Conceptos clave: amerindio, subsahariano, memoria, reapropiación.

Nous constatons que, à la maturité et à l'énergie de leurs voix répondez actuellement la maturité et l'énergie dans la visibilité éditoriale et dans la réception de la critique universitaire. Le chemin parcouru s'avère

¹ Professora titular da Universidade Autónoma de Madri. Professora convidada na Universidade de Montreal. Membro do Conselho de Administração da Associação Internacional dos Estudos Quebequenses (AIEQ) e pesquisadora internacional do CIRM/CRIEM, Centro de pesquisas interdisciplinares sobre Montreal. Endereço eletrônico: carmatba@idecnet.com.

remarquable. Ainsi, en ce qui concerne la littérature amérindienne, Diane Boudreau, dans l'Introduction de son *Histoire de la littérature amérindienne au Québec*, écrivait en 1993 : « Il ne s'agit pas ici de reconnaître à tout prix la légitimité de cette littérature, [...] il est plus que temps que nous apprenions à connaître et à apprécier une littérature d'ici » (BOUDREAU, 1993, p. 18), et manifestait « l'espoir que [la littérature amérindienne] soit un jour reconnue » (BOUDREAU, 1993, p. 18). En 2007, des écrivains de nation wendate, crie, mi'kmaq, métisse, nippissing, dénée, tépéhuane, kiowa et innue -dont Joséphine Bacon et Rita Mestokosho-, ont construit un projet d'écritures croisées avec des écrivains québécois qui a été dénommé *Aimititau ! Parlons-nous !*, publié par Mémoire d'encrier en 2008 et dirigé par Laure Morali. Et cette expérience de dialogue et de rencontre a donné lieu à deux autres projets, basés sur le même principe et traduisant le même élan, à savoir *Uashtessiu/ Lumière d'automne*, de Rita Mestokosho et Jean Désy (Mémoire d'encrier, 2010), et *Nous sommes tous des sauvages*, de Joséphine Bacon et José Acquelin (Mémoire d'encrier, 2011). Louis-Karl Picard-Siouï, écrivain, anthropologue et historien Wendat, dans la préface du livre *Nous sommes des histoires. Réflexions sur la littérature autochtone*, publié en 2018, mettait en relief « la richesse et la diversité des œuvres publiées au cours des quarante dernières années, avec une accélération notable de la production au XXI^e siècle » (JEANNOTTE, LAMY et ST-AMAND, dirs, 2018, p. 6), et soulignait que cette littérature autochtone d'expression française « raconte notre humanité » : « il s'agit avant tout d'histoires humaines. Et donc, au potentiel universel » (*ibid.*, 2018, p. 7). Et Joséphine Bacon, Natasha Kanapé Fontaine et Marie-Andrée Gill ont participé à la prise de parole, avec 38 autres poètes québécoises, « d'ici et d'ailleurs », dans *Femmes rapaillées* (DUVAL et YOUNSI, dirs, 2016), en vue d'honorer l'héritage et de s'engager dans l'avenir, et faire partie de ce qu'une autre poète invitée, Marie-Célie Agnant, a appelé un « chant ininterrompu » : « les femmes/ vois-tu/ sont un chant ininterrompu » (AGNANT, *in* DUVAL et YOUNSI, dirs, 2016, p. 5, 61).

Il semblerait donc que la représentation de la littérature amérindienne comme une « littérature de survie » et de « résistance », proposée par Diane Boudreau (1993) et par Barbara Godard (« resistance writing », GODARD, 1990, p. 198-199) devrait être remise en question de nos

jours. La volonté d'affirmation et l'éthique de la rencontre constituent des moteurs de la littérature amérindienne (GATTI, 2009 [2004]) ou autochtone (HAREL, 2017)² du XXI^e siècle, et cette volonté est exprimée dans l'épigraphe en tête du collectif *Aimititau ! Parlons-nous !*, en empruntant les paroles de l'un des représentants majeurs de la pensée d'Afrique subsaharienne actuelle, Achille Mbembe:

Le Monde à venir sera fondé non seulement sur une éthique de la rencontre, mais également sur le partage des singularités [...] C'est à la faveur de ce partage et de cette communicabilité que nous produisons l'humanité. (MBEMBE, 2007, p. 10)

La littérature africaine subsaharienne: Léonora Miano

En ce qui concerne la littérature subsaharienne d'expression française, la génération que l'écrivain Abdourahman A. Waberi a appelée « les enfants de la postcolonie » (WABERI, 1998) et dont font partie Alain Mabanckou, Sami Tchak, Fatou Diome, Calixthe Beyala et Léonora Miano, a entrepris un travail d'élaboration d'une pensée critique qui remet en cause la prépondérance du discours occidental et tient à proposer des approches renouvelées et des concepts innovants qui aident à relire le monde et à produire de nouvelles intelligibilités sur les réalités et les devenirs de l'Afrique. La visibilité de la vitalité et la puissance de leur travail s'expose dans des publications récentes telles que *Penser et écrire l'Afrique aujourd'hui* (2017), dirigé par Alain Mabanckou, et *Écrire l'Afrique-Monde* (2017), fruit de la réflexion d'écrivains tels que Léonora Miano, Alain Mabanckou, Sami Tchak, en dialogue avec des intellectuels comme Achille Mbembe et Souleymane Bachir Diagne, dans le cadre des Ateliers de la pensée tenus à Dakar et à Saint-Louis-du-Sénégal en 2016.

À l'intérieur de la génération des « enfants de la postcolonie », Léonora Miano propose une littérature qui –disait-elle en 2012- « réfléchit

² Maurizio Gatti, auteur de *Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française* (2004, 2009), revendique le terme « amérindien » plutôt qu'autochtone « parce qu'il [lui] semble plus précis et sans équivoque » (GATTI, 2009 [2004], p. 13). Simon Harel choisit l'épithète « autochtone » dans sa récente étude *Place aux littératures autochtones* (2017), où il explique que « l'emploi des termes « autochtone » et « autochtonie » n'est pas anodin : il s'agit de signaler la présence d'un essentialisme nécessaire à la résistance néocoloniale, ici d'un point de vue culturel » (HAREL, 2017, p. 119, note 10).

autant qu'elle raconte » (MIANO, 2012, p. 7), en romancière et en essayiste. Sa posture d'affirmation et de dialogue détermine le choix et la configuration des genres qu'elle investit, sa posture « diasporale » (MALELA, 2011, p. 163), -se définissant comme une auteure « d'expression française, mais de culture africaine et afro-américaine » (MIANO, *Afropean soul et autres nouvelles* – entretien-, 2008, p. 94)-, ainsi que son identification avec une « identité frontalière » associée à une perception de la frontière non pas comme un lieu de rupture mais comme un espace de rencontre et « d'accolement permanent » (MIANO, 2012, p. 25).

Son œuvre est constituée de sept romans dont le premier, *L'intérieur de la nuit*, a été publié en 2005, et de trois recueils de textes, *Écrits pour la parole* (2012), conçus pour le théâtre, et *Habiter la frontière* (2012) et *L'impératif transgressif. Communications – Réflexions* (2016a), des essais où Miano approfondit les problématiques de l'identité, de l'histoire et de la mémoire d'Afrique subsaharienne et des afrodescendants, en intellectualisant sa perspective critique.

En effet, l'un des traits caractéristiques de l'œuvre de Léonora Miano est le dialogue voire l'alliage entre création et théorie et entre écriture réflexive et dimension politique. Ainsi, dans le roman *Les aubes écarlates. « Sankofa cry »* (2009), l'un de ses romans du triptyque sur l'Afrique et la traite négrière, c'est le péritexte qui accueille la réflexion de Nathalie Etoke sur l'élaboration d'une conscience diasporique, qu'elle nomme « Melancholia Africana », « concept extensible qui examine comment les Noirs gèrent la perte, le deuil et la survie » (ETOKE *in* Miano, 2009, p. 270-271) ; et ce concept nourrit le premier volume, *Melancholy* (2016b), de son roman choral *Crépuscule du tourment* (MIANO, 2016-2017), auquel répond, en 2017, le second volume, *Heritage*. Et dans *L'impératif transgressif. Communications – Réflexions* (MIANO, 2016a), l'écrivaine cherche à contribuer à la « réhabilitation de la conscience de soi au sud du Sahara » (MIANO, 2016a, p. 7) tout en proposant un apport épistémologique.

Imaginaire décolonial, récit sur l'histoire et discours: approche comparative

Dans les deux univers littéraires que nous abordons ici, les écrivaines étudiées entreprennent un travail d'écoute et un « travail de mémoire » (RICOEUR, 2000), ainsi qu'un travail de déconstruction de discours et de concepts.

Travail de mémoire et « écriture du traumatisme » (ST-AMAND, 2010)

« [L]effacement de la mémoire e[st] un des premiers gestes de la domination » (MIANO, 2017, p. 112), et le travail de mémoire tarde à se mettre en place sur le continent africain. Léonora Miano propose de « libérer la parole » et de « briser ses propres silences pour se dire pleinement » (MIANO, *L'impératif transgressif*, 2016a, p. 63):

Peu importe, au fond, que l'Occident ne soit pas pressé de modifier son regard sur nous, pour nous étreindre fraternellement. Il nous appartient d'effectuer ce mouvement en direction de nous-mêmes. Il nous appartient de retourner à nous-mêmes [...] afin que nous ne soyons, à nos propres yeux, que l'image façonnée par d'autres. C'est à nous qu'incombe la tâche de dire, non pas comment nous sommes, mais qui. C'est à ce prix qu'auront lieu les nécessaires échanges qui manquent encore. (MIANO, 2016a, p. 62-63).

La Déportation transatlantique des Subsahariens lui semble être « le grand impensé des littératures subsahariennes » (MIANO, 2016a, p. 63). Une violence et une blessure qui touche les populations descendantes des Subsahariens déportés aux Amériques et aussi une violence sur le sol ancestral, une violence qui « endeuille et mutile » (MIANO, 2017, p. 111): « nous sommes certes les descendants de nos ancêtres, mais nous sommes surtout le fruit des violences qui leur furent infligées » (MIANO, 2017, p. 111). Les récits de la capture, la déportation, la plantation, la colonie et l'exclusion sociale, qui sont

l'héritage reçu par les Afrodescendants et les Afropéens³, s'avèrent incontournables en vue d'entreprendre le chemin de « la fraternité » (MIANO, 2016a, p. 87).

À cela s'ajoute une autre violence, celle inhérente à la colonisation par l'Europe de l'Ouest. Une colonisation de l'imaginaire poussée par une volonté d'assimilation d'une Europe « conquérante et prédatrice » (MIANO, 2017, p. 102), qui tient à imposer des éléments inconciliables avec les systèmes de pensée locaux et qui sont susceptibles de dévitaliser les sociétés qu'ils inoculent, sur le plan collectif et sur le plan intime. Ainsi, dans le premier volume du roman *Crépuscule du tourment* (2016-2017), *Melancholy* (MIANO, 2016b), où quatre femmes s'adressent au même homme, la première femme, « Madame », sa mère, en évoquant les « blessures souterraines » (2016b, p. 9), la « fêlure » (2016b, p. 10) et la « faille » (2016b, p. 10), se penche sur la colonisation religieuse, sur l'assujettissement à des normes qui emprisonnaient les corps des femmes et sur la soumission à des récits qui leur étaient incompréhensibles:

Nos aînées nous envoyèrent à l'église, au temple. Le corps contraint par des tenues ajustées à la taille. Les seins emprisonnés dans les armatures métalliques du soutien-gorge. [...] On saluait la Vierge, l'Immaculée, qu'une prophétie avait rendue grosse. [...] Je me suis longtemps demandé ce qu'il y avait à tirer d'une telle figure, pour une femme vivant sur cette terre. Quels étaient les mérites de cette Vierge, de façon concrète. Sainte Marie, Mère de Dieu... Éluë entre toutes pour enfanter un illuminé, [...] Que ne dirait-on pas, de par le monde, si nous avions été les auteurs de semblables billevesées. (MIANO, 2016b, p. 14-15)

Chez les écrivaines amérindiennes, l'écriture de la rupture et de la perte exprime la violence inhérente à la colonisation et à la dépossession, qui touche la terre, l'imaginaire, l'identité et le corps des femmes.

Certaines écrivaines expriment la colère et la résistance aux différentes manifestations de violence subie. Le récit de l'Innuë An Antane Kapesh, *Je suis une maudite sauvagesse/Eukuan nin matshimanitu innu-*

³ Afropéens : contraction d'Afroeuropéens.

iskueu, a ouvert la voie en 1976. Il s'agit du récit de son expérience des relations avec le « Blanc » sur son territoire, le *Nitassinan*, un livre de mémoire pour les Innues et les Innus, et de dialogue avec les allochtones. La violence de son écriture traduit sa posture politique de résistance à la colonisation ainsi que son amour et sa fierté du mode de vie traditionnel, l'*innu aitun*. Elle dénonce et analyse la violence provoquée par le « Blanc » comme catégorie politique *d'habitation* (MAILHOT, 2017, p. 30) : la violence déterminée par son rapport au territoire qui entraîne sa destruction, par sa mise en récit de la colonisation et par son regard sur les Amérindiens qui exprime le manque de considération à leur égard, perçus comme « des êtres non civilisés » (ANTANE KAPESH, 1976, p. 155).

Au XXI^e siècle, la blessure s'exprime particulièrement dans la poésie. Dans le poème « Je suis la *Femme Rapaillée* », intégré dans le collectif *Femmes rapaillées* (2016), Natasha Kanapé Fontaine, poète, slameuse, peintre et comédienne innue, évoque le rapport au territoire et se focalise sur la violence à l'encontre des femmes autochtones, violence systémique qui découle des traumatismes issus de la colonisation⁴:

Je suis la *femme rapaillée* en vos recueils
que vous cachez au fond de vos mots
dissimulée sous les années de peur
les siècles de grande noirceur
vous m'avez oubliée au fond d'un tiroir
je suis la *femme rapaillée* en vos cercueils
profanés par les terrains de golf
et les condominiums au bord du fleuve [...]
je suis la *femme rapaillée* en vos orgueils
la déesse morte
la ressource naturelle
exploitée prostituée dégueulée
je suis la *femme rapaillée* sur vos seuils
la jupe déchirée
visage contre asphalte
sur le bord de vos routes

⁴ En 2014 et 2015, deux ouvrages visent à mettre fin au silence sur le féminicide touchant les filles et les femmes autochtones au Canada et au Québec : Emmanuelle Walter, *Sœurs volées : enquête sur un féminicide au Canada*, Montréal, Lux Éditeur, 2014, et le rapport de Femmes Autochtones du Québec (FAQ), *Nânâwig Mâmawé Nînawind. Debout et solidaires. Femmes autochtones disparues ou assassinées au Québec*, Kahnawake, Femmes autochtones du Québec, 2015.

les gencives hachurées (KANAPÉ FONTAINE, 2016, p. 169-170)

Joséphine Bacon, Innue de Betsiamites, fait face au « silence » (BACON, 2009, p. 56) et a recours à la poésie pour exprimer sa douleur et sa lutte « dans une colère tranquille » (BACON, 2018, p. 44). Dans son premier recueil de poésie *Bâtons à message. Tshissinuatsshitakana* (2009), elle évoque la rupture dans la transmission des valeurs culturelles et de l'identité, subie dans son enfance et adolescence au pensionnat, ce que le rapport final de la Commission de vérité et réconciliation du Canada dénomme « génocide culturel⁵ » :

J'ai su écrire en lisant
le *Tshishe-Manitu*⁶ des missels.
Je n'étais pas esclave,
Dieu a fait de moi son esclave.
J'ai cru, j'ai chanté ses louanges.
Indien donc indigne,
je crois en Dieu.
Dieu appartient aux Blancs.
Je suis sédentaire. (BACON, 2009, p. 80).

De la blessure aux « cicatrices »

Léonora Miano rejoint Joséphine Bacon dans l'idée de la cohabitation entre la prise de conscience de se savoir issue de profondes blessures et la représentation des « cicatrices » comme une voie de résilience. Bacon évoque les « cicatrices qui pardonnent » (BACON, 2018, p. 36) dans son recueil *Uiesh. Quelque part* (2018). Léonora Miano écrit que « c'est sur le sol ancestral qu'il faut se confronter aux conséquences de la violence, apprendre à en arborer avec grâce les cicatrices » (MIANO, 2017, p. 107) pour réussir à construire « une *africanité* guérie de ses meurtrissures » (MIANO, 2017, p. 109).

Décoloniser le langage

Léonora Miano et Joséphine Bacon abordent une autre manifestation de dépossession, à savoir les désignations traduisant le discours de l'autre sur

⁵ Commission de vérité et réconciliation du Canada, *Honorer la vérité, réconcilier pour l'avenir. Sommaire du rapport final de la Commission de vérité et réconciliation du Canada*, 2015, p. 1.

⁶ *Tshishe-Manitu*: Dieu ou le Grand esprit, "Lexique", Bacon, 2009, p. 139.

soi : Afrique et Africains, Noirs et Sauvages. Dans un article faisant partie du collectif *Écrire l'Afrique-Monde* (2017), Miano se penche sur le nom *Afrique* « inconnu de nos ancêtres précoloniaux, et cependant devenu nôtre » (MIANO, 2017, p. 103). Plutôt que de l'extirper et de le remplacer, Miano propose d'en interroger les significations pour les Africains, « pour nous-mêmes » (MIANO, 2017, p. 106). *Afrique* devrait être perçue non pas comme une simple désignation mais comme une « narration, une histoire déjà multiséculaire dont il convient aujourd'hui de forger le sens afin de la posséder pleinement » (MIANO, 2017, p. 106).

La volonté de dépasser la blessure rejoint ainsi, sur le plan du langage, la volonté de dépasser le stigmate. Il ne s'agit pas de nier ou d'oublier le fait que « [l]es langues, qui sont des systèmes de pensée, ont été des instruments d'assujettissement, les outils d'une pénétration par effraction au cœur de visions du monde qu'elles ont contribué à brouiller » (MIANO, 2017, p. 106). Mais l'écrivaine envisage « une pensée d'*Afrique* renouvelée » (MIANO, 2017, p. 109), « un projet de civilisation original et souverain » (MIANO, 2017, p. 113), qui se fonderait sur les « universaux subsahariens [...] et diasporiques » (MIANO, 2017, p. 109, 114) dont la *melancholia africana*⁷ que Nathalie Etoke présente comme une aptitude à « résister au déclin, à révéler la vie contre tout ce qui s'évertue à la profaner » (ETOKE, 2010, p. 28). D'après Miano, la *melancholia africana* « émane des forces spirituelles de peuples auxquels elle permet de se hisser au-dessus de la douleur » (MIANO, 2017, p. 114).

En ce qui concerne l'épithète « Noirs », c'est le personnage d'Amandla, du roman choral *Crépuscule du tourment. I. Melancholy*, qui y réfléchit particulièrement. Amandla, afrodescendante, originaire de « [c]e pas coincé entre Brésil et Surinam. [...] La terre de déportation » (MIANO, 2016b, p. 100, 99), refuse « le nom racial de Noirs pour nous désigner » (MIANO, 2016b, p. 82), qui ne fit jamais référence à leurs « trente-six carnations » (MIANO, 2016b, p. 83). Sa mère, Aligossi, lui avait appris à « récuser les appellations par lesquelles notre identité fut bafouée » (MIANO, 2016b, p. 82), et elle estime que ce nom racial fait partie du processus de dépossession et de réification entrepris par les envahisseurs du temps jadis: « [j]ustifier la dispersion

⁷ Nathalie Etoke, *Melancholia Africana, L'indispensable dépassement de la condition noire*, Paris, Éditions du Cygne, 2010.

transatlantique. Faire de nous des biens meubles que l'on achèterait à tempérament. Des bêtes que l'on marquerait au fer rouge avant de les baptiser selon le rite chrétien » (MIANO, 2016b, p. 82-83).

Dans le livre *Nous sommes tous des sauvages* (2011), présenté comme « chronique », la poète innue Joséphine Bacon est accompagnée par le poète québécois José Acquelin dans son approche de cette épithète qui traduit le mépris accumulé par l'Europe colonisatrice. Dès leur poème « Avant nous », qu'ils cosignent en guise d'introduction, nous constatons la volonté d'affranchir ce mot de « la grandiose illusion civilisatrice » (cf. HAMELIN, « Postface », p. 67) et de le ré-enraciner, en ayant recours à la poésie:

j'attends un commencement
qui ne peut finir
l'accusation brève culpabilise
le sauvage que nous sommes [...]
dans l'éclat de vos rires-larmes
se trouve
notre poésie
José
Joséphine (BACON et ACQUELIN, 2011, p. 9)

Joséphine Bacon dénonce le refus de regarder et d'écouter l'autre autochtone, qui est sous-jacent à cette désignation, et revendique le droit à une identité et à un récit:

je rêve d'un seul récit
qui dicterait sans faute
toute une vie vécue
tu ne me regardes pas
tu ne me vois pas
tu ne m'entends pas
tu ne m'écoutes pas
tu ne me parles pas
tu es ici en conquérant de ma Terre
tu m'emprisonnes dans ma Terre
tu me privés de mon identité
tu me privés de mon territoire [...]
qui suis-je ?
Joséphine, (BACON et ACQUELIN, 2011, p. 10)

À la fin de ce chemin de réflexion poétique, Joséphine Bacon dénomme son univers et met en relief son appartenance au genre humain, à l'humanité:

ma richesse s'appelle
saumon
ma maison s'appelle
caribou
mon feu s'appelle
épinette noire
mon canot s'appelle
boulot
ma robe s'appelle
lichen
ma coiffe s'appelle
aigle
mon chant s'appelle
tambour
moi je m'appelle
humain

Joséphine (BACON et ACQUELIN, 2011, p. 63)

Ce poème, le dernier que Joséphine Bacon signe en solo dans *Nous sommes tous des sauvages*, est une profession de foi qui revendique son appartenance à l'humanité et aussi à un territoire innu, le *Nutshimit*, l'intérieur des terres, terres ancestrales, espace géosymbolique chargé de significations.

La réappropriation culturelle : langue, langages et territoire

Dans l'œuvre de Joséphine Bacon, le *Nutshimit* est perçu comme un territoire-sanctuaire, un espace de communion avec un ensemble de signes et de valeurs, un espace où elle a recours au langage des « bâtons à message⁸ » comme geste et trace visuelle de transmission et de partage :

Quelque part
Dans le Nutshimit
Je suis chez moi

⁸ Son premier recueil de poèmes a comme titre *Bâtons à message. Tshissinuutshitakana*, Montréal, Mémoire d'encrier, 2009.

Sans adresse réelle
Ma rue s'appelle chemin de portage
Demain je remonterai la rivière
Retrouver mes bâtons à message
Quelque part
Dans le Nutshimit
Quelque part
La grandeur
De la Terre (BACON, 2018, p.120)

De même que dans le roman *Kuessipan. À toi* (2011), de la jeune écrivaine innue Naomi Fontaine, le *je* énonciateur du recueil *Uiesh. Quelque part* de Bacon part au *Nutshimit* pour « entendre ce que la terre de ses ancêtres a à lui dire » (FONTAINE, 2011, p. 66). Le territoire devient ainsi un « lieu de mémoire » (NORA, 1984-1992) où s'enracine la pensée innue, et où se met en scène sa communion avec la nature et avec ses mythes :

J'ai souvenir de Shuaushemiss
Grand-père chasseur
Je le revois avec son tambour
Il chante une femme aux cheveux blancs
Son chant pousse à la danse (BACON, 2018, p. 50)

La poésie devient ainsi, dans l'œuvre de Bacon, la voie de son ré-enracinement, de la lutte contre la dépossession. Les poèmes, en français et en innu-aimun, lui permettent de rejoindre l'oralité (« La tradition orale rassure mes peurs/ de blanc-mémoire », Bacon, *Un thé dans la toundra. Nipishapui nete mushuat*, 2013, p. 56) et « L'âme de la langue/ De mes ancêtres », qu'elle dépeint comme « un son/ Né du cri de la rivière » (Bacon *in Aimititau ! Parlons-nous !*, dir. par Laure Morali, 2017, p. 304).

L'évocation des ancêtres –« les ancêtres sont en nous, [...] ils nous accompagnent où que nous soyons » (MIANO, 2017, p. 112)- et la revendication d'une « pensée afrophonique » (MIANO, 2016a, p. 69), qui fait converger l'expression en langues subsahariennes et « des contenus, des ressources où puiser pour forger de nouvelles subjectivations » (MIANO, 2016a, p. 99), sont perçus et conçus par Miano comme un patrimoine et une « parole transnationale et culturellement transversale [...] pour penser [...] ce que doit être l'apport du continent à la marche du monde » (MIANO, 2016a, p. 99-100).

L'« afrophonie », telle qu'elle l'envisage, est « le discours qui s'énonce entre Subsahariens » ainsi que « la mise en dialogue, par les Subsahariens et les Afrodescendants de leurs expériences » (MIANO, 2016a, p. 99-100).

La dimension éducative de l'afrophonie et l'importance de la transmission aux jeunes gens du patrimoine touchant les cultures et les sensibilités associées aux langues subsahariennes et afrodescendantes sont évoquées dans des essais de Miano tels que *L'impératif transgressif*, et incarnées dans des personnages féminins du roman *Crépuscule du tourment. I. Melancholy*. Ainsi, Amandla, consciente de ce qu'on « nous a dérobé. [...] Des morceaux de notre âme » (MIANO, 2016b, p. 89), réfléchit sur « [c]omment redevenir nous-mêmes en totalité » (MIANO, 2016b, p. 89), et se consacre à « restaurer notre vision du monde [...] [et à] [n]ous restituer l'usage de la parole » (MIANO, 2016b, p. 106). Ayant quitté le Nord et s'étant installée en Afrique subsaharienne, sur « la Terre première » (MIANO, 2016b, p. 84), elle transmet « notre tradition intellectuelle et spirituelle » en vue d'« inventer notre modernité » (MIANO, 2016b, p. 106). Ce sont surtout les enfants qui sont les destinataires de cette transmission. Amandla partage avec eux la mémoire des « résistants du Continent » (MIANO, 2016b, p. 106), afin qu'ils prennent conscience du fait que les peuples africains ont eu du courage face aux envahisseurs, mais que « [n]ous n'étions pas assez sauvages pour affronter leur barbarie » (MIANO, 2016b, p. 106). Elle leur dévoile des périodes douloureuses de leur Histoire : « Les travaux forcés. Les déplacements de populations. Le code de l'indigénat. La ségrégation raciale. Le génocide des Hereros » (MIANO, 2016b, p. 107). Et face à leur colère, elle les calme en leur expliquant que, plutôt que de « haïr » (MIANO, 2016b, p. 107), il serait plus important de travailler pour « rebâtir », pour « nous réparer [...] sans haine » (MIANO, 2016b, p. 107).

En guise de conclusion : reconnaître l'autre, construire ensemble

Léonora Miano et Joséphine Bacon –de même que Rita Mestokosho, Naomi Fontaine et Natasha Kanapé Fontaine– invitent les lecteurs autochtones et allochtones, africains, afrodescendants et afropéens, à se reconnaître eux-mêmes et les uns les autres ; elles luttent pour que leurs

peuples soient respectés dans leur humanité, leur complexité et la force de leur tradition et de leur imaginaire.

« Se libérer de la domination –écrivait Miano dans *L'impératif transgressif*, c'est aussi refuser de lui emprunter ses méthodes : la négation de l'autre, son enfermement dans une altérité négative. S'affranchir de la domination, c'est s'attacher à diffuser d'autres valeurs, absolument » (MIANO, 2016a, p. 101)

Leur posture d'affirmation et leur volonté de rencontre et de dialogue cherchent à replacer leurs peuples dans la conscience humaine globale. Elles participent à une prise de conscience de l'urgence du décentrement du regard et de l'affranchissement de l'eurocentrisme en rejoignant ainsi la lutte d'historiens de différentes cultures historiographiques tels que Patrick Boucheron, co-auteur de *Pour une histoire-monde* (2013), Jack Goody, auteur de *Le vol de l'histoire. Comment l'Europe a imposé le récit de son passé au reste du monde* (2010 [2006], *The Theft of History*) et Josep Fontana, auteur de *Europa ante el espejo* (Barcelone, 2000 [1994]).

Elles rejoignent aussi la réflexion d'une écrivaine et sociologue mohawk, Patricia A. Monture, qui, dans un article intitulé « Les mots des femmes [*Women's Words*]. Pouvoir, identité et souveraineté indigène », souligne que les récits de son peuple, les Haudenosaunee, enseignent ce que sont « l'identité et la responsabilité » (MONTURE, 2017 [2008], p. 15), et que « écrire, pour plusieurs auteurs ou auteures indigènes, est souvent un geste qui qualifie à la fois le pouvoir et l'exclusion, [...] [que] ce geste d'affirmation est souvent conçu comme le fait d'une résistance, alors que, bien souvent, c'est un geste de (ré)appropriation » (MONTURE, 2017 [2008], p. 20).

Monture s'y penche sur les différences entre les écrits européens, africains et ceux des Premières Nations, sur le plan du lieu de la connaissance et de l'énonciation, et a recours à l'analyse de Gloria Ladson-Billings (2000) :

Quand René Descartes a affirmé que son geste de pensée l'amenait à l'existence, il articulait du même coup un *a priori* fondamental de la vision du monde et de l'épistémologie européennes (et euro-américaines), à savoir que la conscience de l'individu est la source du savoir et de l'existence. On peut lui opposer ce dicton

africain, « Ubuntu », que l'on peut traduire par « je suis parce que nous sommes », qui affirme que l'expérience individuelle (et la connaissance) dépend des relations que nous entretenons avec les autres. (LADSON-BILLINGS, 2000, p. 257).

L'étude de l'œuvre des écrivaines amérindiennes et subsaharienne que nous avons abordée ici, dans une approche transdisciplinaire où le genre et la dimension politique constituent des éléments importants de l'analyse, fait apparaître des voix puissantes qui exposent des problématiques telles que la sororité et l'homosexualité féminine en Afrique, la violence issue de la colonisation, le rapport au territoire, l'imaginaire politique, le racisme, et le pouvoir des mots.

Ces écritures au féminin s'avèrent incontournables en vue de mieux connaître les blessures du passé et leurs traces et afin de construire l'avenir sur les piliers de la lucidité, la vérité et l'éthique.

Références

ANTANE KAPESH, An (1976), *Eukuan nin matshimanitu innu-iskueu/Je suis une maudite sauvagesse*, Montréal, Leméac, coll. « Dossiers ».

BACON, Joséphine (2009), *Bâtons à message. Tshissinuatshitakana*, Montréal, Mémoire d'encrier.

BACON, Joséphine (2013), *Un thé dans la toundra. Nipishapui nete mushuat*, Montréal, Mémoire d'encrier.

BACON, Joséphine (2018), *Uiesh. Quelque part*, Montréal, Mémoire d'encrier.

BACON, Joséphine et ACQUELIN, José (2011), *Nous sommes tous des sauvages. Chronique*, Montréal, Mémoire d'encrier.

BOUCHERON, Patrick et DELALANDE, Nicolas (2013), *Pour une histoire-monde*, Paris, Presses Universitaires de France, coll. « La Vie des Idées ».

BOUDREAU, Diane (1993), *Histoire de la littérature amérindienne au Québec : oralité et écriture*, Montréal, L'Hexagone, coll. « Essai ».

DUVAL, Isabelle et YOUNSI, Ouanessa (dir), *Femmes rapaillées*, Montréal, Mémoire d'encrier.

ETOKE, Nathalie (2010), *Melancholia Africana. L'indispensable dépassement de la condition noire*, Paris, Éditions du Cygne.

FONTAINE, Naomi (2011), *Kuessipan. À toi*, roman, Montréal, Mémoire d'encrier.

FONTANA, Josep (2000 [1994]), *Europa ante el espejo*, Barcelona, Ed. Crítica.

GATTI, Maurizio (2009 [2004]), *Littérature amérindienne du Québec. Écrits de langue française*, Montréal, Bibliothèque québécoise.

GODARD, Barbara (1990), « The Politics of Representation: Some Native Canadian Women Writers », in NEW, W.H. (dir), *Native Writers, Canadian Writing*, Vancouver, University of British Columbia Press, p. 183-225.

GOODY, Jack (2010 [2006]), *Le vol de l'histoire. Comment l'Europe a imposé le récit de son passé au reste du monde [The Theft of History]*, Paris, Gallimard, coll. « Folio Histoire ».

HAMELIN, Louis (2011), « Postface. Développement sauvage », in BACON, Joséphine et ACQUELIN, José, *Nous sommes tous des sauvages*, Montréal, Mémoire d'encrier, p. 67-70.

HAREL, Simon (2017), *Place aux littératures autochtones*, Montréal, Mémoire d'encrier.

JEANNOTTE, Marie-Hélène, LAMY, Jonathan et ST-AMAND, Isabelle (dirs) (2018), *Nous sommes des histoires. Réflexions sur la littérature autochtone*, Montréal, Mémoire d'encrier.

KANAPÉ FONTAINE, Natasha (2016), « Je suis la *Femme Rapailée* », in DUVAL, Isabelle et YOUNSI, Ouanessa (dirs), *Femmes rapaillées*, Montréal, Mémoire d'encrier, p. 166-171.

LADSON-BILLINGS, Gloria (2000), « Racialized Discourses and Ethnic Epistemologies », in DENZIN, Norman K. et LINCOLN, Yvonna S. (dirs), *Handbook of Qualitative Research*, Thousand Oaks, Sage Publications.

MABANCKOU, Alain (dir) (2017), *Penser et écrire l'Afrique aujourd'hui*, Paris, Seuil.

MAILHOT, Amélie-Anne (2017), « La perspective de l'habitation politique dans *Je suis une maudite sauvagesse/Eukuan nin matshimanitu innu-iskueu* d'An Antane Kapesh », *Recherches féministes*, vol. 30, n° 1, p. 29-45.

MALELA, Buata B. (2011), « Jeu littéraire et transformation du sujet *diasporal*: La postmodernité de Léonora Miano », *Revue de l'Université de Moncton*, vol. 42, n° 1-2, p. 153-174.

MBEMBE, Achille (2007), « Francophonie et politique du Monde », p. 1-11, www.congopage.com

MBEMBE, Achille et SARR, Felwine (dir) (2017), *Écrire l'Afrique-Monde*, Dakar, Philippe Rey/Jimsaan.

MESTOKOSHO, Rita et DÉSY, Jean (2010), *Uashtessiu/Lumière d'automne*, Montréal, Mémoire d'encrier.

MIANO, Léonora (2008), *Afropean soul et autres nouvelles*, Flammarion, Coll. « Étonnants Classiques ».

MIANO, Léonora (2009), *Les aubes écarlates. « Sankofa cry »*, Paris, Éd. Plon.

MIANO, Léonora (2012), *Habiter la frontière. Conférences*, Paris, L'Arche Éditeur.

MIANO, Léonora (2016a), *L'impératif transgressif. Communications-Réflexions*, Paris, L'Arche Éditeur.

MIANO, Léonora (2016b), *Crépuscule du tourment. I. Melancholy*, Paris, Bernard Grasset.

MIANO, Léonora (2017), « De quoi Afrique est-il le nom », in MBEMBE, Achille et SARR, Felwine (dir), *Écrire l'Afrique-Monde*, Dakar, Philippe Rey/Jimsaan, p. 99-115.

MONTURE, Patricia (2017 [2008]), « Les mots des femmes [*Women's Words*]: Pouvoir, identité et souveraineté indigène », *Recherches féministes*, vol. 30, n° 1, p. 15-27.

MORALI, Laure (dir), *Aimititau ! Parlons-nous !*, Montréal, Mémoire d'encrier.

NORA, Pierre (1984-1992), *Lieux de mémoire*, Paris, Gallimard.

RICOEUR, Paul (2000), *La mémoire, l'histoire, l'oubli*, Paris, Éditions du Seuil.

ST-AMAND, Isabelle (2010), « Discours critiques pour l'étude de la littérature autochtone dans l'espace francophone du Québec », *Studies in Canadian Literature/ Études en littérature canadienne*, Vol. 35, n°2, p. 1-10.

WABERI, Abdourahman (2017), « "Les enfants de la postcolonie" précédé d'une note liminaire », in MABANCKOU, Alain, *Penser et écrire l'Afrique aujourd'hui*, Paris, Seuil, p. 148-161.

Recebido em 20 de junho de 2019.

Aceito em 25 de julho de 2019.

ÉCHANGES TRANSCULTURELS CHEZ MONIQUE PROULX ET INÊS PEDROSA

Licia Soares de Souza¹

Résumé: Cette étude examine comment deux écrivaines, l'une du Québec, l'autre du Portugal/Brésil, collaborent à la féminisation de la littérature contemporaine par le prisme de leurs réflexions sur certains déplacements historico-symboliques, tout en mettant en lumière le formidable réseau de savoirs qui circulent dans ces espaces du continent américain depuis la colonisation. La première écrivaine que nous présentons est Monique Proulx, auteure de *Ce qu'il reste de moi* (2015). La deuxième est Inês Pedrosa, d'origine portugaise, journaliste et auteure de plusieurs récits pour enfants, qui a milité contre la criminalisation de l'avortement et pour le mariage de personnes du même sexe. En 2008, elle a publié le roman *A Eternidade e o Desejo* (L'Éternité et le Désir) qui se déroule dans la ville de Salvador, première capitale du Brésil, qu'elle avait visitée quelques années auparavant. Proulx et Pedrosa abordent un imaginaire de mouvance, tout en mettant en évidence une multiplicité de trajectoires qui fonctionnent comme des connexions contradictoires et des croisements de narratives formant des espaces toujours en conflit. Elles font ressortir, de la sorte, les ambivalences des écritures des mouvements migrants qui ont marqué les métissages issus des rencontres différenciées sur les territoires des Amériques. Proulx évoque les textes de *La Folle Entreprise*, de Jeanne Mance comme texte fondateur qui prône pour la convivialité des cultures différenciés dans le Nouveau Monde, et Pedrosa utilise les textes du Père Vieira pour montrer des enseignements de savoir-vivre entre les autochtones et les colons dans la Nouvelle Lusitanie. Elles montrent comment la fiction fait jouer les figures renouvelées de certaines utopies du Nouveau Monde dans les textes littéraires, textes qui témoignent d'une puissante facture féminine pour porter un regard neuf sur l'histoire.

Mots-clés: Folle entreprise. Monique Proulx, Inês Pedrosa. Jeanne Mance. Antonio Vieira.

TRANSCULTURAL ECHANGES ABOUT MONIQUE PROULX AND INES PEDROSA

Abstract: This text depicts how two writers, one from Quebec, Monique Proulx, the other from Portugal/Brazil, Inês Pedrosa, contribute to the feminization of the contemporary literature. They discuss some socio-historical displacements, showing the fantastic web of knowledges that circulates in the spaces of the

¹ Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, do Campus 2 da UNEB. Professora associada da Universidade do Québec em Montréal. Pesquisadora do CNPQ. Membro do grupo de pesquisa e criação La Traversée que trabalha segundo os princípios metodológicos da Geopoética. Endereço eletrônico: liciasos@hotmail.com

American continent since colonization. Monique Proulx talks about The Crazy Enterprise; the project of solidarity conceived by Jeanne Mance, one of the founders of Montreal. It would bring together French Colonials and Native Americans in a harmonic life to develop the New France” with peace, harmony and collaboration. Even though this project didn’t evolve as its thinkers foresaw, it fructified in the minds of people from Montreal, the desire to share the city with several different cultures. On the other hand, Pedrosa shows how it is possible to traverse the streets and view the monuments of Salvador, the first capital of Brazil, reading and commenting on the texts of Father Antonio Vieira. He also tried to understand the life of Natives as an important part of the New World configuration. These two writers are then two significant feminist voices of modern literature that are enable to energize the transcultural work of the women.

Keywords: Monique Proulx. Inês Pedrosa. Transculturalism. Feminism. Crazy Enterprise.

Ce texte examine comment deux écrivaines, l’une du Québec, l’autre du Portugal/Brésil, collaborent à la féminisation de la littérature contemporaine par le prisme de leurs réflexions sur certains déplacements historico-symboliques, tout en mettant en lumière le formidable réseau de savoirs qui circulent dans ces espaces du continent américain depuis la colonisation.

La première écrivaine est Monique Proulx. Native du Québec, elle a obtenu un baccalauréat en littérature et en théâtre de l’Université Laval. Devenue professeur de français et animatrice de théâtre, elle s’est orientée plus intensivement vers l’écriture. Sa première publication est un recueil de nouvelles intitulé « Sans cœur et sans reproche » (1983). En 1996, elle a signé un deuxième recueil de nouvelles: « Les Aurores montréalaises ». Elle est également l’auteur de romans comme « Le Sexe des étoiles » (1987), qui est adapté au cinéma. Elle a été honorée à maintes reprises pour ses œuvres, notamment « Sans cœur et sans reproche » pour laquelle elle a reçu en 1983 le prix Adrienne-Choquette et le prix littéraire Desjardins.

La deuxième est Inês Pedrosa, d’origine portugaise, qui a obtenu une licence en communication à l’Université Nouvelle de Lisbonne. Journaliste et auteure de plusieurs récits pour enfants, et de chroniques féministes, elle a milité contre la criminalisation de l’avortement et pour le mariage de personnes du même sexe. Elle a été la leadeuse de la Marche de la fierté

Gay em 2005, à Lisbonne. En 2008, elle a publié le roman *A Eternidade e o Desejo (L'Éternité et le Désir)* qui se déroule dans la ville de Salvador, première capitale du Brésil, qu'elle avait visitée quelques années auparavant.

Proulx et Pedrosa abordent un imaginaire de mouvance, tout en mettant en évidence une multiplicité de trajectoires qui fonctionnent comme des connexions contradictoires, souvent inespérées, et des croisements de narratives formant des espaces toujours en conflit. Elles soulignent l'instabilité des formations sociales, grâce à l'asymétrie entre l'imaginaire culturel et la mobilité des réseaux historiques. Elles font ressortir, de la sorte, les ambivalences des écritures des mouvements migrants qui ont marqué les métissages issus des rencontres différenciées sur les territoires des Amériques.

Commençons notre approche du roman *Ce qu'il reste de moi* (2015), de Proulx, dans lequel la romancière entend montrer plusieurs visages de Montréal comme espace urbain particulier du Nouveau Monde. Pour ce faire, elle donne vie au personnage Laurel qui, fasciné, par les récits de Jeanne Mance au sujet de son projet de la « Folle Entreprise », entre 1642 et 1665, décide d'écrire un autre récit sur le Montréal contemporain qui pourrait être un reflet de ce projet du temps de la Nouvelle France. Celui-ci repose sur un rêve qui profile le Nouveau Continent : avec le soutien de grands donateurs privés, ils érigeraient une ville « mixte », au sein de laquelle les Européens immigrés et les Amérindiens devenus chrétiens vivraient ensemble, dans un climat d'harmonie et de solidarité. Proulx déclare qu'un tel projet de cohabitation harmonieuse n'a jamais été mis en œuvre, bien entendu, mais qu'il a nourri pendant des siècles une représentation dans l'esprit des Montréalais. Celle de la construction d'une cité où ses nouveaux habitants, les immigrants venus des quatre coins du monde, trouveraient un espace idéal d'accueil pour vivre en communion avec les natifs.

Pour Laurel, la ville est un être vivant qui enfle, se dilate, change de visage en fonction des événements historiques, sociaux, politiques et culturels depuis sa fondation, avec une mémoire qui gagne à être connue par ces nouveaux habitants. Cette quête des origines est toutefois critiquée par son père Thomas, un cinéaste de renom, qui ne peut pas comprendre pourquoi il

faudrait écrire sur des faits historiques, dans un siècle déjà dominé par une technologie performante.

Laurel insiste, toutefois, pour mettre en relief l'histoire de la ville marquée par les échanges culturels entre les colons et les Amérindiens. Jeanne Mance a fondé un hôpital, où elle a servi comme infirmière, habitée par sa vision de rêve d'un « un paradis terrestre touffu, des chênes, des hêtres, des cèdres, des peupliers... » (PROULX, 2015, p. 11). Le croisement du texte historique et du récit fictionnel vient refléter ainsi le raccourci d'une traversée du passé impliquant des mutations dans les références aux archives historiques, dans la mesure où l'écrivain ouvre la porte à une actualisation successive des aspects différenciés de l'expérience de la fondation d'une cité. La matérialisation explicite de l'espace-charnière de l'écriture de Laurel signifie que la problématique abordée concerne moins le besoin de montrer la dénotation du fait historique et la perpétuation des mythes fondateurs nationaux, que, plutôt, la question de l'actualisation d'une mémoire collective qui est plurielle à sa naissance. Laurel ne veut pas non plus saisir la configuration de la métropole québécoise comme sémiosphère de l'usage de la haute technologie, comme le pense son père, mais interroger le passé historique (la zone mixte, celle de la Folle Entreprise de Jeanne Mance) pour déchiffrer le temps présent d'un espace-charnière qui peut faciliter la convivialité de plusieurs peuples.

D'un autre côté, dans *l'Éternité et le Désir*, Clara, le personnage principal est une Portugaise, qui retourne au Brésil, après y avoir vécu une expérience tragique, quelques années auparavant. Dans une fête populaire, elle s'est retrouvée au milieu d'un échange de tirs, et, blessée par une balle, elle a perdu la vue. Cette fois-ci, elle est guidée par un ami, Sebastião, qui traverse avec elle les différents lieux de la ville de Salvador, en lui expliquant la signification de ses territoires différenciés. Clara engage sa narration, en affirmant qu'elle va faire d'un espace physique un espace symbolique par le truchement des yeux de son ami, en estimant que les « mots demeurent » et les « couleurs s'évanouissent », dans un parcours qui est plus auditif que visuel. Ce parcours semble prendre une direction métonymique, fonctionnant comme une sorte de traversée du Portugal dans son ancienne

colonie, exactement pour voir comment elle s'est reconfigurée après son indépendance.

Mais si les yeux de Sebastião secondent Clara pour donner un corps auditif et tactile aux mots que celle-ci doit décoder pour interpréter sa traversée dans la vieille capitale, ils seront aussi susceptibles de féconder les idées qu'elle rumine pour rapprocher une temporalité historique et une temporalité mythique autour d'une appropriation symbolique d'un territoire d'identité transculturelle. Clara projette les points de vue du Père Antonio Vieira sur l'espace qu'elle traverse. Ce jésuite, célébré par l'immense poète Fernando Pessoa « Empereur de la prose portugaise », a peu à peu développé, d'abord auprès de correspondants ecclésiastiques, puis dans différents ouvrages, une interprétation renouvelée du mythe sébastianiste (et des prophéties de Bandarra), dans laquelle il annonce l'avènement futur d'un Quint-Empire (Cinquième Empire) universel dominé par le Portugal sous l'inspiration du Saint-Esprit, après la résurrection du roi Jean IV. Cet Empire fonctionnerait comme la Folle Entreprise de Jeanne Mance : à savoir une perspective d'union harmonieuse entre les colons et les Amérindiens. Vieira avait une autre perception de ces derniers que la Compagnie de Commerce de Portugal avec le Brésil. Il ne ménage pas ses critiques au régime de l'esclavage africain, tout en faisant part d'idées neuves sur la Compagnie de Commerce entre le Portugal et le Brésil.

C'est avec cet arrière-plan historique que Clara visite les églises baroques et les temples sacrés du candomblé, qu'elle évoque l'interdépendance des formations culturelles qui émanent de ces lieux vénérables. Comme Laurel, elle recourt aux mémoires transocéaniques, pour indiquer comment un faisceau de relations s'est installé au sein d'un territoire pour dessiner un monde hybride qui s'est bâti à partir de la rencontre de peuples différents. Le rituel est le langage des rencontres et jaillit tout entier de ce lien entre le ressenti et le geste. Des connexions vont alors s'opérer entre les diverses forces en jeu, l'univers de la foi catholique et celui des dieux africains, et elles vont permettre à la narratrice aveugle de façonner son propre univers symbolique, un univers cénesthésique axé sur le pouvoir de nomination des mots. Le syncrétisme religieux exige la description des fusions entre la conception doloriste du martyr des saints

catholiques et la perception joyeuse des mouvements des danses colorées et rythmées lors de la descente des dieux dans des personnes bien réelles. Et Clara doit ainsi réussir à révéler la conscience du nouvel homme brésilien déchiré entre ces appels contradictoires : d'un côté la terre ancestrale qui incarne l'ordre et la permanence et de l'autre les espaces rebelles des peuples autrefois asservis, qui sont autant de gages de vitalité et de liberté.

Un exemple emblématique de cette fusion transculturelle est ce qu'elle nomme « la douceur spécifique de la civilisation portugaise », un métissage créatif, qui mettait un baume sur les cruautés et les souffrances de la réalité inhumaine de l'esclavage. Ce sont les fêtes de la Confrérie de Notre Dame de la Bonne Mort qui ont lieu dans la ville de Cachoeira près de la capitale, Salvador. C'est d'ailleurs à Cachoeira qu'a surgi une sorte de Jeanne d'Arc brésilienne, Maria Quitéria, qui prit part à la bataille finale pour l'Indépendance du pays, déguisée en soldat.

Pour Clara, le premier mouvement féministe du Brésil voit le jour au sein de cette Confrérie de la Bonne Mort, fondée en 1820, par des femmes noires, esclaves affranchies remises en liberté, qui ont fondu leur dévotion à Notre Dame, héritage des Jésuites, dont la statue a été immédiatement mise aux côtés des dieux forgés en cuivre ou taillés dans le bois, de facture animiste et fétichiste. Ce miracle du métissage, avait été annoncé par Vieira, qui n'a cessé d'utiliser dans ses écrits, le verbe « luzir » [luire, briller, éclairer, répandre de la lumière]. La colonie portugaise serait une Nouvelle Lusitanie¹, qui serait prête à briller, à répandre sa clarté dans plusieurs directions.

Revenons à *Ce qu'il reste de moi*. Dans cette même perspective de réflexion sur les passages transculturels fertiles, dans une sorte d'espace-charnière, Proulx nous donne les clés pour faire ressortir l'intensité des échanges lors de l'apprentissage de la langue. Sa tante Gaby enseigne le français à des migrants d'origines différentes. La salle de cours se présente comme un kaléidoscope de toutes les cultures : les musulmanes avec ou sans foulard, les Africaines excisées, les Roumaines exploitées par des souteneurs, les petites Coréennes épuisées par les mauvais boulots, les Sud-Américaines poursuivies par l'Immigration, les Indiens de la caste des brahmanes, les vieux Haïtiens. On commence ici à apprendre à s'unir autour d'un besoin commun, celui de maîtriser les codes socioculturels

de la société d'accueil. Observons ce fragment de cours pour saisir le caractère discontinu et progressif de l'acculturation des immigrants :

Aujourd'hui, on célèbre la lettre P... Pakir et Pino, par pitié, ne papotez plus... Des fruits?... Patate, bouh, c'est une légume, ça Barbara, papaya, excellent, pomme, bien sûr, pamplemousse, bravo, Tonio, pinapel, Lily?... Tu veux dire ananas... Prune, poire, pastèque, pruneau...(PROULX, 2015, p. 213).

...Des métiers maintenant... Ppp... Plombier, oui! Papa, ah, ah! Policier, hélas, oui. Professeur! À qui le dites-vous?, et dur métier à part ça. Photographe, très, très bien. Pape! Pourquoi pas? J'adore ça, pape, et le féminin est? Papesse!... Pharaon?... Excellent!... Qui a dit Pharaon?(PROULX, 2015, p. 215)

À travers ces bribes de mots et de phrases, ces allitérations avec la lettre P, l'auteure pointe du doigt l'apprentissage de la langue par des êtres circulant à la périphérie de la société urbaine, mais qui font des efforts considérables pour passer au centre, y occuper des positions énonciatrices déterminantes.

Quant à Clara, elle cherche toujours, dans les extraits des écrits de Vieira, des motivations pour continuer à se muer en constructrice de mots susceptibles de rendre compte de la multi-perspective du baroque colonial qui continuerait à alimenter l'histoire des relations diverses entre les différentes cellules de formation de ce monde nouveau. La cécité est pour elle une révolution, de celles qui dévoilent le caractère palpable des mots. Et n'a-t-elle pas trouvé dans le *Sermon de Notre Dame des Ó*, une description plastique de la lettre O, dénotant l'idée d'une colonie qui progresse grâce à ses propres roues, les roues du temps, qui luisent et transforment les pensées les plus étroites, et qui permettent de fascinants voyages à travers la densité symbolique inscrite dans le nouveau monde qui émerge? Bien consciente de l'inexistence de paysages plastiques qui puissent caractériser la colonie portugaise avec des couleurs et des contours précis, elle veut montrer l'extraordinaire diversité des récits qui peuvent émaner des mots, en tant que fruits des différents processus d'appropriation et de mélanges qui ont marqué le paysage culturel, de facture américaine, de la nation brésilienne au cours des siècles.

L'écriture de Monique Proulx, à la fois fluide et complexe, proclame haut et fort son appartenance à une littérature de facture historique, avec un volet de référence féminine. On y trouve des canevas intertextuels qui vont des hypotextes coloniaux à ceux qui décrivent l'histoire des migrations aux XX^{ème} et XXI^{ème} siècles. Des substrats théoriques – narratifs, génériques ou culturels – innervent une fiction savante qui récupère l'importance historique de la figure de Jeanne Mance comme co-fondatrice de Montréal, contrariant même au passage les documents officiels. Les mises en abîme historiques témoignent de l'arrivée et de la vie de Jeanne Mance à Montréal. Quand elles sont mises en relation, par ce que nous avons caractérisé comme des espaces-charnières, elles sont capables de brouiller les frontières et d'agencer une multiplicité d'images ou des fragments de langages en des séquences uniques pouvant fonctionner comme des espaces-gigognes.

Telle est notre dynamique d'observation. Les espaces-charnières fonctionnent comme des passerelles pour instaurer le règne de la contingence et du hasard, à savoir la défaite de tout sens. Proulx est capable, dans *Ce qu'il reste dans moi*, de regrouper plusieurs identités éclatées, qui se trouvent ainsi a-sémiotisées, autour du projet d'une convivialité désirée dès la fondation de la ville. Mais Montréal, par sa croissance effrénée, erratique, imprévisible, parle comme ville, comme centre de la grande sémiosphère québécoise, tout en montrant ses collages parataxiques, fruits de la difficile intégration entre des personnages aux origines et conditions sociales diverses. C'est dans ce sens qu'on parle d'espaces-gigognes qui sont aptes à emboîter plusieurs espaces et temporalités, comme un horizon qui abriterait d'autres horizons. Le déroulement diachronique des idées historiques transocéaniques de Jeanne Mance qui viennent se brancher sur les univers contemporains, se mâtine ainsi d'un héritage discursif fermement revendiqué qui vient revamper, reconstruire ou réinventer tout un ensemble de formations sociales et culturelles mettant en valeur un protagonisme féminin lors de la fondation de Montréal.

Ainsi en est-il de l'écriture de Pedrosa. Même si sa source d'inspiration est un homme, un religieux portugais, la jeune femme aveugle met en œuvre une mémoire puissante qui rappelle les principes dynamiques de la convivialité des peuples qui se sont

rencontrés sur un territoire du Nouveau Monde. Ce n'est pas un hasard si son guide s'appelle Sebastião, métaphore du jeune roi disparu au cours de la bataille d'Alcácer-Quibir contre les Saadiens, mais qui est demeuré dans l'imaginaire des Portugais et des Brésiliens l'espoir de la reconstruction d'un monde nouveau fait d'abondance. Ils traversent des espaces hybrides, des espaces-charnières, guidés par la voix de l'Empereur de la prose portugaise. Cette traversée produit aussi ses espaces-gigognes, ses gisements mystiques, qui vont nourrir des assemblages de langages variés dans des territoires consacrés où s'expriment librement les chants et les rites des femmes de la trempe des guerrières qui ont lutté contre l'esclavage.

Proulx produit également des gigognes, ses gisements mystiques, avec des vécus différenciés: la synagogue où prie l'hasside, le Quartier des spectacles où l'artiste donne une performance, le Centre Bell où la foule crie, galvanisée par un but des Canadiens, plusieurs histoires de vie enfouies sous les artères de Montréal, depuis que Jeanne Mance s'y est installée il y a plus de quatre cents ans et y a laissé son cœur. Il y a de la diffraction ici aussi, avec la force d'un projet esthétique associé à l'ouvrage et à sa construction. Toutefois, la trame historique de Laurel vient assurer une ligature de sens, et montrer que le rêve utopique d'une société « mixte », qui existe depuis la fondation de Montréal, peut être capable de réunir des peuples différenciés dans cette sémiosphère urbaine.

Au fond, la structure narrative des deux romans suit un cheminement similaire. On avance du contact vers l'emménagement de références, des charnières aux gigognes. La narrativité se fait transmission, les jeux de voix et les métissages des langages parviennent à révéler une réalité complexe, qui permet l'interculturel, mais pointe les difficultés d'intégration des cultures différenciées encore présentes dans les sociétés visées. Salvador, première capitale du Brésil, bâtie avec la sueur des esclaves, continue d'affronter des problèmes d'exclusion sociale. Quelques centaines d'années plus tard, Ville-Marie - devenue Montréal - abrite des hommes et des femmes qui se battent, chacun à sa façon, pour redresser les fortifications d'une vie en proie à diverses vicissitudes, mais rencontre également des problèmes d'exclusion/inclusion. C'est ainsi que ces écrivaines, Proulx et Pedrosa donnent vie à une dynamique de l'imaginaire, une activité

d'interaction entre des confluences dialogiques spécifiques. Elles montrent comment la fiction fait jouer les figures renouvelées de certaines utopies du Nouveau Monde dans les textes littéraires, textes qui témoignent d'une puissante facture féminine pour porter un regard neuf sur l'histoire.

Références

PEDROSA, Inês. *A eternidade e o desejo*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2008.

PROULX, Monique. *Ce qu'il reste de moi*. Montréal, Boréal, 2015.

SOUZA, Licia Soares de, "*Representações de Salvador na literatura brasileira contemporânea: por um modelo de geopoética urbana.*" In: Pontos de Interrogação, Salvador (UNEB), v. 8, n. 1, jan.-jun., p. 153-176, 2018. file:///C:/Users/Licia%20Casa/Downloads/5201-13960-2-PB%20(2).pdf, site consulté le 23 avril 2019.

SOUZA, Licia Soares de. *Pour une geopoétique interaméricaine*. Paris, Société des Écrivains, 2019.

SOUZA, Licia Soares de. *Utopies américaines au Québec et au Brésil*. Les Presses de l'Université Laval, 2004, (col. Americana).

ALVARES, Sônia Carbonell. Educação estética para jovens e adultos. In: *V Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos*. Campinas: Unicamp, 2015.

ARAÚJO, Cristiane Brígida de Melo. *A educação na Prisão: Reflexões acerca da EJA no processo de ressocialização*. 2013. 22 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológica, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande - PB, 2013.

BOBBIO, Norberto. *A era dos direitos*. 7ª Reimp. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BONDIA, Jorge Larossa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: *Seminário Internacional de Educação de Campinas*. Campinas, 2002.

BRASIL. *Lei nº 7210*, de 11 de julho de 1984, Institui a Lei de Execução Penal. Diário Oficial da União. Brasília - DF, 1984.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília - DF, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96. Brasília, 1996.

BRASIL. *Parecer CEB Nº 11/2000*. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2000.

BRASIL. *Lei 12.289*. Dispõe sobre a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB e dá outras providências. Brasília, 2010.

Recebido em 12 de maio de 2019.

Aceito em 01 de junho de 2019.

DE LA TEXTURE DES DIÉGÈSES DES ÉCRIVAINES DE LA POSTCOLONIE À LA CONTEXTURE D'UNE MONDIALISATION ALTERNATIVE

Pierre Suzanne Eyenga Onana¹

Résumé: Le choix porté sur le roman d'Anne-Marie Adiaffi, d'Angéline Solange Bonono et celui d'Edwidge Danticat pour conduire notre argumentation n'est pas fortuit. Il permet de mieux visualiser les relations intertextuelles qui lient une écrivaine ivoirienne et une romancière camerounaise et une auteure haïtienne dont les œuvres, pourtant, sont distantes de vingt-trois ans. L'une comme l'autre aborde la question des mariages pré-arrangés ou de la violence dans une perspective constructionniste qui remet au jour les affres de la société patriarcale qui caractérise à ce jour une partie de l'Afrique et maintient la femme dans la posture de « sexe faible ». Selon une double perspective critique se réclamant de l'approche genre et du comparatisme, il s'agit de scruter les modes de déclinaison de la mondialisation culturelle entre la Côte d'Ivoire, le Cameroun, Haïti et le monde, par-delà le socle linguistique et géographique qui oppose ces pays. Au regard des passerelles sémantiques que dégage finalement l'herméneutique des dites écrivaines, l'étude s'achève par la monstration des stratégies de restitution de la place de l'écrivaine comme actrice du vivre ensemble et militante féministe de la non-marginalisation de la femme dans la littérature mondiale.

Mots clés: écrivaine africaine, intertextualité, constructionnisme, militante féministe

DA TEXTURA DAS DIEGESES DOS ESCRITORES POS- COLONIAIS AO CONTEXTO DE UMA GLOBALIZAÇÃO ALTERNATIVA

Resumo: A escolha do romance de Anne-Marie Adiaffi, Angéline Solange Bonono e Edwidge Danticat para conduzir nosso argumento não é fortuita. Permite-nos visualizar melhor as relações intertextuais entre um escritor marfinense e um romancista camaronês e um autor haitiano cujas obras, no entanto, têm vinte e três anos de diferença. Ambos abordam a questão dos casamentos ou da violência pré-estabelecidos a partir de uma perspectiva construcionista que expõe os horrores da sociedade patriarcal que caracteriza parte da África até à

¹ "Maître de conférences" no Departamento de Literatura e Civilização Africanas, na Faculdade de Artes, Letras e Ciências Humanas da Universidade de Yaoundé (Camarões). Pesquisador das modelizações literárias do "viver junto" nas literaturas africanas e da diáspora negra, a epistemologia da literatura (semiologia do texto literário africano e euro-americano escrito), e as questões de feminismos no *Gender Studies*. Endereço eletrônico: eyonapiers@gmail.com

data e mantém as mulheres na postura de "sexo fraco". A partir de uma dupla perspectiva crítica baseada em uma abordagem de gênero e comparativa, trata-se de examinar os modos de declinação da globalização cultural entre Costa do Marfim, Camarões, Haiti e o mundo, além da base linguística e geográfica que se opõe a esses países. Com relação às pontes semânticas que finalmente emergem da hermenêutica dessas escritoras, o estudo termina com a demonstração de estratégias para restaurar o lugar da escritora como atriz de convivência e ativista feminista para a não marginalização das mulheres na literatura mundial.

Palavras-chave: Escritora africana; Intertextualidade; Construcionismo; Ativista feminista.

Introduction

La conception très diversifiée de la lutte féministe en Afrique ne permet pas d'inscrire le combat des femmes dans la même dynamique revendicative que leurs consœurs des autres continents, notamment européen et américain. A cet égard, la femme musulmane ivoirienne n'aura pas les mêmes préoccupations existentielles que la femme non musulmane camerounaise et vice versa. Subvertissant cet état de choses, Pierrette Herzberger Fofana avalise l'idée que « le féminisme n'a pas été l'une des préoccupations majeures du monde africain » (2000, p. 7). C'est dire que la diversité relevée dans les orientations que revêtent la lutte des femmes pour le respect de leurs droits semble se répercuter dans les postures théoriques assumée par Simone de Beauvoir et Annie Leclerc par exemple. S'il est vrai que les deux postures se joignent globalement à l'argument de Judith Butler (1972) pour montrer que le genre est dans le trouble, force est d'affirmer que pour De Beauvoir, seul prédomine le combat pour l'avènement d'un monde construit. Elle affirme dans cette optique qu'« on ne naît pas femme, on le devient » (1949, p. 285). L'essence de la femme que subliment les partisans du phallocentrisme africain trouve dans ce postulat une incitation à outrepasser les préceptes régissant la culture africaine traditionnelle qui établit la femme comme « un être né à genoux aux pieds de l'homme » (BEYALA, 1995, p. 11).

Avec Annie Leclerc par contre, que ce soit dans *Parole de femme* (1974) ou dans *Hommes et femmes* (1985), l'option pour un combat féministe plus modéré s'affiche voire s'impose, tant sa trajectoire féministe œuvre à la promotion d'une femme attachée à la féminité. La femme y est scénarisée,

jouissant des bienfaits de la sexualité (que régleme par trop Simone de Beauvoir), de la maternité, de l'allaitement maternel, et d'un ensemble de tâches maternelles considérées comme autant de valeurs féminines qui subliment la féminité et encensent celles qui les incarnent. Cette variante féministe s'avère proche de l'androcentrisme prôné par certains traditionalistes africains tel que cela apparaît chez Adiaffi, Bonono ou chez Danticat. Elle se singularise cependant de l'androcentrisme en ceci qu'elle est dépouillée de toute forme de violence débouchant sur l'ostracisation de la femme.

Si l'écrivaine américaine ou européenne a très tôt engagé un combat qui fédère en réalité toutes les femmes ostracisées d'une manière ou d'une autre, en Afrique par contre, de nombreuses pesanteurs ont retardé cette échéance, la tenant à bonne distance du phénomène de la mondialisation. Comme le relève Aminata Sow Fall, le « passage du pilon à la machine à écrire » (1983, p. 73) signifie la venue très tardive de la femme à l'écriture. Elle ne s'est pas faite aussi facilement qu'elle ne l'a été pour l'homme. En effet, le premier roman féminin africain, Ngonda, de Marie-Claire Matip (1958), paraît trente-sept ans après le premier roman africain masculin (1921). C'est que, en Afrique, la prégnance de la société phallocratique et son corollaire le confinement de la femme au rôle de mère au foyer n'ont pas favorisé l'émergence de son éveil au plan littéraire. C'est également cette venue tardive de la femme au-devant de la scène littéraire qui explique son réveil tardif à travers les diverses instances de plaidoyer mises sur pied en vue du respect de ses droits.

Pourtant, à bien y voir, une lecture attentive de *Le journal intime d'une épouse* d'Angéline Solange Bonono, *d'Une vie hypothéquée* d'Anne-Marie Adiaffi, et de *Le briseur de rosée* d'Edwidge Danticat, distantes de vingt-trois ans pour les deux premières et de trois ans pour les deux dernières, n'oblige-t-elle pas à établir une filiation sémantique plurielle et sous-jacente entre ces écrivaines et bien d'autres dans le cadre de la mondialisation? Par ailleurs, n'importe-t-il pas de positionner ces écrivaines comme militantes tant elles travaillent pour définir la place de l'écrivaine africaine dans le concert des nations du monde? Bien plus, ne convient-il pas de s'interroger sur la nature des relations entre la Côte d'Ivoire (Afrique occidentale) et le Cameroun (Afrique centrale), Haïti (Amérique) et le monde féminin à travers le plaidoyer

féminin pour l'avènement d'une nouvelle femme et l'éclosion d'un type nouveau de relations, au-delà des frontières linguistiques (langues africaines, français et créole), et géographiques (Afrique et Amérique)?

Le référentiel de lecture qui oriente notre réflexion se réclame du comparatisme et de l'approche genre. La littérature comparée se révèle « l'art méthodique, par la recherche de liens d'analogie, de parenté d'influencer, de rapprocher la littérature des autres domaines de l'expression ou de la connaissance, ou bien les faits et les textes entre eux, distants ou non dans le temps ou dans l'espace » (BRUNEL, PICHOS, ROUSSEAU, 1983, p. 150). Elle permet d'afficher les passerelles qui existent entre des textes issus de cultures différentes. Voilà pourquoi Brunel et al. en conditionnent l'opérationnalité en soutenant : « pourvu qu'ils [les textes examinés] appartiennent à plusieurs langues, ou plusieurs cultures fissent-ils partie d'une même tradition afin de mieux les décrire, les comprendre et les goûter » (BRUNEL, PICHOS, ROUSSEAU, 1983, p. 150). La variante genre convoquée renvoie à l'antinaturalisme féministe de Cynthia Kraus. Elle s'inaugure par un questionnement : « entre sexe et genre : où est le corps ? (2003, p. 39). Kraus entend ainsi réaffirmer l'omniprésence du corps dans le combat féministe en vue de l'implémentation de l'approche genre dans les rapports sociaux de sexe. Pour elle, le corps « ne disparaît pas à n'importe quel moment dans l'histoire de la pensée féministe » (KRAUS, 2003, p. 39). Car si la question de sa disparition ne se pose pas, c'est parce que les féministes s'engagent plus que jamais à « dénaturiser la nature : tant et si bien, en effet, qu'elles sont sur le point de faire disparaître la nature, biologique en particulier, en la subsumant entièrement sous la culture ou le social » (KRAUS, 2003, p. 39). Autrement dit, l'idéal critique de l'antinaturalisme féministe, qui se confond dans son approche à l'épistémologie du genre dans son versant constructionniste, vise à « en finir avec la nature en réduisant totalement le biologique au socioculturel » (KRAUS, 2003, p. 39). C'est ce que Kraus qualifie d'« avarice épistémique ».

La présente étude s'organise autour de trois pôles opératoires. D'abord, on scrute la place de l'écrivaine africaine dans le concert des nations du monde. Ensuite, on interroge les relations qui la lient aux autres écrivaines sous la bannière de la mondialisation. Enfin, on montre que le message que

relaie les femmes des aires linguistiques et géographiques différentes les positionne comme les chantres du vivre ensemble au moment même où certains pays du monde font face à des velléités sécessionnistes.

De la place de l'écrivaine africaine dans le concert des nations

Lorsqu'il entreprend de définir les contours de ce qu'il nomme « les enfants de la postcolonie », Abdoulaye Wabéri choisit de les caractériser comme une « génération transcontinentale » (1998, p. 11). Cette génération réclame sa place au cœur de la mondialisation et tient à partager avec elle son frisson existentiel. Pour Wabéri ces enfants sont les « premiers à user sans complexe du double passeport, à jouer sur deux, ou trois ou quatre tableaux, à se considérer comme africains et à vouloir en même temps dépasser cette appartenance. [...] Aujourd'hui, on se voudrait d'abord écrivain et accessoirement nègre » (1998, p. 11). La production romanesque des écrivaines africaines de l'Ouest comme du Centre transcende donc les clivages raciaux, linguistiques ou géographiques. Elle s'inscrit davantage dans une veine qualifiante qui voit dans cette catégorie d'écrivains « une génération [nouvelle] par-delà les frontières » (WABERI, 1998, p. 11), lorsqu'on la confronte aux romancières de la littérature haïtienne. Autant affirmer que toutes les productions des écrivaines sus-évoquées contribuent à souligner leur vraie place dans le concert des nations. Elles y revêtent une double étiquette : celle de chantres de l'équité et d'apôtres de la nouvelle mondialisation.

Les chantres de l'équité

Henri Mitterand dans sa tentative de définir le roman, affirme : « tout roman propose à son lecteur, d'un même mouvement, le plaisir du récit de fiction, et, tantôt de manière explicite, tantôt de manière implicite, un discours sur le monde » (1980, p. 5). Cette définition illustre à quel point la littérature en général et le romancier en particulier, travaillent chacun dans le sens de briser les frontières qui s'érigent très souvent entre les peuples au point d'hypothéquer la mise en pratique de la mondialisation. Au regard de la thématique de l'affirmation identitaire qui se fait obsédante dans les productions littéraires de la gent féminine de par le monde et que secrètent

artistiquement le roman féministe africain et haïtien, force est de dire que le « discours sur le monde » dont il s'agit ne confine plus l'écrivaine dans les carcans d'une géographie spécifique. Ledit discours se veut transcendantal en ceci qu'il œuvre au dépassement des frontières afin de remettre au goût du jour l'universalité d'un malaise féminin expérimenté dans la plupart des territoires anciennement colonisés. Le roman devient alors « un miroir qui se promène sur une grande route » (STENDHAL, 1989, p. XXVIII), la route du monde entier. Le discours auquel ont recours les écrivaines permet, de ce point de vue, de visualiser la dimension « mondialisante » des problématiques auxquelles sont soumises les femmes dans la mesure où il fédère l'art littéraire interafricain (Cameroun et Côte d'Ivoire), et celui des Amériques, notamment d'Haïti. La place qu'occupe l'écrivaine dans l'espace mondial des Lettres devient celui de guide, de porte-étendard.

Le guide montre la voie et donne de la voix pour canaliser la troupe afin de la préserver d'un danger qui se veut permanent. Si Wabéri en arrive à taxer les écrivaines africaines de « génération par-delà les frontières », c'est parce qu'elles se déploient dans la perspective de créer des passerelles et de susciter des espaces d'échanges féconds en vue de réfléchir ensemble à l'émergence d'une cité africaine et américaine éthique sous-tendue par l'approche genre et la modernité. Voilà pourquoi un critique soutient que « quand une femme africaine se met à écrire, elle est [mue] par l'envie de changer les valeurs établies qui embarrassent son émancipation. Son écriture est signifiée par le désir de décrire sa propre souffrance. C'est une écriture d'amertume, une plaidoirie "féministe" » (GRESENGUET, 2013, p. 47). L'écrivaine africaine relativise et internationalise en même temps son combat en soulevant les problématiques auxquelles est confronté son peuple aux fins d'en procéder à l'exorcisation, en sollicitant peu ou prou le concours d'autres féministes.

Dans leurs diégèses respectives, Adiaffi et Bonono soulèvent la question de la réification de la femme et de l'enfant, deux catégories du genre. Tout comme le fait Danticat au regard des principes comportementaux édictés par les Objectifs du Millénaire pour le Développement (OMD). Dans le numéro 2 desdits objectifs par exemple, il est demandé d'« assurer une éducation primaire pour tous », tandis que le numéro 3 recommande de « promouvoir

l'égalité des sexes et l'autonomisation des femmes ». Chez Adiaffi, la jeune fille tombe sous le coup des considérations essentialistes des rapports sociaux de sexe. Sa nature de femme l'emporte sur sa culture, tant l'homme la considère comme un objet et non un sujet dans sa propre histoire. Sa capacité à s'affirmer comme une créature digne de respect et capable de décider par elle-même lui est contestée. Chosifiée, réifiée, son avenir est hypothéqué puisqu'elle est troquée sans son avis et comme un objet de change contre de meilleures conditions de vie pour ses parents pauvres. Regardée comme un sexe « bénéfiquement négociable » (1984, p. 7), Ya est trop tôt mariée à au riche Béhira, un homme d'affaire présenté par le narrateur comme un « solide gaillard d'une cinquantaine d'années [...qui] trainait dans sa culotte l'une des plus grosse "carottes" dont un mâle pouvait disposer » (ADIAFFI, 1984, p. 9-10). Cette occurrence souligne la gravité des faits car, non seulement Béhira fait office de pédophile, mais aussi il est viole les règles du droit de la femme à disposer de sa vie à l'âge nubile.

Ce manquement à l'éthique relevé dans une Côte d'Ivoire stylisée devient une problématique universelle qui court les cités du monde tant elle se trouve régulièrement relayée aussi bien par la presse que les média du monde. L'œuvre de la camerounaise Angéline Solange Bonono s'en fait l'écho lorsqu'on y voit Esther, jeune bachelière de dix-neuf ans, vendue à Crésus, un riche homme d'affaire. Mû comme Béhira par la veine essentialiste dans le regard qu'il pose sur la femme, ce dernier pousse loin le vice du mépris en ne prenant même pas part à la dot de sa future épouse. La narratrice omnisciente affirme : « j'ai été dotée la veille par procuration. Des noces arrangées [...]. Ma famille est heureuse que j'épouse un milliardaire car elle espère que je vais changer sa condition » (BONONO, 2007, p. 8). La thématique de la chosification de la femme traverse également la diégèse d'Ewige Danticat, entraînant ainsi une relation implicite entre les écrivaines d'Afrique et celles de l'Amérique sous le label de la mondialisation, à travers des échanges littéraires.

Un clin d'œil rétrospectif sur la grande Histoire d'Haïti permet effectivement d'établir un lien étroit entre l'accession à la magistrature suprême de François Duvalier, en 1957, et l'occurrence textuelle « vers 1967 » (DANTICAT, 2004, p. 227) et la réification de la femme par le personnage éponyme. Cet indice historique confirme la volonté affichée de la romancière

de replonger le lecteur dans les dédales d'un contexte historique caractérisé par affres du duvaliérisme². Dans le récit, l'indice historique relatif aux miliciens dudit système permet de relever la prégnance des maux tels que l'abus d'autorité et la crise des droits de l'Homme. La place de guide qui spécifie la mission de l'écrivaine africaine et haïtienne en fait également le garant de la subversion de toute forme de stigmatisation et d'exploitation notée à l'endroit des enfants et des femmes. Au moyen de la littérature et par-delà ses interviews et autres échanges accordées ci et là dans les médias et les fora, l'écrivaine entonne l'hymne de la revendication en vue d'affranchir l'humain des chaînes de la barbarie. En cela, le combat des femmes africaines et celui de l'américaine se rejoignent. Tirant avantage d'un système politique qui ne profite qu'à ses partisans les plus fidèles, à la manière des phalocrates qui ne pensent qu'à satisfaire leurs intérêts, les miliciens s'illustrent comme les bénis de la dictature duvaliériste. Sans respect pour les droits humains, ils agissent sans foi ni loi. L'abus d'autorité dont ils font montre oblige à comparer le système dictatorial haïtien aux pratiques androcentriques en vigueur dans les récits africains. Favorable aux hommes comme il l'est pour les « papas docs », il s'étend à plusieurs niveaux de la vie sociale. Le narrateur nous en donne la preuve à travers cette assertion : « Des bourgeoises mariées dormaient avec lui [la nouvelle recrue] sur le matelas rempli de billets de banque [...] des vierges issues de toutes classes sociales entraînent et repartaient également » (DANTICAT, 2004, p. 244). A l'image des phalocrates obligent la femme à se dresser contre sa consœur, ainsi les miliciens contraignent-ils les citoyens au musellement à l'instar du pasteur qui est assassiné au cœur de sa case chapelle. Pour libérer la femme et le peuple du giron phalocratique, de la servitude et de l'escalade de l'ostracisation qui l'enserrent, l'écrivaine revêt la camisole du porte-étendard.

A la manière dont un athlète porte haut l'étendard d'un peuple et s'assure à la tête de la file d'échanger avec les autres nations de la terre en défendant les couleurs qu'il arbore à l'ouverture des Jeux Olympiques, telle est

² Le duvaliérisme désigne le régime mis en place en Haïti par le dictateur François Duvalier dit « Papa Doc », arrivé au pouvoir après un putsch en 1957, et poursuivi par son fils Jean-Claude Duvalier, dit « Baby Doc » entre 1971 et 1986. Ce régime s'appuie sur une partie de l'armée et une milice paramilitaire, les *Tontons Macoute*. <https://fr.wikipedia.org/wiki/Duvali%C3%A9risme>

le statut qui incombe au romancier dans la dynamique de postulation d'une mondialisation des cultures entre écrivaines d'Afrique et celles de l'Occident. Robert Escarpit traduit cette mission en rappelant l'horizon d'attente que manifeste le livre pour le peuple. Pour lui, « le livre à succès est le livre qui exprime ce que le groupe attendait, qui révèle le groupe à lui-même. [...] On peut donc dire que l'ampleur du succès d'un écrivain à l'intérieur de son groupe est fonction de son aptitude à être l'écho sonore dont parle Victor Hugo » (ESCARPIT, 2007, p. 110). Aucune nation digne de ce nom ne souhaite vivre en autarcie. En d'autres termes, les attentes du peuple telles que formulées par les écrivaines se voient davantage dans le rapport qu'entretiennent le social et le littéraire, puisque « c'est le lecteur qui est le "producteur du texte", l'écrivain est l'homme de peine qui pousse des brouettes de mots pour la construction d'un édifice dont seul le lecteur "scriptible" averti connaît le grandiose dessein » (GORDIMER, 1998, p. 29). Ainsi, si la formation sociale produit sa littérature, en retour, « celle-ci produit du social selon des effets dont on ne mesure pas toujours l'importance » (DUBOIS, 1987, p. 290). Plusieurs indices confortent cette assertion dont les ressorts sont l'intertextualité, l'intermédialité, les phénomènes de la citation et de l'allusion et l'usage des culturèmes.

L'intertextualité renvoie à l'idée que « nul texte ne peut s'écrire indépendamment de ce qui a déjà été écrit et il porte, de manière plus ou moins visible, la trace d'un héritage et de la tradition » (PIEGAY-GROS, 1996, p. 7). A travers ce phénomène transculturel, les écrivaines africaines et américaines se rapprochent, établissant des ponts entre leurs diverses cultures au nom d'une mondialisation qui s'impose à eux grâce à l'interaction qu'elle impulse tacitement. Les romancières sus-évoquées manifestent l'usage significatif de cette stratégie d'écriture qui les place les unes au confluent des autres. Dans *Le briseur de rosée*, c'est « le livre des morts » allusivement évoqué par le personnage éponyme, le briseur de rosée, qui permet aux écrivaines d'Amérique et d'Afrique de nouer une relation significative qui dépasse le simple cadre de la géographie. Sujet essentiellement violent et instrumentalisé sous les Duvalier, ce personnage entend se bâtir une nouvelle identité fondée sur l'oubli des erreurs du passé. Il lui faut confesser ses fautes afin de renaître à la vie. Il verse alors dans des aveux pathétiques aux fins de convoiter le

pardon de sa fille Ka, à qui il a caché son passé, en se culpabilisant à ses yeux : « Ka, ton père était le chasseur, il n'était pas la proie [...]. Je travaillais en prison [...] c'est l'un des prisonniers de la prison qui m'a fendu le visage ainsi [...] L'homme qui m'a tailladé la joue [...] je l'ai abattu comme j'ai tué beaucoup de gens » (DANTICAT, 2004 : 32). Cette espèce de confession négative inspirée d'un des cérémoniaux du Livre des morts des Anciens Egyptiens datant de 1842, absout les péchés du briseur de rosée et l'affiche comme un homme nouveau, corps, âme et esprit, celui qui peut désormais « sortir au jour » et redémarrer le train de sa vie, en se positionnant comme le chef d'une famille unie et forte, fondée autour d'une synergie, celle de ses membres. Voilà pourquoi dans la littérature égyptologique moderne, la juxtaposition des deux titres, à savoir « Livre des Morts - Sortir au jour » se rencontre souvent. De même, dans *Une vie hypothéquée*, l'allusion à la Deuxième Guerre mondiale permet au lecteur de tisser un lien implicite entre le roman ivoirien et l'Histoire de l'Allemagne voire du monde entier par la voix de l'écrivaine Adiaffi. Bien que relatant les affres de la fille réifiée, son texte ouvre une brèche pour se révéler un espace de diffusion de la culture mondiale dans ce qu'elle a connu en termes de souvenirs atroces. Le vieux Béhira évoque les indices renvoyant à la Deuxième Guerre mondiale à travers de nombreuses allusions évasives à Baden Baden, aux tirailleurs sénégalais ainsi qu'à la personnalité d'Hitler dont il dresse ainsi le portrait comique: « Au cours du combat [...], Hitler se rendait invisible pour faire sauter la tête de tous les soldats ennemis. Les quelques rares individus qui avaient eu le privilège de le voir en chair et en os, disaient que sa taille était nettement supérieure à trois mètres » (ADIAFFI, 1984, p. 44).

Des trois romans en examen, seul *Le journal intime d'une épouse* fournit un riche éventail de liens qui inscrivent cette œuvre dans la mondialisation. L'évocation du poète Prévert autant que celle de Rousseau et de Mariama Bâ (BONONO, 2007, p. 48-58-62), montrent que le roman africain ne git pas dans la marginalisation mais que les écrivaines actionnent les leviers pour s'ouvrir aux autres littératures environnantes, surtout lorsque la thématique abordée paraît la même. Tel est le cas pour le roman de Bonono et *Une si longue lettre* de Mariama Bâ qui tous les deux se penchent sur la condition de la femme. Le narrateur Esther note au sujet du recoupement des deux diégèses: « c'est fou ce que peuvent vivre les femmes ! Ce roman a été

publié en 1979 ! Ça n'a pas beaucoup changé. J'ai été saisie par la similitude des situations entre Binetou et moi » (BONONO, 2007, p. 62). Le style adopté par Bonono dans son récit ainsi que la similitude des problématiques y traitées, obligent à penser à une situation de réécriture, c'est-à-dire une relation de production littéraire profonde entre les écrivaines camerounaise et sénégalaise. Par ailleurs, l'usage par Bonono des citations inspirées de Stassart, Rousseau, ou encore d'Aristote, de Zundel ou d'Hugo, affectent l'écrivaine camerounaise comme interface entre la littérature africaine et les littératures du monde. Si chaque citation évoquée correspond à un moment clé de la vie de l'héroïne Esther dans le récit, elle installe davantage la romancière camerounaise dans un lien dynamique fécond avec les autres cultures sous la bannière de la mondialisation. Convoquant par exemple Stassart, Bonono entend montrer à quel point le mariage polygamique constitue une enfreinte de la liberté de la femme : « quand on n'a plus sa liberté, il importe fort peu si la cage est dorée » (BONONO, 2007, p. 26). L'évocation des rapports qu'entretiennent les écrivaines africaines et américaine avec les autres littératures du monde consacre leur inscription au cœur de la mondialisation.

L'écrivaine, un apôtre de la mondialisation

La finalité espérée de la mondialisation était d'impulser une dynamique de partage, de créer une franche passerelle d'échanges fructueux entre territoires du monde à travers des modules culturo-identitaires précis permettant à chacun, partout où il se trouve, d'afficher son identité en vue de transformer le monde en un authentique village planétaire, un paradis terrestre, au sein duquel il fait bon vivre parce que tous les hommes s'y sentent frères. Le tourisme aurait pu être cette plateforme-là, ce lieu chargé d'espoir pour tous, entendu qu'il offrait aux âmes venues d'horizons divers de converger vers un seul but : échanger, apprendre les uns des autres. Il aurait pu, comme l'affirme Isabelle Mette, se révéler une « situation d'échange idéale » (2005, p. 32). Pour Michel Houellebecq, « ce que l'on appelle mondialisation, qui est l'uniformisation par le bas, le règne des multinationales, la standardisation, l'ultralibéralisme sauvage sur les marchés mondiaux, pour moi c'est le revers négatif d'une réalité prodigieuse, que j'appelle la mondialité » (2001, p. 152).

Bref la mondialisation apparaissait comme le « contrepoids à une vision unilatérale du monde et pour faire voler en éclats certaines certitudes acquises » (METTE, 2005, p. 32). C'est à ce niveau de déchéance de son piédestal unilatéral en réalité que les écrivaines africaines et américaine, revêtues de leurs atours féministes tels que le suggère Leclerc, travaillent dans le sens de réinventer la notion même d'échange. Il s'agit de montrer par exemple que « le tourisme, loin d'être peint sous les couleurs tant vantées de la rencontre des cultures, [...] apparaît comme un lieu de tensions extrêmes » (METTE, 2005, p. 32). Les écrivaines inscrivent leur présence dans la mondialisation à travers un certain nombre de stratégies: l'affirmation de la culture africaine à travers l'usage des culturèmes et l'intermedialité.

Jean-Marie Privat considère que le culturème participe de la description et de l'affirmation identitaires d'un individu. Nul ne va de ce point de vue à la rencontre de l'autre en oubliant chez lui ses attributs identitaires. C'est cette nouvelle forme de mondialisation que postulent les écrivaines, celle qui procède de la « réinvention de la notion d'échange » (METTE, 2005, p. 34). La mondialité, nouveau paradigme définitoire de la mondialisation actuelle, s'exhibe dès lors comme « l'aventure sans précédent qu'il nous est donné à tous aujourd'hui de vivre, dans un monde qui pour la première fois, réellement et de manière immédiate, foudroyante, se conçoit à la fois multiple et unique, et inextricable. C'est aussi la nécessité pour chacun d'avoir à changer ses manières de concevoir, de vivre et de réagir dans ce monde-là » (HOUELLEBECQ, 2001, p. 152). A l'instar de la mission assumée par les apôtres du Christ, celle des écrivaines se précise. Il s'agit d'afficher les attributs culturels de leur ressort géographique afin de les poser sans les opposer à ceux des autres, mais simplement dans le but de promouvoir son identité.

Dans *Le briseur de rosée* comme dans *Une vie hypothéquée*, Adiaffi et Danticat font usage de l'interlangue en utilisant des mots en langues nationales africaines dans un texte en langue française. Le souci ici est d'afficher son appartenance culturelle tout en travaillant à la diffusion de sa culture. Le principe de mondialité devient opérant à partir du moment où l'écrivaine donne une traduction du mot ou de l'expression utilisée afin de ne pas s'enfermer dans les carcans de l'auto-marginalisation. Dans *Une vie hypothéquée*, on peut lire: « ottè kokorè ! Ottè kokorè kê wo ! (Il est clair Une

vie hypothéquée, il est clair comme toi ! » (ADIAFFI, 1984, p. 30). Ou encore: « ottè-sè ? (Comment est-il ?) » (ADIAFFI, 1984, p. 31). L'écrivaine prend le soin de traduire entre parenthèses l'expression utilisée afin de faire passer le message. Tel est également le cas dans *Le briseur de rosée* lorsque le père parle ainsi à sa fille Ka : « je t'ai appelée Ka [...] Tu vois, Ka est comme l'âme [...]. En Haïti, c'est ce qu'on appelle un bon ange, ti bon anj » (DANTICAT, 2004 : 27). Dans cette occurrence, le père de Ka met en exergue la signification culturelle profonde du nom qu'il lui a attribué après l'avoir cerné comme son ange.

L'usage des culturèmes est aussi relevé à travers l'inscription des proverbes dans le récit des écrivaines. Il s'agit pour elles d'exposer à la face du monde la stratégie de l'art oratoire dans les anciennes colonies. Ici un argument force tire sa puissance de l'émission d'un énoncé sentencieux qui résume le sens du propos tenu. Visant à justifier l'acte de vendre sa fille pour résorber son problème de pauvreté, Kouamé le père de Ya affirme: « nul ne refuse de croquer le morceau de sucre qui lui tombe dans la bouche » (ADIAFFI, 1984, p. 6). Dans le même ordre d'idées, alors que la narratrice omnisciente et épouse de polygame s'est momentanément retirée chez ses parents se mettant ainsi à l'abri des viols dont elles sont les victimes par la faute des chauffeurs de son époux, elle préfère ce mode de conduite à celui consistant à affronter les violeurs en reconnaissant dans *Le journal intime d'une épouse*: « mieux vaut dix lâches vivants qu'un lion mort » (BONONO, 2007, p. 96). Parfois, l'un des traits identitaires des écrivaines africaines réside dans le choix de contextualiser certains usages linguistiques en les parodiant, comme pour leur insuffler une touche locale. Dans *Le journal intime d'une épouse*, la narratrice camerounaise communique avec un auteur ivoirien, Birago Diop, à travers la parodie « les morts sont morts » (BONONO, 2007, p. 93) pour dire le contraire, soit « les morts ne sont pas morts ». De même, pour jurer d'être en train d'adapter l'usage au mois au cours duquel l'expression connue « poisson d'avril » est prononcée, la narratrice dira plutôt: « Sophie a été libérée et ce n'est pas un poisson d'août » (BONONO, 2007, p. 90). Au regard de ce qui précède, il y a lieu d'avaliser l'argument que « [l]e monde est donc celui de la mise en contact, de l'échange, celui de la prise de conscience qu'il existe une pluralité de façons de concevoir le monde. C'est cette diversité que la littérature peut par ailleurs donner à voir » (METTE, 2005, p. 34). L'inscription

de l'intermédialité participe également de cette dynamique de réinvention de la mondialisation à travers le texte féminin.

L'intermédialité permet d'illustrer le cosmopolitisme qui traverse parfois le roman africain à travers le contact qui se noue entre lui et d'autres médias. L'intermédialité dévoile l'autre facette de la mondialisation à savoir, l'esthétique de l'hybridité, ou du mélange intermédias qui inonde le récit et autorise l'écrivaine d'origine africaine ou antillaise à proclamer, sur le mode de la paraphrase, sa statut hybride car les écrivaines font « l'Eloge de la créolité ». Ainsi partagées entre afropolitanisme et afropéanisme grâce en partie à l'usage de l'intermédialité, lesdites écrivaines cessent d'être en réalité antillaise (Danticat) ou encore africaines (Adiaffi et Bonono), et deviennent tout simplement créoles (BERNABE et al., 1989, p. 13). Autant admettre que l'usage de l'intermédialité positionne les écrivaines du continent noir et de celles de la diaspora comme des citoyennes du monde, parce que façonnées dans un moule cosmopolitique. Dans *Le journal intime d'une épouse*, grâce à l'art cinématographique manifesté à travers l'usage d'internet par deux des épouses martyrisées dans le harem de Crésus, les femmes passent de la marginalité à l'altérité pour ne pas dire à la mondialité. Car, enfermées dans le harem d'un époux invisible, elles ne doivent leur salut qu'à la correspondance avec des amants internet qui leur ouvrent la voie du bonheur jusque-là hypothéqué chez leur époux. La narratrice confie au lecteur: « nous avons trouvé des correspondants sur internet, des amants pour l'instant platoniques. Le mien est camerounais et vit à Enghein-les-bains, celui de mon amie est français et réside à Paris » (BONONO, 2007, p. 27). Œuvrant dans la perspective de se sortir du carcan polygamique, de celui de l'essentialisme (marginalité), à celui du constructionnisme (leur projection hors des frontières de l'Afrique pour la liberté conjugale), les deux épouses recourent à une arme à laquelle personne n'avait songé en réalité : internet, l'art filmique, puisqu'on voit celui à qui on parle et vice versa. Le mariage à nouveaux frais de Félicité et d'un Blanc qui naîtra de cette union lointaine par le biais d'internet instaure un autre mode de déclinaison de la mondialisation entre deux continents à travers les écrivaines en examen. Ainsi, le caractère polymorphe qui est caractéristique de l'intermédialité établit une passerelle entre des mondes éloignés en apparence

mais proches en réalité à travers les écrivaines africaines et antillaise dont les personnages relaient la vision du monde.

La vision du monde des écrivaines

Dans l'épistémologie sociocritique d'Henri Mitterand, le texte de roman « par le travail de l'écriture, [... articule] un discours sur le monde » (1980, p. 7). L'écriture, de ce point de vue modifie l'équilibre antérieure du sens et définit la vision du monde qui anime le romancier. Elle se décline à travers deux modalités : le déni de la marginalisation et la célébration de l'altérité.

Le déni de la marginalisation

Restreindre notre approche au décryptage de la place des écrivaines et les enjeux de la mondialisation au simple plan scripturaire relèverait en soi de la marginalité, puisqu'on sait que le discours essentialiste se veut fondamentalement marginal : il confine la femme au rang de « deuxième sexe » (BEAUVOIR, 1949, 11). Le déni de la marginalisation procède donc d'une nouvelle forme de rébellion féminine, anti-essentialiste, qui émane du désir affiché par les écrivaines d'ouvrir leurs œuvres au monde et s'ouvrir elles-mêmes à travers des rencontres diverses au centre desquelles figurent des échanges divers. On peut évoquer le cas du Dictionnaire littéraire des femmes de langue française de Christiane P. Makward et Madeleine Cottenet-Hage, toutes deux écrivaines et enseignantes aux Etats-Unis. L'idée d'un rassemblement transnational fédérant certaines écrivaines dans le cadre d'un ouvrage bannit un tant soit peu les marges tout en conjurant les exclusions. L'ouvrage en question regroupe 200 notices rédigées par des critiques françaises et nord-américaines sur des écrivaines de langue française de toutes les aires de la francophonie, des origines (XIIe siècle) à nos jours. Le déni de marginalisation naît aussi du désir de rendre justice à des écrivaines méconnues mais qui travaillent dans l'ombre pour inscrire leur travail au cœur de la mondialisation. Ceci explique pourquoi ce dictionnaire comporte, en outre, environ 900 bibliographies d'auteurs n'ayant pu faire l'objet d'une analyse ou ayant trouvé jusqu'à présent qu'une

place marginale dans les ouvrages de référence. La production littéraire s'avère ainsi un espace de compensation des manquements relevés au plan national.

On peut en outre mentionner *Le féminin des écrivaines Suds et périphérie* co-dirigé par deux écrivaines d'origines géographiques diverses à savoir, Françoise Moulin Civil de France et Christiane Chaulet Achour d'Algérie. Cet essai critique mobilise diverses sensibilités d'écrivaines issues d'horizons géographiques et linguistiques multiples. Il célèbre en réalité le caractère fédérateur permettant de redonner vie aux écrivaines du Sud et de sa Périphérie. Il s'agit dans cet espace d'expression féministe de combattre les formes de rejet qui exacerbent les essentialismes et accentue les marges. La militance interpelle ainsi toutes les sensibilités « écrivantes ». Le refus de la marginalisation se voit lorsque les écrivaines embrassent en masse l'idée du voyage et suscitent des espaces d'échanges fructueux pour regarder en face la problématique du monde telle que soumise aux aléas de son devenir conciliateur. Wabéri conforte cette allégation en affirmant : « ces écrivains [de la postcolonie] voyagent beaucoup - mais de plus en plus difficilement depuis que les frontières de Schengen se sont refermées comme des huîtres » (WABERI, 1998, p.14). Les Camerounaise Léonora Miano, Angéline S. Bonono et tout comme Nathalie Etoke vivent ou ont vécu en Occident (France, Etats-Unis) où elles travaillent au confluent d'autres écrivaines qui inspirent leur écriture et alimentent indirectement leur combat à l'instar de Calixthe Beyala. Cette dernière donne le témoignage de cet échange sur fond de combat féministe dans un essai, *Lettre d'une Africaine à ses sœurs occidentales*. Son style franc et engagé s'en ressent chez une Etoke ou une Bonono lorsque cette dernière fait dire à son personnage en recourant à une interrogation rhétorique : « la femme est-elle un animal nuisible pour être harcelée, serrée de près, rabattue comme du gibier vers les lignes de tir, poursuivie sans relâche par la merde ? » (BONONO, 2007, p. 37). La France, espace ouvert au nouveau sens de la vie par le biais des échanges militants devient le terreau fécond de la mondialisation lorsqu'on sait, par ailleurs, que Danticat, de souche haïtienne, évolue elle-aussi aux Etats-Unis, notamment à Brooklyn qu'elle nomme dans son récit. Cet argument se trouve conforté lorsqu'on sait que « beaucoup de ces écrivains[nes] se sont rencontrés et ont échangé des idées et des points de vue à l'occasion des forums et des festivals, comme celui de Limoges où la plupart

d'entre eux ont été soit résidents soit visiteurs de passage » (WABERI, 1998, p.14). Il va sans dire que les rencontres démultipliées entre écrivaines dans le cadre d'échanges fertiles en Occident appellent l'invention d'une nouvelle mondialisation qui célèbre véritablement l'altérité.

La célébration de l'altérité

La célébration de l'altérité rejoint par contre les axes opératoires caractéristiques de l'approche constructionniste, tant elle interdit d'en rester à la nature pour postuler la mondialité. Elle pose la problématique de l'invention d'un nouvel Homme mondial dont le visage est dessiné en filigrane dans les récits des écrivaines. Il s'agit pour ces dernières d'asserter que « toute œuvre littéraire a ses traits individuels ; mais elle partage aussi certaines propriétés avec d'autres œuvres » (WELLECK, WARREN, 1971, p. 22). A cet égard, si les culturèmes sont mis en scène dans les romans africains et ceux de la diaspora, c'est davantage dans l'optique de pérenniser une personnalité et d'affirmer une identité sans laquelle l'altérité n'existerait pas. Car, c'est à l'autre que je montre qui je suis au fond afin d'échanger avec lui ce que j'ai tout comme ce qu'il possède. Le gain par Nadine Gordimer, écrivaine sud-africaine, du Prix Nobel de Littérature, tout comme celui du Grand Prix Littéraire d'Afrique Noire par Calixthe Beyala, écrivaine camerounaise, montrent par exemple que l'altérité de demain passe par la reconnaissance aujourd'hui des performances cognitives de l'écrivaine d'aujourd'hui. Tel est aussi le sens profond qu'il convient d'attribuer à la veine intertextuelle et intermédiaire qui sédimente les romans sus-évoqués. Car, en convoquant Stassart, Prévert, mais surtout une autre femme, Mariama Bâ dans son roman, Bonono dévoile implicitement ses sources, la nature des échanges tacites qu'elle eue avec ses modèles femmes. De même, en fondant en 1987 le Centre Africain d'Animation et d'Echanges Culturels (CAEC), en publiant des romans qui sont autant lus en Afrique qu'aux Etats-Unis, en voyant ses œuvres traduites en plusieurs langues, et en se faisant élever au grade de Docteur Honoris Causa dans de nombreuses universités étrangères, Aminata Sow Fall, écrivaine sénégalaise, proclame l'urgence de susciter de nouveaux modules d'échanges en vue de la rédaction de nouvelles pages d'une mondialisation alternative. Cette dernière doit

devenir une formidable ligne de partage, un champ de savoirs altruistes et non un ring où les écrivaines de lancent de défis inopérants. Voilà pourquoi Thierno Monénembo voit dans l'exil des écrivains une instance futuriste en vue du devenir du monde en affirmant qu'il faut « profiter de l'exil » (dans WABERI, 1998, p. 15).

Wabéri quant à lui inscrit ses espérances en droite ligne de celles placées en une mondialisation neuve consistant à générer autour des femmes écrivaines du monde une synergie d'actions concertées dont le point culminera est l'éclosion d'une Terre faite de concessions et de compromissions. Dans une verve proleptique empreinte de réalisme, il confie ceci au sujet des enfants de la postcolonie : « au final, cette quatrième génération apportera quelque chose de neuf et justifiera son existence ; si elle transforme l'exil d'ordinaire angoissant, annihilant, douloureux, en un exil fécondant, joyeux, qui n'est plus appréhendé sur le mode nostalgique, souffreteux, en un mot, "doloriste" » (1998, p. 15). Mais plus encore, la génération des enfants de la postcolonie à laquelle appartiennent entre autres Fatou Diome, Sénégalaise vivant à Strasbourg en France, et Nathalie Etoke, Camerounaise vivant aux Etats-Unis, milite à distance dans des forums tels que le Congrès International des Recherches Féministes dans la Francophonie (CIRFF). L'intention derrière cet espace de mobilisation des chercheurs et écrivaines est de sortir les unes et les autres de l'enfermement géographiques afin de « Penser, Créer, Agir » ensemble suivant les termes de leur slogan. L'écrivaine sert ici d'interface dans le combat entre la société logocentrique et le monde nouveau dessiné dans l'écriture pour le respect des droits des femmes en vue de la postulation d'une mondialisation alternative. Parodiant le communiste Karl Marx en 2018 à Nanterre en France, les chercheuses travaillent aux côtés des écrivaines sous la bannière du postulat « Féministes du monde francophone, unissez-vous ! 1500 chercheuses et militantes au 8^{ème} CIRFF à Nanterre, du 27 au 31 août 2018. Dans son article y relatif, Nadia Bouchenni (2018) souligne l'enjeu fédérateur qui impulse des trajectoires neuves à une mondialisation qui se veut désormais alternative. Elle précise : « Initialement créé pour un public essentiellement universitaire et associatif, ce congrès reste assez scientifique dans sa démarche, mais est ouvert au grand public. Étudiantes, chercheuses, journalistes, mais aussi militantes, activistes et artistes de tous âges, de tous

horizons et d'origines diverses sont présentes pour échanger, s'informer, et apprendre³ ».

La nouvelle mondialisation ainsi conceptualisée ne se définit plus comme une asymptote de la « détérioration des “termes de la chance” [qui accorde la part belle à] l'échange inégal en littérature » (METTE, 2005, p. 28). Elle s'exhibe par contre comme le forum par excellence de la transcendance des frontières linguistiques et géographiques en vue de son positionnement comme espace des synergies opérantes et du rassemblement fécond. Il convient à cet égard d'affirmer que ce sont les Québécoises (Amérique) et les Sénégalaises (Afrique) qui sont à l'origine des premières éditions du CIRFF. Ses membres sont passés de 100 à 1500 inscrites. De plus, l'alternance du site des rencontres traduit l'impératif d'inscrire ladite mondialisation dans une dynamique de délocalisation et de rotation pour davantage en révéler le fondement de l'équité qui la sous-tend. Ses ressorts et assises égalitaires sont désormais la volonté affirmée d'impliquer toutes les parties prenantes à l'édification d'un monde neuf à l'instigation des écrivaines. Co-auteure avec Brigitte Rollet de Genre et légitimité culturelle. Quelle reconnaissance pour les femmes ?, Delphine Naudier conforte cette allégation dans l'article de Bouchenni. Elle affirme que la toute première édition du congrès a eu lieu en 1996 à l'Université Laval à Québec après une rencontre en 1995 au Brésil qui réunissait des féministes francophones. Le deuxième colloque eut lieu en 1999 à Dakar, avec l'idée de continuer à organiser le congrès dans des pays francophones, mais en changeant de continent à chaque fois. Après Québec (Amérique) et Dakar (Afrique), le congrès vient en Europe, à Toulouse plus particulièrement, en 2002. Puis Ottawa, Rabat, Lausanne, et à nouveau Québec, en 2015. La 8^{ème} édition a donc choisi Paris, ou plutôt la banlieue parisienne, et pas en Afrique. La nouvelle mondialisation postulée suit son bonhomme de chemin puisque le CIRFF en est rendu à sa 8^{ème} édition.

Pour la sociologue Malika Hamidi, participante au 8^{ème} congrès et spécialiste du féminisme musulman, la nouvelle mondialisation scrutée à l'aune des rencontres internationales du CIRFF gagnerait à contribuer à la

³« Féministes du monde francophone, unissez-vous ! 1500 chercheuses et militantes au 8^{ème} CIRFF à Nanterre » mis à jour le 30. 8. 2018, <https://information.tv5monde.com/terriennes/feministes-du-monde-francophone-unissez-vous-1500-chercheuses-et-militantes-au-8eme-cirff>, consulté le 31 août 2019.

décolonisation de la recherche dans le monde académique. La mondialisation devient ainsi « une source d’inspiration transcontinentale » pour reprendre Bouchenni. Elle s’ouvre non seulement à une variété d’espaces géo-linguistiques, mais aussi à d’autres inspirations telles que celle du Parlement⁴ des écrivaines francophones. Près d’une soixantaine d’écrivaines provenant des cinq continents du monde ont participé à cette manifestation placée sous le patronage de Michaëlle Jean le 26 septembre 2018. Il s’agissait pour elles d’échanger sur les valeurs, les rêves et les combats communs rapprochant les cinq continents, de dialoguer en français leur véhicule d’écriture, puisque ledit Parlement ambitionne, d’après le site de la francophonie, rendre plus audible la voix des femmes, en leur offrant un espace de gestion de la prise de parole destiné à dévoiler le point de vue des écrivaines sur les débats ou les crises de nos sociétés, à encourager la présence féminine dans la prise des décisions et la résolution des conflits. Il s’agit donc d’un cadre d’échanges, de découvertes et de partage, une initiative de Fawzia Zouari, journaliste écrivaine tunisienne au bénéfice d’autres altérités. Ce projet est soutenu par Leïla Slimani, écrivaine franco-marocaine et chargée de mission francophonie auprès du Président de la République française, et sous l’égide de l’OIF (Organisation internationale de la Francophonie). Elle répond aux préconisations de l’Appel de Bucarest issu de la Conférence des Femmes de 2017. A l’instar du CIRFF, cet espace de rencontre a vocation, au fil des années, à voyager à travers le monde pour permettre à toutes les écrivaines francophones de se l’approprier. Autant croiser les doigts et alléguer à la suite d’Isabelle Mette que « si la littérature parvient ainsi à faire connaître et se rencontrer des voix jusqu’alors inconnues, on peut imaginer les premiers pas vers la “mondialité” » (2005, p. 35).

Conclusion

Au total, les écrivaines prennent fait et cause pour l’équité, non pour combattre l’homme, mais pour simplement donner une chance à l’histoire de rénover au travers de l’approche genre les rapports de sexe de par le monde. Ce rôle se veut capital dans l’éclosion de la littérature mondiale. Les relations

⁴ Lire à ce sujet l’article de Victor De Sepausy du 18.03.2018 repéré dans <https://www.actualitte.com/article/monde-edition/orleans-accueillera-le-parlement-des-ecrivaines-francophones/87904>. consulté le 30 août 2019.

qu'entretiennent entre-elles les écrivaines sont à la fois endogènes, textuelles, à travers la fréquentation d'une ligne de partage thématique qui les rapproche implicitement, et exogènes, contextuelles, par le biais des rencontres physiques qui les mobilisent aux quatre coins de la planète au détour d'un Congrès ou d'un Parlement. Les voix féminines se définissent alors comme transcontinentales, tant elles claironnent par-delà des frontières linguistiques et géographiques qu'elles charrient, une forme nouvelle de mondialisation que certaines écrivaines appréhendent sous la bannière de la mondialité. Cette variante idéologique avalise le déploiement d'une vision constructionniste des rapports sociaux de sexes. Elle s'articule comme la modalisation des ressorts de la subversion de tous les égoïsmes essentialistes nés des pratiques phallogocratiques qui renforcent l'ostracisation de la femme et instaure, au contraire, une vie nouvelle ancrée sur le vivre ensemble. Ses déclinaisons rejoignent la trajectoire dessinée par les Parlementaires d'Orléans en 2018 à savoir entre autres : rendre distincte la voix des femmes écrivaines ; affirmer qu'il existe un « écrire-ensemble » capable de renforcer les liens des écrivaines où qu'elles se trouvent ; travailler à faire reconnaître la place de l'écrivaine dans son pays et réaffirmer son rôle dans le dialogue civilisationnel ; constituer un trait d'union entre le Nord et le Sud et faire circuler les idées et les auteures. Puisque les écrivains promeuvent la liberté à travers l'imaginaire, ils autorisent à fantasmer sur un monde universel plus juste. Bien que voix minoritaires et sexes victimes des violences de toutes sortes, les écrivaines sont particulièrement concernées par ce projet visant le renouvellement de la vie par le biais de l'écriture. Ce faisant, elles s'offrent un espace consensuel pour flétrir tout ce qui porte atteinte à la dignité féminine ou à l'éthique du vivre ensemble en prenant la parole pour faire entendre leurs points de vue sur les débats qui agitent notre monde : l'alliance prénatale ou le mariage pré-arrangé en fait partie. La parole féminine travaille de ce point de vue dans la perspective de s'opposer à la guerre, état de nature et vision essentialiste des liens humains, parce qu'elle témoigne du rejet de l'autre. Cette parole propose une dynamique alternative fondée sur l'idée de la paix, état de culture et vision constructionniste des liens sociaux, aux fins de postuler un seul idéal : renouveler la vie au profit de tous les hommes de la terre.

Références

- ADIAFFI, Anne-Marie, (1984), *Une vie hypothéquée*, NEA, Abidjan.
- BEAUVOIR, Simone de, (1949), *Le deuxième sexe*, Gallimard, Paris.
- BERNABE, Jean, CHAMOISEAU, Patrick, CONFIANT, Raphaël, (1989), *Eloge de la créolité*, Gallimard, Paris.
- BEYALA, Calixthe, (1995), *Lettre d'une Africaine à ses sœurs occidentales*, Spengler, Paris.
- BONONO, Angéline Solange, (2007), *Le journal intime d'une épouse*, SOPECAM, Yaoundé.
- BOUCHENNI, Nadia, « Féministes du monde francophone, unissez-vous ! 1500 chercheuses et militantes au 8^{ème} CIRFF à Nanterre » mis à jour le 30. 8. 2018, <https://information.tv5monde.com/terriennes/feministes-du-monde-francophone-unissez-vous-1500-chercheuses-et-militantes-au-8eme-cirff>, consulté le 31 août 2019.
- BRUNEL, Pierre, PICHOS, Claude, ROUSSEAU, André-Marie, (1983), *Qu'est-ce que la littérature comparée ?*, Armand Colin, Paris.
- BUTLER, Judith, (2005), [1972], *Trouble dans le genre : le féminisme et la subversion de l'identité.*, trad. Kraus Cynthia, Paris, La Découverte.
- CHAULET ACHOUR, Christiane, MOULIN-CIVIL, Françoise, (2010), *Le féminin des écrivaines Suds et périphéries*, Encrage, Cergy-Pontoise.
- DANTICAT, Edwige, (2004), *Le briseur de rosée*, Grasset, Paris.
- DUBOIS, Jacques, (1987), « Sociocritique », DELACROIX, Maurice, HALLYN, Ferdinand, Introduction aux méthodes critiques. *Méthodes du texte*, Duculot, Paris, p. 290-298.
- ESCARPIT, Robert, (1958), *Sociologie de la littérature*, PUF, Paris.
- GORDIMER, Nadine, (1998), *L'écriture et l'existence*, 10/18, Paris.
- GRESENGUET, Anne Thérèse, (2013), « Aspects sociologiques de l'écriture féminine en Afrique noire francophone », *Heuristique*, Vol. 1, N° 2, CLE, Yaoundé, p. 47-57.
- HERZBERGER FOFANA, Pierrette, (2000), *Littérature féminine francophone d'Afrique noire*, L'Harmattan, Paris.
- HOUELLEBECQ, Michel, (2001), *Plateforme*, L'Harmattan, Paris.

KRAUS, Cynthia, (2003), « “avarice épistémique” et économie de la connaissance: le pas rien du constructionnisme social », ROUCH, Hélène, DORLIN, Elsa, FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique, *Le corps, entre sexe et genre*, L'Harmattan, Paris, p. 39-57.

LECLERC, Annie, (1974), *Parole de femme*, Bernard Grasset, Paris.

LECLERC, Annie, (1985), *Hommes et femmes*, Bernard Grasset, Paris.

MAKWARD, Christiane, COTTENET-HAGE, Madeleine, (1996), *Dictionnaire littéraire des femmes de langue française: de Marie de France à Marie Ndiaye*, Karthala, Paris.

MATIP, Marie-Claire, (1958), *Ngonda*, Bibliothèque du jeune Africain, Paris.

METTE, Isabelle, (2005), « La détérioration des “termes de la chance” : échange inégal et littérature », *Notre Librairie*, N° 157, Dumas-Titoulet, Saint-Etienne, p. 28-35.

MITTERAND, Henri, (1980), *Le discours du roman*, PUF, Paris.

NAUDIER, Delphine, ROLLET, Brigitte (2007), *Genre et légitimité culturelle. Quelle reconnaissance pour les femmes ?*, L'Harmattan, Paris.

PIEGAY-GROS, Nathalie, (1996), *Introduction à l'intertextualité*, Dunod, Paris.

SEPAUSY DE, Victor « Le Parlement

<https://www.actualitte.com/article/monde-edition/orleans-accueillera-le-parlement-des-ecrivaines-francophones/87904>

SOW FALL, Aminata, (1983), « du pilon à la machine », *Notre librairie*, n° 68, Saint Etienne, Dumas-Titoulet Imprimeurs, Paris, p. 65-73.

STENDHAL, (1989), *Le rouge et le noir*, Bordas, Paris.

WABERI, Abdoulaye, (1998), « Les enfants de la postcolonie : esquisse d'une nouvelle génération d'écrivains francophones d'Afrique noire », *Notre Librairie*, n° 135, Dumas-Titoulet, Saint-Etienne, p. 8-15.

WARREN, Austin, WELLECK, René, (1971), *La théorie littéraire*, Seuil, Paris.

Recebido em 30 de agosto de 2019.

Aceito em 06 de setembro de 2019.

LA PLACE DES ÉCRIVAINES AUTOCHTONES DANS LA LITTÉRATURE MONDIALE : LE CAS DU BRÉSIL ET DU QUÉBEC¹

Rita Olivieri-Godet²

Resumo: Les créations littéraires et artistiques autochtones actuelles au Brésil et au Québec sont traversées par l'émergence de voix de femmes dont les œuvres portent leur subjectivité féminine et un désir d'émancipation sociale et littéraire. Militantes et écrivaines, ces femmes essayent de se frayer un chemin au sein de nos sociétés occidentales par le biais de leur écriture, considérée comme un lieu utopique de survie et de résistance, et de leurs actions qui se reflètent dans leurs trajectoires organisationnelles. En s'inscrivant dans un processus contemporain de transculturalité, la littérature amérindienne apparaît comme un lieu utopique de survie et de résistance, mais aussi de médiation qui fait éclore des formes originales d'expression artistique, sans renoncer à une réappropriation mémorielle du territoire géoculturel des ancêtres. En analysant un corpus émergent et peu étudié (francophone et lusophone), nous chercherons à dégager les singularités de ces voix féminines qui fondent de nouveaux paradigmes et contribuent ainsi à la reconfiguration des systèmes littéraires et des imaginaires. Elles mettent en scène des processus d'articulation des espaces qui permettent la circulation et la (re)contextualisation d'expériences et de cultures singulières.

Mots-clés: Littérature autochtone contemporaine; Écrivaines autochtones; transculturalité; Brésil; Québec.

O LUGAR DAS ESCRITORAS INDÍGENAS NA LITERATURA GLOBAL: O CASO DO BRASIL E QUEBEC

Resumo: Nas criações literárias e artísticas indígenas no Brasil e no Quebec atuais, manifestam-se vozes de mulheres cujas obras expressam a subjetividade feminina e um desejo de emancipação social e literária. Militantes e escritoras, essas mulheres constroem caminhos no seio das sociedades ocidentais através de sua escrita e de suas ações que se refletem nas suas trajetórias organizacionais. Inserindo-se em um processo contemporâneo de transculturalidade, a literatura indígena revela-se como um lugar utópico de

¹ Cet article reprend des éléments développés dans notre ouvrage *Ecrire l'espace des Amériques : représentations littéraires et voix de femmes amérindiennes*, Peter Lang, 2019.

² Professora titular de literatura brasileira da Université Rennes 2-França. Doutora em Teoria literária e literatura comparada pela USP, com pós-doutorado em literatura comparada na Université Paris 10. Membro da equipe ERIMIT-Equipe de Recherches Interlangues "Mémoires, Territoires et Identités". Endereço eletrônico: ritagodet20@gmail.com

sobrevivência e de resistência, mas também de mediação, que propicia formas originais de expressão artística, mas que, no entanto, não renuncia a uma reapropriação memorial do território geocultural dos ancestrais. Procurarei detectar, em um corpus emergente e pouco estudado (francófono e lusófono), as singularidades dessas vozes femininas que fundam novos paradigmas e contribuem para a reconfiguração dos sistemas literários e dos imaginários. Destacarei o fato de que as escritoras indígenas encenam processos de articulação dos espaços que permitem a circulação e a (re)contextualização de experiências e de culturas singulares.

Palavras-Chave: Literatura indígena contemporânea; Escritoras indígenas; transculturalidade; Brasil; Québec.

Nous partons du constat que les créations littéraires et artistiques autochtones actuelles au Brésil et au Québec sont traversées par l'émergence de voix de femmes dont les œuvres portent leur subjectivité féminine et un désir d'émancipation sociale et littéraire. En s'inscrivant dans un processus contemporain de transculturalité, la littérature amérindienne apparaît comme un lieu utopique de survie et de résistance, mais aussi de médiation qui fait éclore des formes originales d'expression artistique, sans renoncer à une réappropriation mémorielle du territoire géoculturel des ancêtres. En analysant un corpus émergent et peu étudié (francophone et lusophone), nous chercherons à dégager les singularités de ces voix féminines qui fondent de nouveaux paradigmes et contribuent ainsi à la reconfiguration des systèmes littéraires et des imaginaires.

Ce qui interpelle lorsqu'on examine la prise de parole des femmes autochtones, c'est leur position d'avant-garde au sein de cette production, depuis les années 1970 –lorsque An Antane Kapeshe, au Québec, et Eliane Potiguara, au Brésil, produisent leurs premiers textes–ainsi que le rôle absolument fondamental de l'écriture littéraire dans leur processus de reconstruction identitaire en tant qu'acteurs sociaux.

L'émergence des voix autochtones dans les lettres brésiliennes et québécoises contribue à la reconfiguration de l'imaginaire sur les Amérindiens, tout en ouvrant un dialogue avec la tradition littéraire et les intertextes sociaux. La diversité des Peuples Premiers et celle de leurs productions intellectuelles sont en rapport avec les différentes phases d'interlocution avec les sociétés nationales : récits oraux traditionnels, textes ethnographiques,

récits mythiques, essais politiques, « auto-anthropologie », littérature de jeunesse, textes romanesques et poétiques, production audiovisuelle et musicale. Le passage de l'oral à l'écrit et l'appropriation de la langue nationale (portugaise ou française) ont engendré de nouvelles formes et thématiques et ont contribué à élargir l'insertion de ces productions dans l'espace culturel brésilien et québécois. L'examen de ce processus révèle notamment le rôle de l'écriture comme une tactique fondamentale à laquelle les Amérindiens ont recours pour établir un dialogue avec la culture hégémonique et s'affirmer en tant que sujet de leur propre histoire. De sujet de la représentation, l'Amérindien devient le sujet de l'énonciation dans les lettres brésiliennes et québécoises.

Dans le contexte actuel d'intensification des contacts entre les deux sociétés et de prise de conscience politique par les Amérindiens, on observe que la création artistique devient peu à peu une arme efficace pour s'immiscer dans le marché de la production artistique occidentale et faire bouger l'imaginaire sur les peuples et cultures autochtones. La prise de parole de femmes autochtones se situe au premier plan de ce processus, dans les deux pays, mais pas exactement au même niveau. Force est de constater que malgré la répercussion des discours sociaux sur la brûlante question indienne au Brésil, la création littéraire amérindienne écrite en portugais est encore assez discrète, contrastant avec le système littéraire québécois qui présente un corpus conséquent d'ouvrages écrits par des Amérindiens et, en particulier, par des femmes amérindiennes. Nous nous proposons de dégager les potentialités singulières d'une écriture issue de l'expérience de vie de ces auteures, en tant qu'amérindiennes et femmes, acteurs sociaux doublement discriminés.

L'exploration initiale d'un corpus qui n'est pas encore complètement consolidé, étant donné le travail d'investigation nécessaire à son établissement au Brésil, laisse entrevoir la multiplicité de genres littéraires auxquels les écrivaines ont recours (autofiction, autobiographie, témoignage, chronique, roman, poésie, récits mythiques) ainsi que la tendance à dépasser leurs frontières, en explorant le principe de la polytextualité. L'écriture porte les marques des genres traditionnels de la littérature orale amérindienne (mythes, légendes, chants) et innove dans la représentation du temps en faisant usage de l'hétérotemporalité. Nous faisons l'hypothèse que le caractère novateur de

cette production est dû notamment au fait que ces écrivaines tirent profit de leur situation liminaire : à la fois ancrée dans leur héritage ancestral et ouverte aux formes artistiques de la contemporanéité immédiate.

Les écritures amérindiennes contemporaines, à l'instar des écritures migrantes, sont, elles aussi, mouvantes, car elles s'ouvrent au croisement de cultures cherchant à dépasser la fracture coloniale et s'inscrivent ainsi dans le processus contemporain de transculturalité qui fait éclore de nouvelles formes de perception du réel et d'expression artistique, sans néanmoins renoncer à exposer les souffrances du déracinement imposé par la colonisation. Cette tension entre le désir de dépassement de la ligne de fracture que la mémoire de la dépossession ravive et la quête de relation est une des constantes de cette production. Cela expliquerait peut-être l'ambivalence qui se dégage des œuvres des femmes autochtones urbaines oscillant entre une poétique de la confrontation, laquelle met en avant les références identitaires, et une poétique de la relation qui promeut la traversée des frontières.

Pour nourrir notre réflexion sur l'écriture de femmes autochtones et ses échos dans le domaine du social et du politique, notre approche porte une attention privilégiée aux questions qui ont trait au rapport de l'écriture à la *praxis*, à la mémoire, à l'espace et au processus de reconstruction de soi.

Un des axes mis en avant dans nos analyses se rapporte aux relations entre écriture, critique sociale et activisme politique. Cette *écriture-praxis* portée par la parole de femmes amérindiennes qui parlent au nom de leur peuple inaugure la production littéraire autochtone et son insertion dans le système littéraire du Québec et du Brésil. Nous nous attachons à préciser les éléments discursifs d'une écriture envisagée comme un espace politique de résistance et d'auto-reconstruction ontologique et anthropologique qui cherche à entrelacer les « auto-histoires » (l'histoire personnellement vécue) à la violence et aux traumatismes de l'histoire collective des Amérindiens. Il importe de signaler la répercussion des œuvres pionnières de An Antane Kapesh au Québec et de Eliane Potiguara au Brésil, dans l'organisation politique du mouvement indien –et plus particulièrement du mouvement des femmes amérindiennes– et sa contribution à leur émancipation. Ces deux femmes inaugurent les voix/voies de la décolonisation.

Dans la publication de 1976, *Je suis une maudite sauvagesse*, An Antane Kapesch, auteure d'origine innue, assume, pour mieux le déconstruire, le stéréotype négatif des représentations des Amérindiens. L'écriture est pour elle un acte militant et le récit « basé sur son expérience de vie [...] remet en question le processus de déterritorialisation et d'imposition culturelle fait à son peuple, par l'éducation obligatoire et la sédentarisation » (Olivieri-Godet, 2015, p. 45). Écriture de la dénonciation et de la révolte d'où se dégage une éthique fondée sur le combat comme le seul moyen pour atteindre la reconnaissance.

Lors de la publication de son poème « Identidade indígena », en 1975, Eliane Potiguara militait dans l'organisation du mouvement indien au Brésil qui débutait à peine. Le poème est à la fois dénonciation, résilience et combat, mémoire de l'exclusion et parole libératrice. À l'époque, elle était aussi l'auteure de manifestes et de chroniques. Ces textes écrits pendant et après la Dictature Militaire brésilienne sont réunis dans l'ouvrage qu'elle publie en 2004, *Metade cara, metade máscara*. Activiste et écrivaine, Eliane Potiguara est à l'origine du GRUMIN – *Grupo mulher-educação indígena*.

Ces deux écrivaines inaugurent par leur *écriture-praxis* l'insertion de voix des femmes autochtones dans le système littéraire du Québec et du Brésil. Il est intéressant d'observer le phénomène générationnel qui s'installe, aussi bien dans le Nord que dans le Sud du continent américain : les voix d'An Antane Kapesch, Joséphine Bacon, Rita Mestokosho retentiront dans les œuvres de la nouvelle génération représentée entre autres par Naomi Fontaine, Natasha Kanapé Fontaine, Manon Nolin, Marie-Andrée Gil, Melissa Mollen Dupuis qui revendiquent l'héritage d'un message à passer. L'image du bâton à message, titre du premier recueil poétique de la poète innue Joséphine Bacon, est là pour rappeler que chez les femmes écrivaines amérindiennes « la parole est toujours en voyage » (Bacon, 2009, p. 7). Ce devoir de mémoire auquel Eliane Potiguara fait également allusion (« *Eu viverei 200, 500 ou 700 anos / E contarei minhas dores para ti* » ; « Je vivrai 200, 500 ou 700 ans / et je te raconterai mes douleurs », « Identidade indígena ») est aussi partagé par Graça Graúna. La nouvelle génération des écrivaines amérindiennes au Brésil reste encore assez discrète par rapport à son homologue québécoise, mais les noms de Márcia

Wayna Kabemba, Márcia Nunes Maciel, Lya Minapoty commencent à s'affirmer dans le paysage littéraire.

Une des thématiques maîtresses explorée par les œuvres qui constituent notre corpus fait appel à la transmission de la mémoire ancestrale et au rôle déterminant que les femmes jouent dans ce processus d'actualisation du savoir des peuples autochtones. Nous nous intéressons à la contre-mémoire qui émane de ces textes en scrutant la singularité du mécanisme de transmission de la mémoire familiale. La réappropriation mémorielle des référents culturels amérindiens (la « mémoire culturelle », inscrite dans le temps de longue durée) met en scène un autre phénomène, celui de la reterritorialisation symbolique que l'écriture cherche à instaurer en s'emparant de la mémoire de son patrimoine ancestral pour créer son propre habitat. Ainsi, la production littéraire de femmes autochtones pose la question : comment se reconstruire culturellement Indien et réactiver sa culture, après des siècles d'oubli ? C'est à cette question que la création littéraire de Graça Graúna et Eliane Potiguara apporte un début de réponse, en relevant le défi de s'emparer de la mémoire du patrimoine indien millénaire pour poursuivre une quête symbolique et ontologique. Dépossédées du territoire géoculturel de leurs ancêtres, ces écrivaines d'origine potiguara, peuple qui habitait le Nordeste du Brésil, réinventent de nouvelles modalités d'habitabilité psychique (Simon Harel, 2005), en reconfigurant, par le biais de la création littéraire, leur relation avec un milieu qu'elles n'ont pas directement expérimenté : « Je n'ai pas mon village / Mon village c'est ma maison spirituelle / Celle que m'ont léguée mes parents et mes grands-parents / Le plus grand héritage indien. / Cette maison spirituelle / C'est là où je vis depuis ma plus tendre enfance », écrit Eliane Potiguara (*Metade cara, metade máscara*, 2004, « Je n'ai pas mon village » / « Eu não tenho minha aldeia », p. 130). La réinvention symbolique du lieu se profile comme une façon de résister à l'usurpation des territoires autochtones.

Un autre aspect fondamental se rapporte à l'intersection entre la mémoire du territoire autochtone et les paysages urbains. Le roman *Kuessipan, à toi* (2011) de Naomi Fontaine nous intéresse particulièrement dans la mesure où il donne lieu à des représentations de frontières plus fluides, à la mise en scène des espaces de cohabitation et des échanges, même si les

tensions et les conflits sont toujours présents. Les temporalités ne sont plus vécues comme antinomiques mais comme simultanées : de nouvelles mœurs pénètrent la vie de la communauté de la réserve de Uashat d'où l'auteure est originaire, en raison des relations avec l'univers urbain contemporain, et coexistent avec des rituels traditionnels qui occupent une place privilégiée dans le texte dans la mesure où ils symbolisent la résistance culturelle du peuple Innu et sa capacité à se ressourcer. Les rapports des Amérindiens à l'espace urbain et aux territoires autochtones constituent une autre perspective d'analyse en tenant compte de la complexité des figurations qui ont trait : au processus d'interaction entre la dimension spatiale et l'être humain ; aux pratiques de l'espace et des paysages ; au rapport aux changements des paysages et aux mobilités forcées, mis en scène par les narrateurs ou sujets poétiques, selon que ces paysages renvoient à l'espace urbain ou à des territoires culturels traditionnels. Le poème « La cueillette » (*Bleuets et abricots* de Natasha Kanapé Fontaine, 2016, p. 41) illustre bien cette question en laissant entrevoir la possibilité de transformer l'expérience dysphorique de la ville.

Un angle d'observation complémentaire renvoie au caractère thérapeutique de l'écriture qui pourrait s'expliquer, d'une part, par l'effet cathartique engendré par la dénonciation des violences (dissolution brutale de l'espace habité amérindien depuis l'arrivée des colonisateurs ; migrations forcées ; violences physiques, morales et symboliques), et d'autre part, par la réappropriation de la mémoire et de l'histoire amérindiennes, tout en inscrivant ces peuples dans l'avenir des sociétés nationales, permettant ainsi au sujet de se reconstruire. Chez Graça Graúna, écrivaine d'origine potiguara, c'est par la poésie que le sujet poétique a accès à la vie, à sa nature intime et profonde, à son rapport au monde. C'est par le « Tissage de la parole », titre d'un de ses poèmes, qu'elle se lance dans l'expérience de l'instant, se donnant pour tâche de faire vivre la mémoire de la présence effacée des Amérindiens sur le territoire brésilien. La poésie est, pour cette écrivaine, un lieu de survie.

Le caractère cosmologique et mythique de cette littérature focalise également notre attention sur la relation privilégiée au territoire qui s'exprime entre autres par l'archétype féminin qui engendre la vie. De façon récurrente, les écrivaines puisent dans le mythe du renouvellement pour légitimer la

parole de la femme amérindienne, en lui attribuant la force primordiale de transformation qui alimente ses actes et son discours. Pouvons-nous parler d'une littérature cosmologique comme le propose Simon Harel (2017) pour certaines de ces œuvres (celles de Natasha Kanapé Fontaine et de Naomi Fontaine notamment)? La lecture de ces textes invite le lecteur à une expérience sensorielle de l'espace qui se nourrit de la cosmologie des peuples autochtones par la récurrence d'images qui répercutent l'inscription du corps dans l'espace (Rita Mestokosho, *Née de la pluie et de la terre*, 2014) en tissant des liens entre l'être humain et le cosmos, en rapport avec la conception amérindienne de l'interdépendance de tous les êtres (physiques et spirituels).

Ces images éveillent, par ailleurs, une sensibilité érotique qui marque les incursions langagières de certains récits (*L'amant du lac* de Virginia Pésémapéo Bordeleau) et poèmes. L'analyse du sens de l'irruption de la parole amoureuse et du symbolisme érotique s'impose. Il nous semble qu'il s'agit d'une stratégie qui vise à dépasser les traumatismes portés par les discours de la dénonciation des préjugés, des violences et de l'exclusion en faisant le pari de la victoire d'Éros sur Thanatos, comme en témoignent les paroles poignantes de Virginia Pésémapéo Bordeleau dans le prologue de son roman : « *L'amant du lac* nous apprend que nous ne sommes pas que souffrance, que victimes : nous pouvons aussi être plaisir, exultation des corps, des cœurs. Amours » (*L'amant du lac*, 2012, p. 10). L'émergence de la subjectivité qui se laisse guider par l'affect, par la force d'Éros qui incite « les potentialités du sensible » (Maffesoli, 2012, p. 262), détermine une pensée symbolique partagée par les œuvres de ces femmes écrivaines autochtones.

Qu'elles vivent dans des villes (Eliane Potiguara, Natasha Kanapé Fontaine, Joséphine Bacon, Graça Graúna, Márcia Nunes Maciel, Márcia Wayna Kambeba), dans de petits villages (Rosângela dos Santos Soares, Fátima de Oliveira Silva) ou dans des territoires indiens (Rita Mestokosho), ces femmes-écrivaines jouissent d'une condition « amphibienne », c'est-à-dire de femmes autochtones habitant l'*entre-deux*, dans une alternance entre le village indien, la réserve et la ville, tirant profit de dynamiques transculturelles pour innover dans leur expression littéraire : « Cette ville est aussi notre village » (« *Esta cidade também é nossa aldeia* ») écrit Márcia Wayna Kambeba. Leur production oscille entre une poétique de confrontation et une poétique de

relation en rapport avec leur position d'*entre-deux*: résilience et médiation composent leur univers littéraire. Comme le rappelle Daniel Sibony, « il n'y a pas, entre les deux, que des abîmes, il y a des tentatives de passage, des espaces frontaliers et précaires, des lieux de vie et d'invivable » (Sibony, 1991, p. 7).

Des femmes amérindiennes, originaires des deux hémisphères de l'Amérique, lèvent leur voix et rapprochent les deux extrémités du continent par leurs créations littéraires. Leur discours poétique ravive la mémoire de leur ancestralité et rappelle notre histoire partagée inscrite dans les marques de la violence du génocide contre les peuples amérindiens, expérience commune à tous les processus de formation des états nationaux du continent. Leurs œuvres fissurent l'imaginaire colonisé sur l'espace des Amériques, en dévoilant l'oubli historique de l'occupation du territoire par les peuples autochtones.

Exposées aux dimensions simultanées de l'expérience de la migration, qu'elle soit vécue ou symbolique, et qui renvoie aussi bien aux pertes qu'au lieu de vigilance que cette expérience favorise (Harel, 2005, p. 215), les voix de femmes autochtones dévoilent un mode spécifique d'être au monde. Le caractère transculturel de cette écriture nous amène à faire l'hypothèse d'un cheminement d'une écriture ethnique vers une écriture hybride, de la résilience à la médiation.

Vers où évoluent les paroles libérées des femmes amérindiennes ? Chacune d'elles porte sa singularité, mais on remarque néanmoins qu'il y a une tendance à dépasser le discours de la victimisation pour investir dans un imaginaire de la reconstruction et du partage. C'est ce que veut nous faire comprendre l'écrivaine innue Marie-Andrée Gil à travers son commentaire sur son dernier ouvrage *Chauffer le dehors* (2019) : « Je trouve ça super important de parler de notre héritage, oui, mais je ne suis pas juste ça. J'écris avec mes valeurs, avec un humour qui vient de ma culture, mais je suis aussi une fille de 32 ans qui vit les choses comme la plupart de ses semblables ». Sa poésie intimiste interroge la complexité de la construction identitaire du sujet : « Je m'élançais / incalculable » (Béante, 2012, p. 45). À son tour, une des leaders du mouvement *Idle no more*, l'écrivaine anishnaabe de langue anglaise, Leanne Betasamosake Simpson, réaffirme sa volonté de contribuer à la transformation politique des Autochtones, en élaborant des récits qui les

libèrent de l'éternel rôle de victimes et inaugurent un lieu de feu, d'humour et d'amour³.

L'analyse qui découle des voix de ces femmes-territoires pointe vers leur caractère multiple. Ce sont des paroles de dénonciation de la dépossession et à la fois de désir de partage, paroles de résilience et de désir de relation. De sujet de la représentation à sujet de l'énonciation, ces femmes fondent dans leurs œuvres hybrides une poétique autochtone spécifique qui participe à l'élargissement et à la reconfiguration des dimensions matérielle et symbolique des espaces des Amériques.

La condition « amphibienne » des femmes écrivaines pourrait-elle également contribuer à élargir la perspective critique sur les littératures amérindiennes et, d'une façon plus générale, avoir un impact sur la production critique sur des textes littéraires issus des identités dites « minorisées » ? Cette question, comme d'autres qui émergent à la lecture de ce texte, offre des pistes d'analyse aux travaux de recherche qui s'inscrivent dans une perspective décoloniale. La prise de parole des femmes amérindiennes inaugure un nouveau champ de recherche littéraire en voie de structuration.

References

Auteurs amérindiennes et œuvres citées

ANTHOLOGIE. NÜRNBERG Dorothea et JECUPE, Olívio (org.). *Im Flug der Harpyie/No Vôo da Hárpia. Indigene Poesie und Prosa aus dem brasilianischen Regenwald* [Anthologie bilingue allemand-portugais]. Vienne: Löcker, 2015. Textes de: CAINGANG, Iracema Forte; GOMES, Francisca Aurilene; KEREXU, Fatima; PEREIRA, Rosilene Fonseca; POTIGUARA, Eliane; SOARES, Rosângela dos Santos.

BACON, Joséphine. *Uiesh – Quelque part*. Montréal : Mémoire d'encrier, 2018.

BACON, Joséphine. *Un thé dans la toundra. Nipishapui nete mushuat*. Montréal : Mémoire d'Encrier, 2013.

³ Voir l'article « Leanne Betasamosake Simpson redefines what it means to be Indigenous in the 21st century »: « I wanted to present an honest reality of what it's like to be Indigenous in 2017. I wanted to get at it from a place of grounded strength, to cast off narratives around victimhood and come at it with fire and humour and love. », <https://quillandquire.com/authors/leanne-betasamosake-simpson-redefines-what-it-means-to-be-indigenous-in-the-21st-century/>

BACON, Joséphine. Bâtons à message. Tshissinuatshtakana. Montréal: Mémoire d'Encrier, 2009.

BORDELEAU, Virginia Pésémapéo. Ourse bleue. Montréal: Editions de la Pleine Lune, 2007.

BORDELEAU, Virginia Pésémapéo. L'amant du lac. Montréal: Mémoire d'Encrier, 2013.

FONTAINE, Naomi. Manikanetish, Petite Marguerite. Montréal: Mémoire d'Encrier, 2017.

FONTAINE, Naomi. Kuessipan, à toi. Montréal: Montréal: Mémoire d'Encrier, 2011.

FONTAINE, Naomi. « Puamun, Le Rêve ». Littoral, n° 10, printemps 2015, "L'Écriture innue", Pierre ROUXEL (dir.), p. 171.

FONTAINE, Naomi. « Je viens de là-bas ». In: BOUCHARD SERGE, DESY JEAN (dir.), Objectif Nord : Le Québec au-delà du 49e, Montréal, Éditions Sylvain Harvey, 2013, p 44-47.

FONTAINE, Naomi. « Tshitissinat, notre territoire. Ce que tu dois savoir, Julie », texte inédit.

FONTAINE, Natasha Kanapé. Nanimissuat. Île-tonnerre. Montréal: Mémoire d'encrier, 2018.

FONTAINE, Natasha Kanapé. Bleuets et abricots. Montréal: Mémoire d'encrier, 2016.

FONTAINE, Natasha Kanapé. Kuei, je te salue. Conversation sur le racisme. Montréal: Ecosociété, 2016.

FONTAINE, Natasha Kanapé. N'entre pas dans mon âme avec tes chaussures. Montréal: Mémoire d'encrier, 2012.

FONTAINE, Natasha Kanapé. Manifeste Assi. Montréal: Mémoire d'encrier, 2014.

GIL, Marie-Andrée. Béante. Chicoutimi : Editions La Peuplade, 2012.

GIL, Marie-Andrée. Frayer. Chicoutimi : Editions La Peuplade, 2015.

GRAÚNA, Graça. Flor da mata. Belo Horizonte: Penninha Edições, 2014.

GRAÚNA, Graça. Tear da palavra. Belo Horizonte: S.n., 2007.

- GRAUNA, Graça. *Tessituras da Terra*. Belo Horizonte: Edições M.E, 2001.
- GRAUNA, Graça. *Canto Mestizo*. Rio de Janeiro: Ed. Blocos, 1999.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. *Ay Kakyri Tama. Eu moro na cidade*. Manaus: Grafisa Gráfica e Editora, 2013.
- KAPESH, An Antane. *Je suis une Maudite sauvagesse*. Ottawa: Editions Lémeac, 1976.
- LEETRA INDÍGENA (éditée par MARTINS, Maria Sílvia Cintra). v. 2, n. 2, 2013. São Carlos : SP : Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.
- LEETRA INDÍGENA (éditée par MARTINS, Maria Sílvia Cintra). « Parte 1 – Escritas de mulheres ». v. 4, n. 1, 2014. São Carlos : SP : Universidade Federal de São Carlos, Laboratório de Linguagens LEETRA.
- MACIEL, Márcia Nunes. « A história que ouvi da minha avó e o que aprendi com elas ». Rev. LEETRA, São Carlos-SP n.4 v.1 2014, p. 10-16.
- MESTOKOSHO, Rita. *Née de la pluie et de la terre*. Strasbourg: Editions Bruno Doucet, 2014.
- MESTOKOSHO, Rita et DESY, Jean. *Uashtessiu. Lumière d’automne*. Montréal : Mémoire d’encrier, 2010.
- POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.
- POTIGUARA, Eliane. *A terra é a mãe do índio*. Rio de Janeiro: Grumin, 1989.
- POTIGUARA, Eliane. *Akajutibiró: terra do índio Potiguara*. Unesco, 1994.

Bibliographie générale

- ALMEIDA, Maria Inês de. *Desocidentada. Experiência literária em terra indígena*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- ASSMANN, Jan. *La Mémoire culturelle*. Paris, Aubier, 2010.
- ASSMANN, Aleida. *Espaços da recordação. Formas e transformações da memória cultural*. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2011.
- AUDET, René. « L’autorité de la fiction dans des œuvres polytextuelles ». In : BOUJU, Emmanuel, *L’autorité en littérature*. Rennes: PUR, 2016, p. 133-139.

AUGE, Marc. Non-lieux : introduction à une anthropologie de la surmodernité. Paris: Seuil, 1992.

BELLEAU, Jean Philippe. Le mouvement indien au Brésil. Du village aux organisations. Rennes: PUR, 2014.

BERND, Zilá. Por uma estética dos vestígios memoriais. Belo Horizonte : Fino Traço, 2013.

BERND, Zilá (org.). Glossaire des mobilités culturelles. Bruxelles: P.I.E. Peter Lang, 2014.

BESSE, Jean-Marc. Le goût du monde. Exercices du paysage. Arles: Actes Sud/ENSP, 2009.

BIRRAUX, Pierrette. « Des Innus du Québec aux Nations Unies, en passant par les Yanomami du Brésil: un parcours (accidenté) de collaboration. », [“From the Innu of Quebec to the United Nations, via the Yanomami of Brazil: an eventful journey of collaboration”, translation CHAUVET Laurent]. Justice spatiale spatial justice, n° 11 mars 2017 march 2017, <http://www.jssj.org>

BON, François. « Naomi Fontaine », Le Tiers Livre, 22/05/2011, <http://www.tierslivre.net/spip/spip.php?article2581>

BOUCHARD, Gérard. Genèse des nations et culture du Nouveau Monde. Essai d'histoire comparée. Montréal : Boréal, 2000.

BOUCHARD, Gérard. L'Interculturalisme: un point de vue québécois. Montréal: Boréal, 2012.

BOUCHARD, Gérard, ANDRES, Bernard. Mythes et sociétés des Amériques. Montréal: Éditions Québec Amérique, 2007.

BOUCHARD, Joë, CHARTIER, Daniel, NADEAU, Amélie (dir.). Problématiques de l'imaginaire du Nord. Montréal: UQAM/Figura, 2004.

BOUDREAU, Diane. Histoire de la littérature amérindienne au Québec. Montréal : Éditions de l'Hexagone, 1993.

CHARTIER, Daniel. « Définir des Modernités hybrides : entre société, patrimoine, savoir, pouvoirs contemporains et culture autochtones ». Globe. Revue internationale d'études québécoises, vol. 8, n° 1, 2005, “Modernités amérindiennes et inuites”, CHARTIER Daniel (dir.), p. 11-16.

CINTA LARGA, Pichuvy. Org. QUEIROZ, Ana Leonel de, WALTY, Ivete Lara Camargos, LEONEL, Leda Lima. Mantêre ma Kwe tînhim – Histórias de maloca antigamente. Belo Horizonte: SEGRAC-CIMI, 1988. Accessible sur le site

emad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/HISTÓRIASDEMALOCA
ANTIGAMENTE.pdf

CRONON, William. Nature et récits. Essais d'histoire environnementale, traduit de l'américain par Mathias Lefèvre, Rhône-Alpes, Editions Dehors, 2016.

DANTAS, Beatriz G.; SAMPAIO, José Augusto L; CARVALHO, Maria Rosário G. Os povos indígenas no Nordeste brasileiro. Um esboço histórico. In: CUNHA, Manuela Carneiro de. História dos índios no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 431-456.

FIGUEIREDO, Eurídice. Políticas e poéticas da memória: gênero e etnicidade (Conceição Evaristo e Eliane Potiguara). In: Mulheres ao espelho: autobiografia, ficção, autoficção. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, p. 149-167.

FONTAINE, Naomi. « Naomi Fontaine: Bons Baisers de la réserve », interview à Chantal Guy, La Presse-Canada, 13/05/2011,

<http://www.lapresse.ca/arts/livres/entrevues/201105/13/01-4399063-naomi-fontaine-bons-baisers-de-la-reserve.php> [consulté le 05/02/2016].

FOUILLEUL, Anaís. Les voix des femmes amérindiennes dans les littératures des Amériques. Mémoire soutenu le 20 / 09 / 2016, sous la direction de Rita Olivieri-Godet, dans le cadre du Master "Les Amériques" de Université Rennes 2. Accessible sur le site <http://www.mulherespaz.org.br/acoes-das-mulheres-da-paz/evento-jovens-na-campanha-nacional-mulheres-pela-paz/> DURAND, Monique. « Venir À L'Écriture ». Littoral, n° 10, printemps 2015, "L'Écriture innue", ROUXEL, Pierre (dir.), p. 141-145.

GAGNE, Natacha et JEROME, Laurent (sous la direction de). Jeunesses autochtones. Affirmation, innovation et résistance dans les mondes contemporains. Rennes : PUR, 2009.

GATTI, Maurizio. Être Écrivain amérindien au Québec : indianité et création littéraire. Montréal: Hurtubise / Cahiers du Québec, 2006.

GATTI, Maurizio. Littérature amérindienne du Québec. Ecrits de langue française. Montréal: Editions Hurtubise, 2004.

GEHLEN, Rejane Seitenfuss. "Identidade de Eliane: a face Potiguara, a máscara indígena e o eco de vozes silenciadas." In: Boitatá – Revista do GT de Literatura Oral e Popular da ANPOLL. Londrina, n. 12, p. 81-103, jul-dez 2011.

GRANJEAN, Pernette (sous la direction de). Construction identitaire et espace. Paris: L'Harmattan, 2009.

GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea brasileira. Belo Horizonte: Maza Edições, 2013.

HAREL, Simon. Place aux littératures autochtones. Montréal: Mémoire d'Encrier, 2017.

HAREL, Simon. Les passages obligés de l'écriture migrante. Montréal: XYZ, 2005.

HAREL, Simon. Braconnages identitaires. Un Québec palimpseste. Montréal : VLB, 2006.

HAREL, Simon. Espaces en perdition. Tome I. Les lieux précaires de la vie quotidienne. Québec: PUL, 2007.

HAREL, Simon. Espaces en perdition. Tome II. Humanités jetables. Québec: PUL, 2008.

JECUPÉ, Kaká Werá. A terra dos mil povos: uma história do Brasil contada por um Índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

IMBERT, Patrick, « Les trois R – ruptures, route et réussite – dans les Amériques : entre l'oubli et la promesse ». BOUCHARD, Gérard, ANDRES, Bernard. Mythes et sociétés des Amériques. Montréal: Editions Québec Amérique, 2007, p. 139-169.

IMBERT, Patrick. Le transculturel et les littératures des Amériques. Le Canada et les Amériques. Ottawa, U Ottawa, 2012.

IMBERT, Patrick. « Francophonies minoritaires: de l'homogène enraciné à la transculturalité de la société des savoirs ».

Américanité, cultures francophones canadiennes et société des savoirs. Le Canada et les Amériques. Ottawa, U Ottawa, 2009, pp. 15-66.

LE TOURNEAU, François-Michel et VELUT, Sébastien. « Les politiques et enjeux environnementaux ». In: QUENANT, C., VELUT, S. (coord.) Les enjeux du développement en Amérique latine: Dynamiques socioéconomiques et politiques publiques, Agence Française de Développement (AFD) ; Institut des Amériques (IDA), 201, pp. 321-367.

LE TOURNEAU, François-Michel. « En marge ou à la marge? », Espace populations sociétés [En ligne], 2014/2-3 | 2015, mis en ligne le 01 décembre 2014 [consulté le 17/06/2017], URL: <http://eps.revues.org/5859> ; DOI : 10.4000/eps.5859 LETOURNEAU, Jean-François. Le territoire dans les veines. Montréal : Mémoire d'encrier, 2017.

MORENCY, Jean. *Le Mythe américain dans les fictions d'Amérique*. Montréal : Nuit Blanche Éditeur, 1994.

MORISSET, Jean. *Les chiens s'entre-dévorent. Indiens, Blancs et Métis dans le Grand Nord canadien*. Montréal : Mémoire d'encrier, 2009.

LIMA, Antônio Carlos de Souza, BARROSO, Maria Macedo (org.). *Povos indígenas e universidade no Brasil: contextos e perspectivas, 2004-2008*. Rio de Janeiro: E-papers, 2013.

OLIVIERI-GODET, Rita. *Écrire l'espace de l'Amérique: représentations littéraires et voix de femmes amérindiennes*. New York: Peter Lang, Collection Brazilian Studies, 2019.

OLIVIERI-GODET, Rita. *L'altérité amérindienne dans la fiction contemporaine des Amériques. Brésil, Argentine, Québec*. Québec: Presses de l'Université Laval, 2015.

OLIVIERI-GODET, Rita. « Figurations des espaces amérindiens dans les littératures du Brésil et du Québec », *Interfaces Brasil/Canadá*, Vol 15, n° 2, décembre 2015. Expériences et écritures de l'espace au Québec et au Brésil, OLIVIERI-GODET, Rita, SOARES DE SOUZA, Licia, THIERION Brigitte (dir.), <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/7282/5101>

OLIVIERI-GODET, Rita, « Voz feminina ameríndia e escrita do espaço», *Interfaces Brasil/Canadá*, Vol 16, n° 3, dezembro 2016, “ À procura de novos paradigmas: estudos indígenas no Canadá e nas Américas”, Eloína Prati dos Santos, Rubelise da Cunha (dir.) <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/interfaces/article/view/9386>
PAGEAUX, Daniel-Henri. *Littératures et cultures en dialogue*. Paris: L'Harmattan, 2007.

POTIGUARA, Eliane. Interview. Accessible sur le site www.mulherespaz.org.br/acoes-das-mulheres-da-paz/evento-jovens-nacampanha-nacional-mulheres-pela-paz/

REBRA, Rede de Escritoras Brasileiras, http://rebra.org/escritora/escritora_ptbr.php?id=1035 [consulté le 28/02/2017].

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. [S.l.]: Companhia das Letras, 1995, p. 470. ISBN: 9788571644519.

SANTILLI, Márcio. *Os brasileiros e os índios*. São Paulo: Senac, 2000.

SANTOS, Eloína Prati dos (Org.). Perspectivas da literatura ameríndia no Brasil, Estados Unidos e Canadá. Feira de Santana: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2003. Accessible sur le site <http://nec.furg.br/index.php/acervo.html>

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes. « Que história é essa? A escrita indígena no Brasil.” In : SANTOS, Eloína Prati dos (Org.). Perspectivas da literatura ameríndia no Brasil, Estados Unidos e Canadá. Feira de Santana: Universidade estadual de Feira de Santana, 2003. Accessible sur le site <http://nec.furg.br/index.php/acervo.html>

SANTOS, Gilton Mendes dos, AMOROSO, Marta (orgs.). Paisagens Ameríndias. Lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia. São Paulo, Terceiro Nome, 2013.

SIBONY, Daniel. Entre-deux. L'origine en partage. Paris: Seuil, 1991.

SIMARD, Jean-Jacques. La réduction. L'Autochtone inventé et les Amérindiens d'aujourd'hui. Sillery (Québec), Éditions du Septentrion, 2003.

SIOUI, Georges E.. Histoire amérindienne de l'Amérique. Québec/Paris: Les Presses de l'Université Laval / L'Harmattan, 2005.

THERY, Hervé. Le Brésil pays émergé. Paris: Armand Colin, 2014.

WALTER, Roland. “Prefácio”. In: GRAÚNA, Graça. Contrapontos da literatura indígena contemporânea brasileira. Belo Horizonte: Maza Edições, 2013, p. 9-13.

WALTY, Ivete Lara Camargos. Narrativa e imaginário social: uma leitura das histórias de maloca antigamente de Pichuvy Cinta Larga. São Paulo: USP, 1991, 237 p. (Tese de Doutorado).

WALTY, Ivete Lara Camargos. O intelectual e as minorias. Site: <http://lasa.international.pitt.edu/Lasa2000/Walty.pdf> [consulté le 28/03/2016].

YAMÃ, Yaguarê. Literatura indígena: da oralidade ao papel. Correio Braziliense, 3, Brasília, 29 de fevereiro de 2016. Accessible sur le site: ggrauna.blogspot.com/ [consulté le 1/03/2016].

Recebido em 18 de junho de 2019.

Aceito em 30 de junho de 2019.

POLITIQUE ET POÉTIQUE DES FLUX. LA STRATÉGIE DU RÉSEAU DANS LA BANDE DESSINÉE DU COLLECTIF TRANSNATIONAL CHICKS ON COMICS

Marie Lorinquer-Hervé¹

Résumé: Dans le contexte de la mondialisation culturelle des années 2000, les bandes dessinées circulent de façon croissante d'un pays à l'autre. Pour autant, ce passage des frontières ne s'accompagne pas nécessairement d'une ouverture des frontières du champ lui-même, dont certains acteurs demeurent aux marges. En 2008, c'est en réaction à la position périphérique occupée par les femmes en bande dessinée que le collectif Chicks en Comics voit le jour. Les dessinatrices qui le composent se proposent de rompre l'isolement en s'appropriant et en subvertissant les outils de la mondialisation pour mener une discussion transnationale autour des questions de genre sur un blog commun. Mené en bande dessinée à travers le principe du cadavre exquis, cet échange a favorisé le développement d'une véritable poétique des flux.

Mots-clés: Chicks on Comics, bande dessinée, mondialisation, flux, écriture en collaboration, femmes, marges.

POLITICS AND POETICS OF FLOWS. THE NETWORK STRATEGY IN THE TRANSNATIONAL COLLECTIVE CHICKS ON COMICS

Abstract: In the context of the cultural globalization of the 2000s, comic strips increasingly circulate from one country to another. And yet this ever-intensifying border-crossing isn't followed by an opening of the borders of the field itself as some of its protagonists are excluded from the process. The Chicks on Comics collective is created in 2008 as a reaction to the marginal position that women hold in the comic strip industry. By making the tools of globalization their own, the female artists seek to put an end to their isolation and to make way for a transnational conversation about gender on a community-owned blog. Conducted through the exquisite corpse technique, this conversation contributed to the development of an authentic poetics of the flows.

Keywords: Chicks on Comics, comic strip, globalization, interaction, collaborative writing, women, margins.

¹ Doutoranda e professora substituta na Universidade Bordeaux-Montaigne (France). Endereço eletrônico: marie.lorinquer-herve@ens-lyon.fr

Dans son ouvrage éponyme, Olivier Dolfus définit la mondialisation comme un « monde de la concentration, de toutes les concentrations » qui « entretient des vides » (DOLFUS, 2007, p. 43). Tandis que les éléments les plus puissants fonctionnent en système, d'autres demeurent isolés aux périphéries des nouveaux espaces concentrés. La bande dessinée n'échappe pas à cette logique. L'intensification de l'économie de marché et la globalisation culturelle génèrent, en marge d'une production mainstream, des espaces périphériques.

À propos de l'état de la bande dessinée européenne dans les années 40 et 50, Bart Beaty explique déjà : « (...) the industry as it was established in the postwar period consisted of a relatively small number of specialist publishing houses emphasizing mass-market magazine publishing with an eventual goal of consolidating a back catalogue of bestsellers in book form. » (BEATY, 2007, p. 23) En dépit d'évidents particularismes régionaux, cette analyse dit bien les dynamiques qui se mettent en place à une échelle mondiale, et que l'on peut se risquer à résumer à grands traits. L'impératif de rentabilité qui se renforce avec cette industrialisation de la production impose à la création des cahiers des charges relativement strictes. Pour autant, ces contraintes n'empêchent pas le développement et la publication d'une bande dessinée dite « d'auteurs », soit que les auteurs s'approprient la contrainte, soient qu'ils en émancipent. La seconde option est notamment prise à partir de la fin des années 60. Les velléités libertaires qui parcourent alors le monde imprègnent le champ de la bande dessinée qui s'enrichit d'une production plus expérimentale. Ces renouvellements sont toutefois freinés dans les années 80. Sous l'effet de la période de récession, les marchés éditoriaux nord-américain et européen se tournent plus fermement vers une « bestseller mentality » (BEATY, 2007, p. 27). La même concentration de la production est observable en Amérique du Sud – et notamment en Argentine, où une période de dictatures et d'instabilité politique fait l'effet d'un « golpe a los libros » (GOCIOL, INVERNIZZI, 2010), bientôt aggravé par une crise économique dans les années 90. Progressivement, les nouveaux auteurs et les travaux novateurs se voient alors poussés dans les marges du marché, si ce n'est en dehors. L'auteur français Jean-Christophe Menu, co-fondateur de la maison d'édition indépendante L'Association, souligne cette opacification de la frontière entre un marché mainstream et une « marginalité de fait » :

En 1990, il n'y avait pas de demi-mesure. Soit on était dans l'amateurisme, et en général on se limitait à publier un périodique plus ou moins bien fabriqué, et toujours diffusé confidentiellement (et une part du Fanzinat militant tenait, et tient toujours, à cette marginalité de fait) ; soit on était dans la sphère de l'Édition avec ses contingences lourdes (même les éditeurs de taille moyenne qui nous [L'Association] avaient précédés et qui étaient nos modèles comme Futuropolis, Artefact ou Le Square s'étaient retrouvés dans des engrenages de distribution industrielle qui les avaient d'ailleurs condamnés, ces structures ayant toutes été absorbées, respectivement par Gallimard, Veyrier et Albin Michel). (MENU, 2011, p. 190)

La précision que le dessinateur apporte entre parenthèses est importante. Les années 90 sont fréquemment présentées comme une période féconde pour la bande dessinée, animée par des franges indépendantes qui introduisent, contre la bande dessinée *mainstream*, de nouveaux formats et de nouveaux genres (au premier rang desquels le roman graphique et l'autobiographie). Il faudrait cependant souligner le fait que cette indépendance, avant d'être réappropriée et revendiquée, était une situation « de fait ». La concentration du champ de la bande dessinée avait créé et désigné ses *autres*.

En outre, loin de reposer sur de seuls critères formels, cette altérisation a été, et est encore, renforcée par d'autres marqueurs cumulables. PowerPaola, autrice de bande dessinée équatorio-colombienne installée en Argentine, rappelle à propos de ses débuts dans la première moitié des années 2000 : « Cuando yo empecé a hacer cómics, había que escuchar cierta música, vestirse de cierta forma, *ser hombre* y dibujar de cierta manera. Entonces, no entraba por ningún lado (...) » (je souligne) (CHICKS ON COMICS, 2016). À l'échelle mondiale, la bande dessinée s'est en effet constituée comme un *territoire masculin* (ACEVEDO, 2016). Ces dernières années, les polémiques déclenchées par les listes de nommés exclusivement ou essentiellement masculines pour le Grand prix d'Angoulême en France (2016) et le Troféu HQMIX au Brésil (2017) ont encore mis en lumière l'invisibilisation des femmes en bande dessinée et les « barrières invisibles » qui leur sont opposées

(ACEVEDO, 2010, p. 55-67). En dépit du succès retentissant de quelques autrices comme Marjane Satrapi en France, Julie Doucet au Canada ou Maitena en Argentine, ces mécanismes d'exclusion se sont en outre reproduits dans la bande dessinée dite « alternative, indépendante des grandes maisons d'édition, très majoritairement masculine.

C'est ce constat d'une alternative qui manque d'alternatives que dressent les dessinateurices² PowerPaola et Anna Bas Backer (Allemagne) lorsqu'iels se rencontrent en Espagne en 2008. À ce moment, iels se perçoivent réciproquement comme « la otra que hacía historieta » (CHICS ON COMICS, 2016). La marginalité que dénote cette perception est d'autant plus saisissante que les deux dessinateurices vivent et travaillent sur deux continents différents. Par désir d'amoindrir ce sentiment d'isolement d'abord, et d'ouvrir un dialogue avec des paires ensuite, iels se mettent au défi de lancer un blog collectif en faisant appel à quelques autrices dont iels connaissent l'existence. PowerPaola convoque ainsi les Argentines Delius, Caro Chinaski, Clara Lagos et Sole Otero, tandis qu'Anna Bas Backer fait appel à deux sœurs allemandes, Lilli et Ülla Löge, ainsi qu'à Maartje Schalkx, dessinatrice hollandaise installée en Angleterre. En septembre 2008, les dessinateurices lancent ensemble le blog « Chicks on Comics », hébergé par la plateforme en ligne gratuite Blogspot. Au fil des années, le blog passera à la plateforme Tumblr et verra le départ des sœurs Löge (2014), de Sole Otero (2017) et de Maartje Schalkx (2018), ainsi que l'arrivée de la Néerlandaise installée à Londres Julia Homersham (2011-2016), de la Brésilienne Fabiane « Chiquinha » Langona (2015-2016), de la Singapourienne Pixin Weng (2017-) et de la Lettonne Zane Zlemesa (2017-).

Le format du blog collectif n'est pas nouveau. De fait, quatre des membres du groupe (PowerPaola, Caro Chinaski, Clara Lagos et Sole Otero) officient déjà sur le blog « Historietas Reales » au moment du lancement de Chicks on Comics. Lancé en 2005, le blog argentin fonctionne sur le mode anthologique, réunissant un groupe fluctuant de dessinateurices qui postent

² Dans un souci d'inclusivité, les membres du collectif Chicks on Comics seront ci-après désignés par le pluriel « dessinateurices », associé au pronom neutre « iels ». De la même manière, on parlera de « fxmmes ». Cette terminologie a vocation, d'une part, à éviter l'écueil d'un binarisme qui ne saurait rendre compte du fait que la subalternité est ici formée par opposition à la catégorie bien particulière des hommes cisgenres. D'autre part, elle permet de prendre en compte la transition de genre opérée par Joris Bas Backer, annoncée en 2016. Le nom « Anna Bas Backer » sera exclusivement conservé dans les cas où il sera question d'un moment ou d'une production antérieurs à 2016.

tour à tour une ou plusieurs planches autobiographiques au fil des jours de la semaine. Dans un contexte éditorial défavorable, la dimension collective de cette plateforme autogérée présente entre autres avantages celui de décupler la visibilité de chacun-e des auteurices. Leurs lectorats respectifs confluent sur un même blog et peuvent ainsi, d'une part, découvrir le travail d'autres artistes (vers les blogs individuels desquels sont proposés des liens) et, d'autre part, accéder aux dernières publications de leurs auteurices de prédilection sans avoir à consulter plusieurs blogs (DE LUCA ; DELORENZI, 2009). « Chicks on Comics » reprend à son compte cette pratique du regroupement, que l'on pourrait qualifier de stratégie nodale de visibilité, en y ajoutant une dimension intersectionnelle. La visibilité offerte par le blog profite en effet à différents degrés aux membres du collectif selon qu'ils jouissent en amont d'un capital symbolique plus ou moins important au sein du champ, mais également selon leur ancrage dans des pays du Nord ou du Sud (si les bandes dessinées européennes et nord-américaines sont traduites et diffusées dans les pays du Sud, l'inverse est moins vrai), selon l'état du marché de la bande dessinée dans la région de laquelle iels sont issu-es, et selon leur identité de genre (si les femmes cisgenres sont peu représentées en bande dessinée, les personnes queer ou transgenres le sont bien moins encore). En somme, « Chicks on Comics » intègre dans un même réseau informel des éléments issus des marges plus ou moins lointaines du champ de la bande dessinée et de la mondialisation économique-culturelle de manière générale.

La formation de ce réseau informel se fait au moyen de la réappropriation de certains outils de la mondialisation. Le collectif reprend à son compte les pratiques participant du fonctionnement d'un réseau culturel mondial exclusif et en fait le support d'un discours alternatif. Il configure en ce sens un *underground* qui épouse le « nouveau contexte d'une culture mondialisée » (GROENSTEEN, 2009). Les dessinateurices font notamment un usage consommé des NTIC (Nouvelles Technologies d'Information et de Communication) pour mettre en place des flux souterrains. Gratuites et faciles d'utilisation, les plateformes de publication en ligne sont envisagées comme aptes à fonctionner comme des nœuds transnationaux. Les échanges s'y font au travers des publications, mais également en amont, en coulisse, à travers des e-mails et des services de messagerie instantanée, et en aval, dans la section

commentaires des publications. La communication est facilitée par l'emploi du *globish*, anglais rudimentaire caractéristique de la globalisation que le collectif élit comme langue véhiculaire. Il permet à la fois de dépasser les frontières langagières entre les membres et d'atteindre un lectorat plus large. L'élargissement de ce lectorat est par ailleurs favorisé par la facilité de diffusion qu'offre l'auto-publication en ligne. À la différence du fanzine papier, distribué localement et dans un nombre d'exemplaires limité, le blog présente l'avantage d'être diffusable de manière instantanée, gratuite et illimitée dans le temps (DELORENZI, DE LUCA, 2009). L'apparition des hashtags, qui accompagnent systématiquement les publications à partir du passage au Tumblr en décembre 2015, témoigne d'ailleurs d'un usage conscient de ces potentialités d'expansion.

Par ailleurs, ce discours est conçu comme *alternatif* non seulement à la concentration masculine dans le champ globalisé de la bande dessinée, mais également à l'androcentrisme qui en découle. Le collectif Chicks on Comics se donne à la fois pour objectif d'employer la bande dessinée comme un outil de communication et de décloisonnement, et de mettre ces échanges à profit pour mener une réflexion collégiale sur le genre. Dans une vignette autoréflexive postée sur le blog, Delius affirme ainsi : « We are united *by comics* and *by reflecting on genre*, which is necessary to understand who we are » (je souligne) (T, 57)³. De fait, ce projet est mis en application dès la vignette inaugurale du blog en forme de question manuscrite posée par PowerPaola : « How to do a "girls only" comics blog? » (B, 1). L'interrogation n'est pas sans rappeler celle de la dessinatrice argentine Patricia Breccia, une vingtaine d'années plus tôt. Dans les premières cases de la bande dessinée « El plumín, ¿ovula o no ovula? » publiée en 1987 dans un numéro spécial de *Fierro* dédié aux femmes, la dessinatrice se représentait assise à sa table à dessin, se demandant sur le mode de l'ironie : « ¿Qué tenía que hacer yo? ¡Ah...! Sí... Una historieta para una sección de mujeres... dirigida por hombres » (ACEVEDO, 2010, p. 76-78). Le caractère autogéré de « Chicks on Comics » ne déplace que peu la question. Le blog n'est pas, comme l'était la revue *Fierro*, dirigé par des hommes, mais le choix des termes « girls only », placés entre guillemets, dit la persistance des

³ Les références des dessins publiés sur « Chicks on Comics » à travers les plateformes Blogspot (B) et Tumblr (T) seront ci-après indiqués sous la forme (B ou T, numéro de la publication).

attentes qui pèsent sur la mise en place d'un tel projet. Un blog tenu par des fxmmes et, *a fortiori*, thématissant cette présence, a tôt fait d'être perçu et désigné comme une *autre* bande dessinée. C'est-à-dire, non comme une bande dessinée produite par des fxmmes et sur les fxmmes, mais *de* femmes et pour les femmes. Cette essentialisation est, de fait, régulièrement observable dans les médias à travers l'emploi du qualificatif « girly » (et de ses équivalents dans d'autres langues : « de minas », « das minas », « féminine », etc.) pour désigner cette bande dessinée, comme le rappelle le Collectif des créatrices de bande dessinée contre le sexisme à travers sa charte (BDEGALITE, 2013).

La récupération de ce terme dans la question posée fonctionne à la fois comme une mise en accusation et comme un retournement du stigmaté. Le même procédé est répété dans le nom même qu'a choisi de se donner le collectif. Le mot d'argot « chicks » est une autre façon de désigner péjorativement les femmes. La valeur militante de la réappropriation du terme est ici d'autant plus claire que le nom « Chicks on Comics » est aussi une référence et un hommage aux Chicks on Speed, groupe de musique électronique féministe allemand de la fin des années 90. Le clin d'œil rend manifeste le positionnement politique du collectif et l'inscrit dans une histoire des fxmmes dans la production culturelle, à laquelle les dessins postés au cours des onze années suivantes n'auront de cesse de rendre hommage à travers la mention plus ou moins explicite de fxmmes artistes. Ce désir visibilisation de la place des fxmmes dans le domaine culturel est en outre souligné en creux dans le passage de « Chicks on Speed » à « Chicks on Comics ». Le remplacement de la drogue (*speed*) par la bande dessinée (*comics*) sous-entend une addiction des fxmmes du collectif à la bande dessinée, et donc une affirmation résolue de leur existence dans le champ. La mobilisation de ce vocabulaire esquisse donc déjà un début de réponse à la question liminaire de PowerPaola. Le blog se donnera comme horizon thématique le questionnement et le dépassement des frontières imposées par les stéréotypes de genre. Le premier dessin qui suit la question posée par PowerPaola en guise de réponse l'illustre de façon exemplaire. Anna Bas Backer y écrit : « These days, when I wasn't out shopping for belts or inside drawing comics, I was reading and re-reading Phoebe Gloeckner. The story lines are great and the drawing are kick-

ass! Everything is autobiographical, schizophrenic, nasty, sexy, dirty, good drawing, good drawing, good drawings. » (B, 1).



La mention de Phoebe Gloeckner, figure majeure de la bande dessinée underground étatsunienne des années 70 réalisée par des femmes (*Wimmen's Comix*; *Twisted Sisters*) ancre le projet du collectif dans une généalogie qui atteste de l'existence historique des femmes dans la bande dessinée. Les qualificatifs choisis pour décrire son travail sont aux antipodes de la douceur et de la naïveté convoyées par le terme « girls ». La possibilité d'une assignation de son travail à des thématiques genrées est balayée par l'insistance sur les qualités de la narration et du trait. Comme un écho à cette ascendance revendiquée, Anna Bas Backer choisit de plus de se représenter dans une tenue punk, les yeux écarquillés, en train de mordre et de baver, dans un trait énervé et contrasté. Bien qu'indirecte, la réponse est claire : « "girls only" comics blog » ne proposera pas une bande dessinée *féminine*, mais une bande dessinée *sur* le féminin, en tant que construction sociale.

Ce premier échange entre PowerPaola et Anna Bas Backer met également en marche ce qui sera le mode de fonctionnement du blog. À la façon d'un cadavre exquis, chaque publication est une réponse à la précédente. La réflexion sur les questions de genre est donc menée sur le mode de la conversation, ouvrant la possibilité d'un dialogue entre des perspectives plurielles. À titre d'exemple, Caro Chinaski propose en décembre 2008 de réfléchir à la question de l'épilation (B, 8). Dans les publications suivantes, le thème est successivement discuté par les différent-e-s auteurices. Ülla Löge

évoque les mises en garde qu'on lui a adressées (B, 9), Delius rebondit en évoquant la pénibilité de la pratique (B, 10), Sole Otero rétorque qu'elle trouve au contraire des propriétés apaisantes à l'épilation (B, 11), et ainsi de suite, jusqu'à ce que Maartje Schalkx conclue la discussion en dessinant une vulve poilue en caméra subjective accompagnée d'une bulle indiquant « Sorry guys, but I really don't care whether you shave or not » (B, 15), avant que la discussion ne dévie sur les injonctions liées au *dating* hétérosexuel. La diversité des points de vue exprimés est parfois augmentée par l'invitation ponctuelle de dessinateurices extérieur-e-s au collectif, à l'occasion d'expositions ou d'événements particuliers⁴. Ce dispositif favorise donc une version collégiale de ce que Hillary Chute nomme une *éthique* du témoignage et de l'autoreprésentation (CHUTE, 2010). En effet, dans *Graphic Women, Life Narrative and Contemporary Comics*, la critique souligne le fait que les récits à la première personne menés par des femmes en bande dessinée présentent la vertu de rendre à proprement parler *visibles* des identités et des expériences traditionnellement invisibilisées. Cette visibilité, le dialogue collégial mené par Chicks on Comics la reporte sur la diversité même des points de vue exprimés lieu et place de l'image uniformisée et stéréotypée de *la* femme traditionnellement représentée dans l'histoire de la bande dessinée (ACEVEDO, 2009) et des arts visuels de manière générale (NEAUD, 1992).

Pour autant, il faut préciser que, si tel est le projet annoncé par le collectif, le succès de sa mise en application n'est pas toujours évident. En dépit de l'affirmation selon laquelle « uno de los discursos que uno al grupo es la ironía *constante* sobre cuestiones de género » (je souligne), la réflexion promise sur des questions de genre est fréquemment interrompue par des digressions vers d'autres sujets (de l'écologie à la mondialisation, en passant par la gentrification ou la dimension capitaliste des fêtes de Noël). Par ailleurs, les discussions menées sont davantage descriptives et anecdotiques que véritablement analytiques – en atteste l'exemple susmentionné de la nature des réflexions proposées pour la thématique de l'épilation. Leurs limites sont parfois mêmes explicitement confessées par les auteurices. Après la mention

⁴ Aux mois de mars et avril 2013, pas moins de 36 invité.e.s (qualifié.e.s de « Guest-Chicks » et « Guest-Cocks ») répondent ainsi au sujet imposé « Spring & Feminism » (B, 199-235) à l'occasion d'une exposition des travaux du collectif à Berlin.

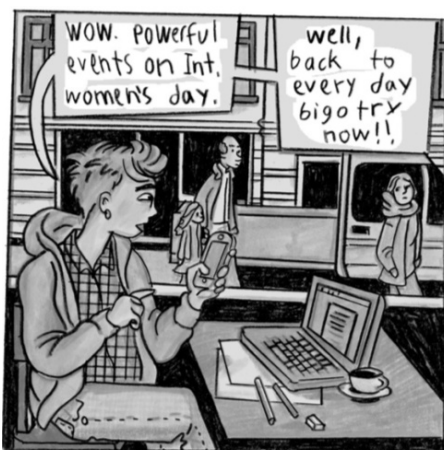
de la polémique suscitée par le Grand prix d'Angoulême de 2016, Anna Bas Backer explique ainsi : « So much goes on in the world that makes me think. But I don't necessarily have an opinion ready. Also, I'm not sure I should. » (T, 6). Les conversations se heurtent en outre aux incompréhensions et désaccords que peuvent occasionner les perceptions différentielles de certains sujets de société en fonction de l'ancrage socio-culturel des auteurices qui les commentent. C'est notamment ce qui se passe dans les discussions menées entre les mois d'août et octobre 2011 autour du phénomène de la gentrification, auquel Delius et Clara Lagos opposent depuis Buenos Aires des réalités qu'elles jugent plus urgentes (B, 147 : « I'm an unemployed middle-class woman with no time for theory »). Enfin, des difficultés de communications sont régulièrement occasionnées par le choix de l'anglais. La langue n'étant pas maîtrisée au même degré par tous les membres du groupe, elle donne fréquemment lieu à des tournures fautives, voire difficiles à comprendre et raturées. Lorsque Sole Otero évoque en août 2012 (B, 184) une version sous-titrée en espagnol du court-métrage documentaire *Ilha das Flores* (1989), du brésilien Jorge Furtado, l'impossibilité pour une partie des membres du collectif de comprendre un film en espagnol ou en portugais est ainsi rappelée par Ülla Löge dans un anglais lui-même chaotique, dans le fond comme dans la forme (B, 185).

6
THE VIDEO .
WHAT IS IT ABOUT ?
I SAW IT ~~HOW~~ BUT CAUSED BY
MAY NOT SO BRILLIANT ALTHOUGH
SPANISH SKILLS, ~~LEARNED~~ ~~IN~~
~~BEFORE~~ I STUDIED FRENCH & LATIN IN
SCHOOL) I RESUME ~~THE~~
~~THE~~
FILM WAS ABOUT



Les outils et modes de communication choisis par le collectif se révèlent donc, par certains aspects, limitants.

Toutefois, ce qui demeure en dernière instance constamment mis en avant, c'est la dynamique même de l'échange. Polyphonique, symphonique ou cacophonique, il est l'arrière plan permanent du projet et est régulièrement souligné par des mises en abyme. Lorsque Maartje Schalkx exprime son malaise face à la discussion que mènent ses collègues autour de la gentrification (B, 143), elle le fait ainsi en redessinant les posts précédents *in situ*, sur l'écran d'un ordinateur. De la même manière, après que Joris Bas Backer a évoqué les mobilisations du 8 mars 2017 (T, 37), PowerPaola met en scène la réponse qu'elle lui adresse à travers une autoreprésentation sur l'écran d'un téléphone tenu par son collègue, devant la table à laquelle il s'était lui-même représenté dans son dessin (T, 38). Cette mise en abyme de l'échange est prolongée par une insistance explicite sur la nécessité de la sororité : « *As Caro and Clara said, we need each other. We need to be together.* » (je souligne).



Si des traces de difficultés communicationnelles affleurent souvent dans les échanges du collectif, c'est donc en tant que mise en scène d'un effort volontaire qu'elles sont conservées. Elles mettent en évidence à la fois les mécanismes exclusifs de la globalisation culturelle qui cantonnent certains acteurs à l'incommunicabilité, et les liens lancés par le collectif pour dépasser cette situation de fait. C'est ce qu'illustre astucieusement le dispositif choisi

pour la première exposition de Chicks on Comics en 2010, à l'occasion du festival Viñetas Sueltas (Buenos Aires). Les portraits dessinés de chaque membre du collectif, qui surplombent les dessins exposés, sont reliés entre eux par des fils tendus qui s'entrecroisent en une véritable toile au dessus des spectateurs.



Le réseau ainsi matérialisé se mue en un toit, en un abri apte à recevoir d'*autres* bandes dessinées. Ce qui se joue dans ces mises en abyme, c'est en somme ce que Bourdieu nomme l'« alchimie mystérieuse » qui permet de passer d'un « espace de relations » contingent, généré par un ensemble de conditions objectives, à un groupe « mobilisé », c'est-à-dire conscient de son existence et de l'action qu'il mène (BOURDIEU, 1984).

En ce sens, le blog ne recouvre pas tout à fait l'une ou l'autre des fonctions de *monstration* ou de *publication* que Ricardo De Luca et Florencia Pereyra Delorenzi identifient comme les deux stratégies adoptées par les blogs dans les années 2000 (DE LUCA ; DELORENZI, 2009). Puisque « Chicks on Comics » repose sur une interactivité des dessins successivement postés, il n'a pas vocation à être une plateforme de *publication* d'œuvres complètes des auteurices – qui tiennent de fait, pour la plupart, un blog personnel en parallèle. Et il n'a pas exactement une vocation de *monstration*, c'est-à-dire de

vitrine qui permettrait aux auteurices d'espérer intégrer le marché de la bande dessinée par le biais de publications au format livre. L'horizon du travail mené par le collectif a davantage à voir avec une extension de ce marché. Il s'agit de questionner l'état de concentration du champ et d'étendre les possibles de la bande dessinée. C'est notamment ce que donnent à penser deux espaces vides apparus sur le Tumblr en 2017 (T. 45, 54). Cette année-là, deux dessins du collectif ont été censurés par la plateforme, qui a agi en autorité éditoriale, rappelant le caractère incomplet de l'autogestion en ligne lorsqu'elle passe par des *hébergeurs*. Les dessins ont été remplacés par des messages automatiques de justification de la suppression pour cause de « contenu adulte ». Là où les auteurices auraient pu prendre la décision de supprimer les posts concernés afin de ne pas laisser en ligne ces espaces vides (ou, plus précisément, vidés) qui produisent une rupture visuelle dans l'esthétique du blog, iels ont fait le choix de conserver la trace de cette censure. Deux ans plus tard, les messages automatiques sont en effet toujours visibles. Ils agissent visuellement comme des espaces encore à conquérir pour la bande dessinée. Ce que met en place le blog « Chicks on Comics », c'est donc à la fois une politique des flux, c'est-à-dire un dépassement de la situation d'isolement produite par la mondialisation par le biais de conversations performatives sur le sujet, et une poétique des flux, une ouverture des possibles de la bande dessinée au moyen de cette subversion.

Le mouvement de dépassement des barrières est en effet non seulement mis en scène mais envisagé comme pouvant faire émerger des récits alternatifs aux modèles éculés. Le globish maladroit se mue ainsi en support de création d'une langue mixte. À la manière des littératures bilingues qui explorent des langues frontières (DE COURTIVRON, 2003), les dessins publiés sur le blog jouent régulièrement avec les rencontres linguistiques occasionnées par les échanges internationaux. C'est ce qui se passe, à titre d'exemple, dans la dernière entrevue d'une série imaginée par les auteurices du collectif en 2014. Fidèle au principe suivi dans les sept publications précédentes, Anna Bas Backer interviewe une artiste extérieure au collectif et restitue graphiquement un entretien dans lequel les lecteurices n'apprendront pas grand-chose de l'interviewée. Outre qu'une partie du portrait passe, dans une entrevue dessinée, par le trait lui-même, ces interviews dans lesquelles il ne se dit rien ou presque mettent l'accent sur l'échange en lui-même. Maki Shimizu, ici

interviewée, est une dessinatrice japonaise installée en Allemagne et manifestement peu à l'aise avec l'anglais. Alors que l'on pourrait s'attendre à ce que l'entrevue se passe en allemand et soit restituée en anglais sur blog, Anna Bas Backer choisit mettre en scène les difficultés de Maki Shimizu à parler anglais à travers un jeu de *code-switching* et de *language mixing*. Sous l'effet de l'injonction (« In english please. »), le texte et le contour des bulles attribuées à la dessinatrice japonaise deviennent tremblants, ratatinés et raturés. Ses réponses passent sans cesse de l'allemand à un anglais maladroit, rendant l'entrevue difficile à lire.



Sur le blog, les parties en allemand sont traduites en anglais, mais la traduction ne les rend pas beaucoup plus compréhensibles. La réponse de Shimizu à la question « What do you still dream of drawing one day? » est ainsi traduite par: « Eh stay healthy so that pleasure and sustainability is what I meant (sic.) ». Cette opacité reporte l'attention des lectrices sur la pluralité linguistique elle-même et sur l'opération de destruction-construction du langage qui s'y joue – comme le suggèrent les bulles attribuées à des petits personnages à l'arrière plan, dans lesquels on peut lire dans un anglais hybridé d'une graphie allemande : « konstruktively », « destruktively ». À cet égard, la réponse de Shimizu à la première question qui lui est posée (« What do you love most about comics ? ») est à la fois synthétique et programmatique : « Vielfalt »

(la diversité). Contre une globalisation exclusive de la bande dessinée, Chicks on Comics fait valoir des récits éclatés à l'intérieur desquels les voix se refusent à fusionner.

Le cadavre exquis, mode d'écriture prédominant sur le blog, est l'illustration paradigmatique de ce postulat des vertus créatives du divers. Si le collectif n'est pas le premier groupe d'artistes à adapter en bande dessinée ce jeu des surréalistes - les dessinateurs de l'OuBaPo s'étaient déjà approprié cette contrainte (GROENSTEEN, 2004) - il en fait moins un outil d'expérimentation formelle qu'un mode de décroisement de la création. En rendant possibles des continuations imprévues, il écarte la possibilité de définir une fois pour toutes ce qui pourra être la bande dessinée qui se crée. De fait, cette invention au fil du pinceau, le collectif en fait son identité même. Sa nature échappe aux définitions fermées. Sur le blog et en dehors du blog, la pratique des auteurices subit des variations et hybridations constantes. De nombreux formats sont explorés, de l'exposition au livre collectif en passant par un *Fanzine a la carta* (2016) que les lecteurices ont pu composer et assembler selon leurs désirs à partir d'un éventail de planches de quelques 151 artistes. Des projets plus courts ont ponctuellement vu le jour, à la manière d'inserts, tels que la série d'interviews de 2014 ou de la fiction muette *Silent Conversation / Suburbanimal* (B, octobre 2014 - octobre 2015). Le collectif a évolué au gré des départs et des arrivées de ses membres (le départ de sœurs Löge et de Julia Homersham, et l'arrivée de Chiquinha, Pixín et Zane Zlemesa a notamment déplacé la dualité marquée en l'Argentine et l'Europe occidentale qui existait au départ), mais aussi de la transition de Joris Bas Backer, annoncée en 2016 (T, 29), qui a conduit le groupe à se redéfinir comme un collectif d'acteurices minoré-e-s dans le champ de la bande dessinée, davantage que comme un collectif de femmes. Sur le blog, PowerPaola assume et revendique cette plasticité dans un strip autoréflexif (T, 51). Tandis que s'opère un travelling avant menant significativement de la figure de l'artiste à des gros plans confinant à l'abstraction, la dessinatrice insiste sur le fait que Chicks on Comics est d'abord *un collectif*, c'est-à-dire, un ensemble de communicantes *indéfini* qui évolue *au gré des circonstances*.



La fluidité que le collectif se donne pour mot d'ordre va en définitive dans le sens de ce qu'Édouard Glissant nomme, contre la mondialisation, une *mondialité* (GLISSANT, 1997). C'est-à-dire, une mise en contact qui ne se fait pas sur le mode du nivellement et de la concentration (*métissage*), mais de l'expansion imprévisible au travers de la mise en contact du divers (*créolisation*).

Au fil des publications et des projets menés, l'échange transnational mis en place par Chicks on Comics s'est en somme constitué comme un récit choral fonctionnant sur le double mode de la conversation, au sens de dialogue, et de la con-versation, au sens d'écriture collaborative. Initialement, le collectif s'était donné pour projet d'utiliser la bande dessinée comme outil de communication pour mener des discussions collectives autour des questions de genre. Mais un retournement s'est progressivement opéré. Cette discussion a permis de questionner, en creux, les potentialités de la bande dessinée. Elle a été le laboratoire de la possibilité d'une écriture de soi collaborative en bande dessinée. C'est-à-dire, une écriture de soi en tant qu'appartenant à un groupe donné (ici déterminé sur le critère du genre dans le contexte de la mondialisation), et réalisée en collaboration avec d'autres membres de ce groupe. Cette écriture n'est donc ni une autobiographie individuelle, que les auteurices mettent à distance par la moquerie dès la première publication du

blog (« neurotic autobiographical shit » (B, 1)), ni une autoethnographie, dès lors que le groupe n'est pas perçu au prisme d'un seul individu, ni un manifeste, puisque les voix ne fusionnent pas. Elle est, bien plutôt, une écriture du réseau, qui fait des flux mondiaux son catalyseur, son objet et sa poétique.

Bibliographie

ACEVEDO, Mariela et al. (2016). Historieta feminista en América Latina: autoras de Argentina, Chile, Brasil y México. In: Revista Tebeosfera. [En ligne] <https://www.tebeosfera.com/documentos/historieta_feminista_en_america_latina_autoras_de_argentina_chile_brasil_y_mexico.html> [consulté le 22 août 2019]

ACEVEDO, Mariela (2010). Imago fémina: ensayo sobre fábulas de heterodesignación y textos de resistencia en las historietas. Buenos Aires : Universidad de Buenos Aires.

ACEVEDO, Mariela (2009). Revista Clítoris. Historietas y exploraciones varias. Feminismo y textualidades. In: Revista Tebeosfera. [En ligne] <https://www.tebeosfera.com/documentos/revista_clitoris._historietas_y_exploraciones_varias._feminismos_y_textualidades.html> [consulté le 22 août 2019]

BDEGALITE, (2013). Charte des créatrices de bande dessinée contre le sexisme. In: Collectif des créatrices de bande dessinée contre le sexisme. [En ligne] <<http://bdegalite.org/>> [consulté le 22 août 2019]

BEATY, Bart (2007). Unpopular Culture: Transforming the European Comic Book in the 1990s. Toronto: University of Toronto Press.

BOURDIEU, Pierre (1984). Espace social et genèse des "classes". In: Actes de la recherche en sciences sociales, vol. 52-53 (p. 3-14). Paris: Seuil.

CHICKS ON COMICS, (2017). Un yo colectivo y mundial. [En ligne] <<https://youtu.be/UjkGo7CDbf4>> [consulté le 22 août 2019]

CHUTE, Hillary (2010). Graphic Women. Life Narrative and Contemporary Comics. New York: Colombia University Press.

DE COURTIVRON, Isabelle (dir.) (2003). Lives in Translation. Bilingual Writers on Identity and Creativity. New York : Palgrave Macmillan.

DE LUCA, Ricardo; DELORENZI Florencia Pereyra (2009). Un abordaje de la historieta argentina desde el ARS. Buenos Aires : Universidad de Buenos Aires.

- DOLFUS, Olivier (2007). La mondialisation. Paris : Presses de Sciences Po.
- GLISSANT, Édouard (1997). Poétique IV. Traité du Tout-Monde. Paris: Gallimard.
- GOCIOL, Judith; INVERNIZZI, Hernán (2010). Un golpe a los libros. Buenos Aires : Eudeba.
- GROENSTEEN, Thierry (2009). Pour une internationalisation des études sur la bande dessinée dans le contexte de la mondialisation. In: Éditions de l'An 2. [En ligne] <<https://www.editionsdelan2.com/groensteen/spip.php?article13>> [consulté le 22 août 2019]
- GROENSTEEN, Thierry (2004). Ce que l'OuBaPo nous révèle de la bande dessinée. In: Neuvième Art 2.0. [En ligne] <<http://neuviemeart.citebd.org/spip.php?article547>> [consulté le 22 août 2019]
- HEIN, Fabien (2012). Do it yourself! Autodétermination et culture punk. Paris: Le Passager Clandestin.
- MENU, Jean-Christophe (2011). La bande dessinée et son double. Paris : L'Association.
- NEAUD, Lynda (1992). The Female Nude. Art, Obsenity and Sexuality. Londres: Routledge.

Recebido em 22 de agosto de 2019.

Aceito em 30 de agosto de 2019.

DIFUSIÓN DE LA OBRA DE ESCRITORAS EN EL NUEVO TEATRO CRÍTICO DE EMILIA PARDO BAZÁN¹

Rocío Charques Gámez²

Resumen: En uno de los periodos de mayor acción feminista por parte de Emilia Pardo Bazán, cuyo nombre es reconocido a nivel internacional, la escritora coruñesa lleva a cabo una empresa de gran ambición: su revista *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893). Ella financia, dirige y redacta cada número, donde aparecen trabajos de temática tan diversa como la crítica literaria, la reseña de eventos culturales o crónicas de viajes, entre otros. No todos los escritores a los que dedica un artículo reciben gustosamente sus comentarios. La nómina de escritores es mayoritariamente masculina. En este trabajo nos detendremos en aquellos textos dedicados a las escritoras contemporáneas.

Palabras-clave: Emilia Pardo Bazán; *Nuevo Teatro Crítico*; Escritoras del XIX.

THE CIRCULATION OF WOMEN WRITERS LITERARY WORK IN EMILIA PARDO BAZÁN'S *NUEVO TEATRO CRÍTICO*

Abstract: At the top of her feminist activism, Emilia Pardo Bazán publishes her ambitious journal *Nuevo Teatro Crítico* (1891-1893). The Spanish writer finances, edits and writes the journal, that publishes different types of texts, such as literary criticism and cultural events reviews. Her literary criticism, devoted mostly to texts signed by men authors, is not always positively received. In this article we analyse certain texts that Pardo Bazán dedicates to her contemporary women writers.

Keywords: Emilia Pardo Bazán, *Nuevo Teatro Crítico*, press, feminism, 19th-century women writers, Spanish and Latin American literature.

¹ El presente trabajo se enmarca en el proyecto de investigación I+D subvencionado por el Ministerio de Economía y Competitividad "Ediciones y estudios críticos sobre la obra literaria de Emilia Pardo Bazán" (FFI2016-80516-P) (AEI/FEDER, UE).

² Professora titular de espanhol no secundário, na França. Leitora de espanhol na Universidade de Pau (França). Doutora em Filologia Hispânica pela Universidade de Alicante. É membro do projeto *Ediciones criticas sobre la obra literaria de Emilia Prado Bazán* (2016-2019); do laboratório ALTER da Universidade de Pau; da Sociedade de Literatura Espanhola do século XIX, da Sociedade Menéndez Pelayo e da Sociedade dos Hispânicos Franceses. Endereço eletrônico: rochini@hotmail.com

Emilia Pardo Bazán (1851-1921) lleva a cabo una de sus empresas más ambiciosas entre los años 1891 y 1893. Goza entonces de fama internacional y es bien conocida tanto por sus novelas, como *La Tribuna* (1883) y *Los pazos de Ulloa* (1886), así como por sus trabajos sobre el Naturalismo³ y sobre la nueva novela rusa⁴, entre otros. Como afirma Darío Villanueva, la escritora coruñesa “conoció, criticó y difundió en español la mejor literatura de su tiempo, ejerciendo de este modo un magisterio como nadie fue capaz de hacerlo al mismo nivel en la España de finales del XIX y principios del XX” (VILLANUEVA, 2003, p. 65). Su firma aparece en los principales rotativos nacionales (*La Época*, *La España Moderna*, *El Imparcial*, *El Herald*, etc.), y colabora además en otros medios periodísticos en el extranjero (como la *Fortnightly Review* británica o la revista francesa *Matinées Espagnoles*). Emilia Pérez Romero sostiene la importancia propagandística de estas participaciones en prensa y la profesionalización que adquiere nuestra autora gracias a ella: “la presse donc devient un canal et une tribune qui permettent à Pardo Bazán de divulguer ses œuvres et ses idées ; c’est aussi un tremplin pour se faire connaître et conquérir un statut professionnel réservé jusqu’alors aux hommes” (PÉREZ ROMERO, 2011).

El ambicioso proyecto del que hablamos es su revista *Nuevo Teatro Crítico*, título en homenaje a su admirado Feijoo⁵. Resulta uno de sus trabajos más destacados debido al hecho de que durante tres años ella sola saca adelante dicha empresa. Ella la financia, dirige y redacta. Su contenido versa sobre materias tan diversas como la crítica literaria, la reseña de actividades culturales o la publicación de textos literarios propios⁶. La pluma de Pardo Bazán parece una mina inagotable al igual que su capacidad de trabajo. Excepto el último año en el que publica seis números, doña Emilia saca a la luz un

³ *La cuestión palpitante*, publicado por entregas en *La Época* en 1882 y un año después en volumen.

⁴ Sus conferencias sobre la nueva novela rusa en el Ateneo madrileño se publican posteriormente en volumen (*La revolución y la novela en Rusia*, 1887).

⁵ En la presentación de su revista Emilia Pardo Bazán advierte que desea seguir el procedimiento del beneditino: “Apetezco su energía para afirmar la verdad, su claridad nítida, su graciosa variedad, su amenidad encantadora, que aun trasciende hoy, como el generoso vino de la solera vieja” (PARDO BAZÁN, enero de 1891, p.7).

⁶ “Las secciones fijas estarán ocupadas por un cuento o novela, en las primeras páginas; un estudio crítico-literario sobre libros, dramas, comedias recientes; biografías, semblanzas o necrologías de autores ilustres, nacionales y extranjeros; y un estudio sobre una cuestión socio-política de actualidad. En cuanto a las secciones variables, se nos indica que versarán sobre viajes, movimientos religiosos, asuntos históricos o crónicas diversas.” (CHARQUES GÁMEZ, 2011, p. 48).

número mensual de unas cien páginas y a esto hay que sumar sus colaboraciones en otros rotativos y otros proyectos como la publicación de su Biblioteca de la Mujer, donde quiere ilustrar a la mujer española con la publicación de obras de autores nacionales e internacionales. Termina exhausta de tremenda labor y decepcionada por las actitudes de escritores contemporáneos que no toleran sus comentarios. Tampoco cuenta con la recepción que ella imaginaba y sus fuerzas físicas se ven mermadas. A todo esto se suma la crítica situación española, que le hace augurar un sombrío panorama nacional (CHARQUES GÁMEZ, 2011, pp. 271-274). En el *Nuevo Teatro Crítico* se observa una atención especial por las novedades literarias (especialmente la novela) y, a su vez, destaca el número de escritos donde se manifiesta el pensamiento feminista de nuestra autora (CHARQUES GÁMEZ, 2003, pp. 7-11). En el presente trabajo nos interesa analizar el espacio dedicado a las autoras contemporáneas, asunto que ya ha sido abordado por Bieder (1989) y Scanlon (1995).

De la nómina de mujeres citadas en esta revista sobresalen Concepción Arenal, la duquesa de Alba y Blanca de los Ríos. Las menciones a estas autoras así como los trabajos monográficos sobre sus obras en el *Nuevo Teatro Crítico* las hacen sobresalir del resto.

Concepción Arenal:

En febrero de 1893, Emilia Pardo Bazán publica en el número 26 de su revista el artículo titulado “Concepción Arenal y sus ideas acerca de la mujer”. Este trabajo surge como respuesta al silencio guardado en torno al pensamiento sobre la mujer de la abogada ferrolana en las lecturas que se hacen en el Ateneo de Madrid con motivo de su fallecimiento. Tampoco se recuerdan estas ideas en los periódicos, lo que refleja el deseo de ocultarlas para no desatar polémicas alrededor de esta figura icónica. Con una clara intención de alinearse en las filas de la intelectualidad española, Pardo Bazán incluye su nombre cuando apunta el magisterio incuestionable del Padre Feijoo en el pensamiento feminista de Concepción Arenal⁷. En su *Defensa de las mujeres* el

⁷ En 1876, Concepción Arenal y Emilia Pardo Bazán participan en un certamen en Orense en el que se premia el mejor estudio crítico de las obras de Feijoo. Concepción Arenal estudia la *Defensa de las mujeres* y Pardo Bazán presenta su primer trabajo en prosa titulado *Examen crítico de las obras del P. Mtro. Fr.*

padre benedictino sostiene la igualdad entre hombres y mujeres, así como la capacidad política de esta. Asimismo, en estas líneas asoman elementos autobiográficos pues la escritora coruñesa cita a su padre como otra de las influencias fundamentales en su feminismo. Con el mismo deseo de insertarse en la línea de continuidad del pensamiento más avanzado, admite que las razones que la conducen a ocuparse de las obras a favor de la mujer de Concepción Arenal son las mismas que las de esta para escribir sobre el autor de la *Defensa de las mujeres*.

A continuación, se presenta un estudio y comentario de dos obras clave del feminismo de Concepción Arenal: *La mujer del porvenir* y *La mujer de su casa*. Se exponen las ideas sostenidas en cada obra y se apunta la evolución del pensamiento de Arenal⁸. En lugares puntuales doña Emilia emite también su opinión respecto a ciertos asertos. Un punto relevante del primer libro es la denuncia de la situación legislativa de la mujer, pues si ante la ley civil se la considera como a un ser inferior, la ley criminal le aplica iguales penas⁹. Otras teorías atacadas por Arenal son las de la inferioridad intelectual y moral de la mujer. De este modo rebate las doctrinas de Gall sobre la supuesta inferioridad intelectual debido al tamaño cerebral y, para ello, se apoya, entre otros argumentos, en los esgrimidos por Feijoo al nombrar ejemplos de famosas reinas. En lo que respecta a la inferioridad moral opina que la mujer es superior

Benito Jerónimo Feijóo del Orden de Benedictinos. Aunque en un principio los dos trabajos quedan empatados, al final, el claustro de la Universidad de Oviedo premia el estudio de Pardo Bazán. El estudio de Concepción Arenal se publica en la *Revista de España*; el de doña Emilia lo hace un año después, acompañado del poema de la misma autora, *Oda a Feijoo*, premiado en el mismo concurso con la Rosa de Oro. El trabajo de doña Emilia estudia el *Teatro Crítico Universal* —que influye en su *Nuevo Teatro Crítico*— y las *Cartas Eruditas* del Padre Feijoo (BIEDER, 1998, pp. 31-33; BRAVO-VILLASANTE, 1962, p. 51; KIRBY, 1963, pp. 18-24; CLÈMESSY, 1981, p. 160; SAIZ AMOR, 1950, p. 114 y pp. 176-80; SCHIAVO, 1975, p. 1).

⁸ “El mismo propósito que animó a doña Concepción Arenal a estudiar las obras de Feijoo; el mismo sentimiento de gratitud inspirado por la afirmación de verdades que yo también creo de la mayor y más excepcional importancia, me impulsan a emborronar estas cuartillas, haciéndome cargo de las ideas de doña Concepción sobre la mujer” (p. 275).

⁹ El tema de la criminalidad interesa enormemente a Pardo Bazán. En otros medios, como en *La Ilustración Artística*, se publican muchas crónicas al respecto (RUIZ OCAÑA, 2004, pp.198-240). “El discurso legal sobre la mujer de Pardo Bazán remite a dos temas fundamentales: los derechos políticos, por un lado, y la violencia de género, por otro. Ya en la memoria leída en el Congreso Pedagógico de 1892 Pardo Bazán explicaba que, si bien la conquista de los derechos del hombre era una realidad, esos derechos lo eran, en efecto, del hombre, no de la humanidad; la mujer no quedaba englobada en el término genérico. En una crónica escrita con motivo de la participación, por vez primera, de la mujer como jurado en Francia, reflexiona con un tono visiblemente más irónico y amargo sobre el hecho de que la mujer quede excluida de las ventajas del sistema legal, pero reciba en cambio sus efectos con la misma o incluso mayor dureza que el hombre [LIA, núm. 1.015, 1901]” (PEÑAS RUIZ, 2008, p. 167).

al hombre en este terreno, pues así lo deduce al contabilizar un menor número de crímenes cometidos por mujeres. No obstante, Concepción Arenal no cree conveniente que la mujer ejerza profesiones que le supongan demasiado esfuerzo físico o un dilema moral. De ahí infiere que no se debe conceder derechos políticos a la española ya que la política está plagada de mentiras e intrigas.

En *La mujer de su casa* a doña Emilia le sorprende que la ilustre ferrolana apoye la inferioridad intelectual femenina. Emilia Pardo Bazán apunta como posible cambio de esta opinión la influencia de las teorías del genio y locura de Lombroso. La escritora coruñesa, como hace la pensadora ferrolana, sostiene su idea de que el principal obstáculo de la mujer para su desarrollo personal lo constituye el ideal del *ángel del hogar*¹⁰. Al igual que Concepción Arenal está en desacuerdo con que la mujer no pueda intervenir en la esfera pública, así como tampoco comparte la opinión generalizada de que a la mujer haya que educarla para ser una buena madre. Respecto al derecho al voto femenino, la abogada ferrolana no lo defiende hasta que la española no posea la educación necesaria. Aunque doña Emilia no exponga aquí su punto de vista, en otras ocasiones ha manifestado estas mismas opiniones. Recordemos su intervención en el Congreso Pedagógico de 1892, donde crítica que se eduque a la mujer para lograr que cumpla adecuadamente su función de madre¹¹. En el resumen de memorias y ponencias de la Sección V, la dedicada a la mujer, presta especial atención a las ponencias de Carmen Rojo, Wilhelmi de Dávila, Soledad Acosta de Samper y Concepción Arenal. Su admiración por la ilustre ferrolana se evidencia en sus palabras:

“Lamentemos [...] que no se encuentre aquí [...] la ilustre señora [...], a quien podemos llamar nuestra decana, y a quien manifestaríamos con nuestro respeto y con nuestros entusiastas aplausos, cuánto estimamos su saber, cuánto veneramos su carácter, cuánto admiramos sus dotes singularísimas de pensadora, de publicista, de

¹⁰ En un momento de su trabajo Pardo Bazán afirma: “Antes de leer *La mujer de su casa* tuve ocasión de decir en algún pasaje de mis obras que la anomalía de nuestras sociedades y de nuestras instituciones modernas es que, habiendo variado y cambiado de dirección totalmente el ideal masculino, el femenino se mantiene fijo como la estrella polar: que el hombre anda y la mujer se está quieta, y no sólo se está quieta, sino que entiende que debe estarse quieta, petrificada, hasta la consumación de los siglos” (p. 297).

¹¹ Esta memoria se publica en el *Nuevo Teatro Crítico*, en el número de octubre de 1892.

maestra en ciencias políticas y morales” (PARDO BAZÁN, octubre de 1892, pp. 79-80).

Por último, citamos la mención de dos obras de Concepción Arenal recogidas en el índice de libros recibidos, en el apartado de ciencias del número 26 de la revista de Pardo Bazán: *El delito colectivo* y *El visitador del preso*. Se trata del mismo número en el que recoge su trabajo sobre las ideas de la mujer de la famosa socióloga en febrero de 1893.

La duquesa de Alba:

En julio de 1891 Pardo Bazán publica una carta abierta a la duquesa de Alba con motivo de la publicación de *Los documentos escogidos del Archivo de la Casa de Alba*¹². Este texto aparece en plena lucha de Pardo Bazán por defender el ingreso de la mujer en las academias¹³. De hecho, en el número del mes de marzo dirige una carta a Rafael Altamira para responder a la que este le escribe en febrero en *La España Moderna*¹⁴. En ella se posiciona sobre la polémica en torno a la incorporación de las mujeres a las academias. Entonces propone poner a disposición su pluma para promocionar este ingreso, pero dejando claro que ella quiere quedar fuera de toda polémica y que no desea postular por un puesto¹⁵. En concreto plantea comenzar con Altamira una campaña a favor de la candidatura de Concepción Arenal a la Academia de las Ciencias Morales y Políticas. La respuesta de Altamira aparece más tarde en *El Heraldo de Madrid* (“La cuestión académica”, 8 de junio de 1891). Este periódico reclamaba textos de quienes apoyaran la candidatura de Concepción Arenal.

¹² El volumen es enviado a Pardo Bazán, tal como la misma anota en el apartado de “libros recibidos” de ese número.

¹³ En 1889 y en 1912 intenta ingresar en la RAE sin éxito. Existen muchas referencias y trabajos sobre el tema. La última biografía de Pardo Bazán por Isabel Burdiel puede ofrecernos un panorama de la polémica (2019, pp. 369-394 y 559-571). En el *Nuevo Teatro Crítico* se diseminan muchas notas donde se percibe el interés de doña Emilia por este tema (CHARQUES GÁMEZ, 2011, pp. 180-185).

¹⁴ ALTAMIRA, Rafael, “La cuestión académica. (Carta abierta)”, *La España Moderna*, febrero 1891, pp. 183-8.

¹⁵ En fechas muy posteriores doña Emilia declara a *El Día* el 7 de febrero de 1917: “Y conste que es cuestión que sólo me ha llegado a interesar, por un idealismo, por una convicción, porque cada cual tiene sus propósitos, y yo tengo el de separar obstáculos de los que estorban a la mujer. No espero entrar nunca en la Academia; pero en este caso especial la lucha vale más que el triunfo” (citado por PATIÑO EIRÍN, 2004, p. 148).

Altamira aprovecha este momento para defender, por su parte, la candidatura de Pardo Bazán y la de la duquesa de Alba.

Si volvemos al texto que escribe doña Emilia a la duquesa de Alba en su *Nuevo Teatro Crítico*, observamos cómo Pardo Bazán hace gala de su interés por la situación de la mujer, así como por aquellas que resaltan por sus cualidades intelectuales. Recuerda su trabajo para la revista inglesa *Fortnighly Review* publicado en 1889¹⁶ donde a la hora de hablar de la mujer aristocrática declara que existen algunas interesadas por temas como la literatura, la historia o la ciencia. Si entonces se hubiera publicado ese libro de la duquesa de Alba, confiesa que no habría dudado en nombrarlo entre los casos citados en su texto. Dos cualidades aprecia en estas damas: la fuerza y la reflexión, de las que sin duda hace gala la duquesa, según doña Emilia. El hecho de que, a continuación, Pardo Bazán aluda a los versos de la infanta Paz, delata la imparcialidad con la que emite sus opiniones. Para ella, los poemas reales “eran inofensivo desahogo lírico, sin trascendencia literaria, científica ni social” (julio de 1891, p. 75). Al contrario, la empresa de la duquesa le parece “labor viril, seria, útil, cumplida” (p. 75). Todas las cualidades que encuentra en el prólogo de este trabajo le hacen deducir que la duquesa será capaz de redactar un buen libro de historia¹⁷. Espera con impaciencia otros estudios de la duquesa para que pueda corroborar esta idea y que “sobre la apuesta figura de una reina de la moda puede llegar a destacarse la de una *historiadora* concienzuda y grave” (pp. 76-77).

En un momento podemos leer la siguiente frase: “Con tantas flores como voy echando a V. (¡y qué grato es poder echar flores a boca llena! [...])” (p. 77). La ponemos aquí de relieve por la conexión que establece con el trabajo que dedica posteriormente a Blanca de los Ríos, donde aclara que le gusta halagar a las mujeres cuando estas poseen cualidades que lo justifiquen.

En la “Crónica literaria” del mismo número de la revista Emilia Pardo Bazán vuelve a citar a la autora para manifestar que la aparición de su obra

¹⁶ Se trata de sus artículos sobre la mujer española, que luego se publican en español en *La España Moderna* (1890).

¹⁷ “[...] no vacilo en afirmar que por lo escogido y propio del lenguaje, por lo acertado y sutil de las apreciaciones, por el método con que desarrolla V. los hechos, por la sobriedad y ausencia de hojarasca inútil, revela que no sería para V. ardua empresa la de escribir un libro de historia [...].” (julio de 1891, p. 76).

provoca volver a reflexionar sobre la cuestión del ingreso de la mujer en las academias. Doña Emilia resume los artículos publicados por otros autores donde se habla de este tema y demuestra que desde las páginas de su revista va a seguir combatiendo por este derecho¹⁸.

En 1892 aparece un nuevo libro de la duquesa: *Autógrafos de Cristóbal Colón y papeles de América*. Sus datos aparecen en el índice de libros recibidos en el número de noviembre de ese año. En el número anterior doña Emilia cita esta obra en su “Crónica del movimiento intelectual en el Centenario” (octubre de 1892, pp. 83-111). La reseña de este trabajo ocupa un espacio mucho menor (una parte de la página 88) que el que Pardo Bazán dedica, justo en los párrafos anteriores, a la obra de Castelar. Llama la atención el hecho de que la escritora coruñesa aborde la cuestión del desorden en la presentación de los materiales por parte de la duquesa en esta nueva obra¹⁹ cuando en su reseña a *Documentos escogidos del Archivo de la Casa de Alba* indicaba lo contrario. Aunque no aparece una crítica abierta al libro, el nivel laudatorio del texto anterior no se repite²⁰. Se comparan las obras de Castelar²¹ y de la duquesa de Alba y se concluye que son “los dos polos de la ciencia histórica” (p. 88).

Blanca de los Ríos:

En los índices de libros recibidos Pardo Bazán cita dos libros de poemas de Blanca de los Ríos: *Esperanzas y recuerdos* (Madrid, 1881) (en el número de julio de 1891) y *Romancero de Don Jaime el Conquistador* (Madrid, 1891) (en agosto de 1891). En los “Juicios cortos” de este último número consagra un espacio a esta autora con motivo de la aparición del libro enviado (*Romancero de Don Jaime el Conquistador*). Resulta interesante esta reseña

¹⁸ Recuerda el artículo de Pérez de Guzmán, que el 7 de junio en *La Época* apunta como posibles candidatas a Concepción Arenal para la Academia de Ciencias Políticas y Morales y a la duquesa de Alba para la de Historia. A continuación cita la carta que Altamira le dirige desde *El Heraldo de Madrid*, donde ensalza las cualidades de Arenal y desde donde se abre una campaña para recoger opiniones a favor del ingreso femenino a las academias (p. 89).

¹⁹ “Libros como esta colección de documentos [...] son el terreno de aluvión donde se depositan, a manera de fecundante limo, la noticia y el dato disgregados, sin orden ni forma, para que el creador de historia los aproveche” (p. 88).

²⁰ En el *Nuevo Teatro Crítico* leemos: “Indirecta es para la cultura general libros como el de la aristocrática editora; pero no por indirecta menos beneficiosa, ni menos meritorio el empeño con tanta fortuna realizado por la ilustre dama” (p. 88).

²¹ *Historia del descubrimiento de América*.

porque comienza defendiéndose de las mujeres que la critican por no ocuparse de las obras de sus congéneres. Recuerda concretamente un periódico de mujeres, aunque no nombra su título, donde se quejaban por su indiferencia hacia la ilustración de otras literatas. A renglón seguido, se dirige directamente a su lectorado para demostrar que esta crítica carece de fundamento. Así expone su deseo de que existan más mujeres eminentes de la talla de Santa Teresa o Madame Staël, por ejemplo. Su admiración se dirige a toda mujer que destaque en cualquier campo, bien sea en la ciencia o en la santidad, en la crítica o en la lírica. El uso de las cursivas pone todavía más de relieve la diferencia entre ella y esas mujeres que la acusan: su lectorado (masculino y femenino) difiere del de las revistas femeninas al uso. Su revista, desde luego, no busca instruir a la mujer en las labores “de su sexo” y se dirige a un público de ambos sexos interesado por la actualidad cultural del momento. Finalmente vuelve al ataque de estas literatas cuando confiesa su desagrado por las mujeres que escriben sandeces, pero no desaprovecha la ocasión para precisar que lo mismo le ocurre con los hombres. De hecho, doña Emilia trata de zanjar esta polémica evidenciando que ella no distingue escritores hombres de escritoras, y que su crítica es ecuaníme con ambos sexos:

“Lo único que *adelantaré a mis lectores*, es que no ceso de rezar para que Dios nos mande una cosechita de Staëles, Ackermanes, Santas Teresas, marquesas de Chatelet, Safos, una nidada, en fin, de eminencias hembras, de cualquier color y hechura, a fin de recrearme con su trato, aprovechar su enseñanza, y batir palmas a cada triunfo que consigan en la crítica, en la lírica, en la santidad o en la ciencia. ¡Ah! Y no omitiré añadir que cuando las mujeres escriben boberías..., me desagradan exactamente lo mismo que cuando las escriben los hombres. Ni un grado más, pero tampoco un grado menos” (pp. 85-86).

Del mismo modo se aprecia que doña Emilia desea apartarse de la nómina de literatas, como acaba de hacer al diferenciar a su público del de estas. Admite que la cualidad indispensable que la lleva a admirar y, por tanto, a interesarse por una persona con dotes literarias, es su amor incondicional y sincero por el estudio. La faceta intelectual del escritor, su formación continua, su curiosidad constante, son las que la atraen hacia él. En cambio opina que, en

términos generales, las escritoras de su época no poseen esta capacidad de trabajo ni bagaje intelectual. De nuevo subraya que no hace distinción de sexos a la hora de admirar a un escritor. Su argumentación se cierra en estas líneas donde manifiesta su postura como crítica literaria:

“Así que olfateo en un mujer alguna de esas cualidades que honran, no solo a su sexo, pero a la humanidad total, indivisible compuesto de hembra y varón; así que noto persistente y no fingido amor al estudio, modestia *activa*, que se revela, no en protestas generalmente poco sinceras, sino en la constancia de ese mismo estudio, que prueba el deseo de adelantar; así que reunidas a tan estimadas dotes veo aptitudes que justifican la vocación literaria, mi mano se extiende para estrechar fraternalmente la mano juvenil, y mi simpatía está conquistada” (pp. 86-87).

A continuación, pasa a centrarse en Blanca de los Ríos²², ejemplo de mujer meritoria de su interés. Según Denise DuPont, doña Emilia, a la hora de escribir este artículo, tiene en mente su fracaso a la hora de integrar la Real Academia Española. De hecho, esta institución ha premiado el estudio de la joven autora sobre Tirso de Molina (DUPONT, 2010, p. 19) y Pardo Bazán se congratula por su próxima publicación, según anuncia Blanca de los Ríos al final de su poemario. Podemos suponer que pese a que ella no ha conseguido ser nombrada miembro de la Academia, el hecho de que una mujer sea premiada por ella tal vez le sirva para advertir la capacidad intelectual femenina y la igualdad que merece a la hora de apreciar su valor intelectual. Este trabajo se inscribe, a su vez, en la campaña que ella y Altamira han puesto en marcha a favor del ingreso de las mujeres en las academias. Quizás este galardón haga reflexionar al jurado sobre su opinión acerca de que una mujer integre sus filas. Aunque la escritora coruñesa no ha leído su estudio, la lectura de un trabajo anterior sobre la figura del Don Juan y el conocimiento de la historia que se advierte en sus poemas, la lleva a congratularse por el advenimiento de una futura erudita. Alaba sus cualidades polígrafas en tanto que investigadora de la historia. Su capacidad para transmitir sus conocimientos se acompaña de un estilo ameno y claro que se advierte en

²² En 2016 se publica el epistolario de Emilia Pardo Bazán a Blanca de los Ríos (FREIRE LÓPEZ Y THION SORIANO-MOLLÁ, 2016).

algunos de los poemas del *Romancero de Don Jaime el Conquistador*, del que prefiere aquellos que demuestran la interpretación de la poetisa de una época histórica. Un primer condicionante de su pasión bibliográfica puede ser su familia pues, como apunta Pardo Bazán, su tío es un distinguido historiógrafo, José Amador de los Ríos (1891, p. 87).

El perfil de Blanca de los Ríos delineado por doña Emilia no carece de las notas características de feminidad acompañadas de sus dotes eruditas, como advierte Scanlon. De esta manera trata de acabar con la idea de que la mujer erudita pierde su feminidad (SCANLON, 1995, p. 243). Así leemos que Blanca de los Ríos es “sencilla, tímida, de endeble salud [...] de carácter plácido”, pero también “de vasta y bien guiada instrucción, [...] una tenacidad sorprendente, prenda de victoria en las empresas de investigación bibliográfica” (1891, p. 87). DuPont subraya que Pardo Bazán se cuida de presentarla como una mujer estudiosa, frente al “ángel del hogar” presenta el modelo de “ángel de archivo”. Lejos de abandonar su crítica a las literatas doña Emilia vuelve a contraatacarlas cuando distancia a Blanca de los Ríos de este grupo:

“De esto de acometer (con formalidad) el estudio de Tirso y su Teatro, no se puede figurar la señorita Blanca de los Ríos las cosas buenas que estoy dispuesta a opinar y decir. Porque así Dios me salve como me iba hartando de historietas sentimentales o tontamente licenciosas, y de pujos morales; y de extravagancias espiritistas, con otras malas hierbas y flores cursis del erial femenino –que no quiero llamar *literario*.” (pp. 87-88).

Seguidamente Pardo Bazán apunta como motivo de este erial la escasa o inexistente educación de la mujer de su época. Pero lo que es peor aun es la negación de estas por adquirirla. Blanca de los Ríos, en cambio, se presenta como una intelectual que no cesa en dedicar horas a su erudición. Aunque doña Emilia no ha leído el estudio premiado, aplaude el esfuerzo de la joven autora. En ella la lírica es un paso previo, “un incidente de la juventud” (p. 90), que desaparecerá frente a su faceta erudita, pero que le servirá para “dar a su prosa cadencia y sonoridad” (p. 91).

A la luz de estos textos resulta evidente cómo Pardo Bazán realiza una especie de genealogía de la española intelectual en la que ella misma se inserta. En el primer caso, el de Concepción Arenal, esta se presenta como maestra de la autora (cuya influencia común es el Padre Feijoo), y en el de Blanca de los Ríos, Pardo Bazán adopta el papel de la penalista gallega. Dejando de lado la faceta más literaria, resalta sobre todo las cualidades de intelectuales y de defensoras de un modelo de mujer independiente, autónoma y cultivada. Geraldine Scanlon añade que este interés por las mujeres eruditas reside además en su defensa de la capacidad intelectual femenina: “female erudition is specially deserving of her praise and encouragement because it refutes current assumptions about the intellectual inferiority of women” (1995, p. 243). Por lo tanto, los estudios y menciones de estas mujeres le sirven como ejemplos de modelos femeninos diferentes al del “ángel del hogar” y son una continuación de su batalla contra las desigualdades entre hombres y mujeres en su época. Además, ella misma y las escritoras citadas por ella se apartan del tipo de literatura que se supone que debe cultivar la mujer, esto es, una literatura dirigida a otras mujeres con el fin de entretenerlas, sin ningún fondo cultural, o de instruir las en su papel de madres y esposas, siempre al servicio del género masculino²³. Maryellen Bieder manifiesta este deseo de Pardo Bazán de diferenciarse del resto de escritoras al uso y de pasar a integrar la comunidad literaria:

“Mientras muchas de ellas abogan por «la ilustración» y la educación de la mujer en ensayos y discursos y colaboran en revistas dedicadas a la mujer de clase media, y unas pocas lanzan sus propias revistas, Emilia Pardo Bazán se revela como ejemplo de la mujer ilustrada. De ser una de las muchas *literatas* que empiezan a escribir en los años 70, pasa a ser reconocida como escritora y crítica literaria de mérito, no sólo por defensores de la mujer sino por la comunidad literaria masculina” (BIEDER, 1989, p. 1204).

²³ Simón Palmer comenta al respecto que la “inmensa mayoría de las escritoras optaron por hacerse portavoces de los valores tradicionales de la familia cristiana y defendieron la figura de la mujer madre y esposa, para poder de esa forma hacerse perdonar la “falta” de escribir” (SIMÓN PALMER, 1983, p. 489).

Otras autoras:

Más que a las obras literarias de escritoras, Pardo Bazán se decanta por los comentarios a participaciones de la mujer en otros campos²⁴. Veíamos cómo Pardo Bazán se interesa por los libros de corte histórico y por figuras femeninas activas en la esfera pública y en el trabajo intelectual. En su lucha por defender la igualdad entre hombres y mujeres, Emilia Pardo Bazán resalta su papel en la defensa de una educación igualitaria. La educación es eje fundamental para interpretar su feminismo, es la clave para nuestra autora para acabar con el inmovilismo de la mujer²⁵. En estas fechas tiene lugar el **Congreso Pedagógico Hispano-Luso-Americano**, en el que ella participa. Dicho congreso da comienzo en Madrid el 13 de octubre de 1892. La autora coruñesa forma parte del comité organizador junto a otras veinte mujeres, entre ellas, Concepción Arenal y Carmen Rojo. En este encuentro internacional se dedica una sección especial, la V, a tratar el tema de la educación femenina. En la revista *Nuevo Teatro Crítico* no pueden faltar los comentarios sobre este evento que refleja el movimiento incipiente hacia un avance en la educación

²⁴ Citamos en nota a pie de página el comentario a *Arséne Aruss*, a Mercedes Cabello de Carbonera y a Miss Lilian O'Connell. El libro de María Sara Oquendo (*Arséne Aruss*) sobre grafología mencionado es *La grafología simplificada: arte de conocer el carácter de las personas por su letra: teoría y práctica*. Se publica en la "Crónica literaria" del *Nuevo Teatro Crítico* de enero de 1892, p. 107. Aunque el comentario se extiende a los grafólogos en general, cita a su "querida amiga *Arséne Aruss*" (p. 107) y demuestra gran escepticismo ante esta ciencia que averigua nuestra personalidad a través de la escritura. Una reseña más ampliada aparece, el 29 de febrero de 1892, en *La Ilustración Artística* ("Una nueva ¿ciencia? (La grafología)", p. 130). Respecto a Mercedes Cabello de Carbonera la autora coruñesa se refiere a una carta que la autora peruana remite a Juan Enrique Lagarrigue ("Libros nuevos", *Nuevo Teatro Crítico*, noviembre de 1893, pp. 150-153). Se muestra de acuerdo con ella respecto a los dos polos opuestos con los que se ha definido a la mujer y su defensa de esta como ser humano: "Ni ángel ni bestia, sino ser humano y racional, es a lo que debe aspirar toda mujer [...]" (p. 151). No obstante le amonesta que entre ambos (la demonización por los teólogos antiguos y la idealización por "el positivismo altruista", p. 151) prefiera el que la convierte en un ser idealizado. Sobre Miss Lilian O'Connell, doña Emilia subraya que se trata de una hermosa joven estadounidense que recita fragmentos de poetas y novelistas. Se imagina que debe de poseer "condiciones para el arte dramático" ("Letras y libros", diciembre de 1893, p. 295) para ello. De la selección de autores españoles que ha hecho la recitadora se encuentran textos de Galdós, Palacio Valdés, Espronceda, Núñez de Arce y Pardo Bazán. Le sorprende que de su obra haya seleccionado un pasaje de su novela *La Tribuna*.

²⁵ Para completar la información sobre el interés de nuestra autora por la educación de la mujer consúltese el artículo de M^{ra} Ángeles Ayala, "Emilia Pardo Bazán y la educación femenina" (2001, pp. 183-90). Ezama Gil dedica un exhaustivo trabajo a esta temática en su artículo "La vocación pedagógica de Emilia Pardo Bazán" (2012, pp. 417-437).

femenina. En su revista doña Emilia incluye su memoria²⁶ y sus conclusiones²⁷, también recoge el resumen de otras ponencias y memorias de la sección V²⁸, y el comentario de otros eventos en torno a esta conmemoración²⁹. Emilia Pardo Bazán, en su reseña de las ponencias que se leyeron, se congratula de que personas venidas de tan diversas esferas, latitudes y creencias coincidan en reivindicar el mismo avance en la educación femenina. Fija su atención en las memorias de mujeres como Carmen Rojo, Soledad Acosta de Samper, Wilhelmi de Dávila y Concepción Arenal. En la memoria de Carmen Rojo, directora de la Escuela Normal de Maestras de Madrid, se parte de la base de la igualdad de los sexos para defender una educación más amplia para la mujer, “hasta lograr que la mujer se baste a sí misma y no dependa de nadie” (p. 76). Si no cree que se deban crear nuevos centros de educación, Carmen Rojo opina que otros deben perfeccionarse y que la Escuela Normal debería transformarse en una universidad femenina. Sus conocimientos y competencia educativa son ensalzados por Pardo Bazán que inmediatamente después puntualiza que no comparte su idea de separar a hombres y mujeres a la hora de educarse, pues como confiesa: “yo soy partidaria de la coeducación o educación mixta” (p.77). Unas pocas palabras dedica a la profesora Alcañiz para elogiar “su acertada exposición” y “la lógica persuasiva de su amplísimo criterio” (p. 77).

La historiadora americana Soledad Acosta de Samper no ha podido presentar su trabajo por falta de tiempo. Aun así doña Emilia ha podido leer su texto donde se demuestra la aptitud femenina para ejercer una profesión o para dedicarse al mundo de las artes y las letras. Pardo Bazán declara abiertamente el reconocimiento que siente desde hace tiempo por esta mujer³⁰.

²⁶El trabajo se recoge en su revista con el título “La educación del hombre y la de la mujer” (octubre de 1892, pp. 14-59).

²⁷ “Conclusiones de la Memoria, leídas en el Congreso Pedagógico el día 17 de Octubre de 1892” (octubre de 1892, pp. 60-66).

²⁸ “Resumen de memorias y ponencias de la sección V, leído en el Congreso Pedagógico el 19 de Octubre de 1892” (octubre de 1892, pp. 67-82).

²⁹ “Crónica del movimiento intelectual en el Centenario” (octubre de 1892, pp. 83-111).

³⁰ Gómez-Ferrer compara el pensamiento feminista de ambas autoras en uno de sus artículos. Las dos defienden la educación como arma para el cambio de la situación en la que se encuentra la mujer en su época (2016, p. 139).

En su breve comentario de esta memoria anota que cree advertir en las naciones hispanoamericanas un brote reformista que adelantará a España³¹.

Después de recordar el éxito de Wilhelmi de Dávila con la lectura de su memoria, doña Emilia elogia tanto la forma como el fondo de su intervención³² con la que juzga que ha convencido de la innegable capacidad de la mujer para ejercer una profesión.

Respecto a Concepción Arenal manifiesta su gran admiración por ella y siente su ausencia en el congreso. En cambio, ha enviado su memoria, que considera “obra maestra de razón y madurez de pensamientos, al par que demostración brillantísima de que ni la edad ni los padecimientos hacen mella en la viril mentalidad de la filósofa” (pp. 80-81). Su trabajo le parece el más radical y progresista, pues defiende una educación todavía más profunda y amplia que la del hombre puesto que la mujer necesita avanzar más que él. Pardo Bazán no esconde su veneración por Concepción Arenal, que se transparenta en palabras de alabanza hacia su saber, su carácter y sus dotes de “pensadora, de publicista, de maestra en ciencias políticas y morales” (79-80). La autora de *La quimera* saca a relucir la repercusión internacional de la pensadora ferrolana como una razón irrefutable para su veneración³³ y, quizás, para su incorporación en la Academia de Ciencias Políticas y Morales, siguiendo la campaña que ella y Rafael Altamira llevan adelante para favorecer el ingreso femenino en ellas.

Apuntábamos unas líneas más arriba que las reseñas a obras literarias de mujeres contemporáneas no son abundantes sino todo lo contrario. Ningún comentario sobre obras dramáticas aparece. Leemos una referencia a un libro de viajes de Madame Sodar de Vaulx³⁴, una novela de Eva

³¹ “Creo hacerme intérprete de los sentimientos del Congreso al saludar aquí a la señora Acosta, y en ella a la representación de su joven patria, hija y hermana nuestra, que acaso esté llamada a precedernos en el camino de reformas tan justas como civilizadoras” (p. 78).

³² Como en otras reseñas a obras de escritoras se resaltan características tradicionalmente atribuidas a mujeres: “[...] tan osada en el fondo como apacible y delicada en la forma [...]” (p. 78).

³³ “[...] el Congreso, señores, tributaría a la autora de las *Cartas a los delincuentes*, de la *Cuestión social* y del *Visitador del pobre*, el homenaje debido a la dama insigne, a quien leen, traducen y consultan los sociólogos de Alemania y de Inglaterra, y a quien corona ya, con la augusta corona de los años, el laudo de la sabiduría y la gloria del más ejemplar empleo de las facultades afectivas e intelectivas, no de una *mujer*, sino, como ella quiere que se diga, de una *persona*” (p. 80).

³⁴ El libro en cuestión es *Viaje a Tierra Santa*. Pese al tema trillado, Pardo Bazán considera que la autora lo refresca, logra que “agrade y conmueva” (p. 92) y felicita también la traducción al castellano. “Crónica del movimiento intelectual del centenario”, *Nuevo Teatro Crítico*, 22, octubre de 1892, p. 92.

Canel y rastreamos unas observaciones puntuales sobre novedades en la lírica. También reseña *Páginas del Ecuador*, de Marietta de Veintemilla, sobrina del general Ignacio de Veintemilla. Este comentario se publica en el primer número de la revista, en el espacio consagrado a la bibliografía hispanoamericana³⁵. En este caso se pone de relieve una personalidad fuerte y activa, una mujer que interviene en la vida política. Incluso se recuerda su participación en el sitio y asalto de Quito, “en el que la misma señora fue el alma de la resistencia, el verdadero general en jefe” (p. 92). La autora ecuatoriana relata las luchas políticas de su país en este texto con descripciones de gran dramatismo que doña Emilia aprecia. Pese a ciertos defectos indicados por la escritora coruñesa, en general valora positivamente estas memorias que, para ella, contienen los ingredientes necesarios para atraernos como podría hacerlo la mejor novela:

“Hay aquí elementos sobrados para que nos interese, como la mejor novela, la historia de un país casi desconocido para nosotros, por más que lo pueblen gentes de nuestra raza. No negaré que en la narración de la señora Veintemilla cabría más arte, ni desconozco que para formar juicio exacto de los sangrientos sucesos que refiere, convendría oír testimonios del partido contrario. Así y todo, su relato logra fijar la atención, estimular la curiosidad y encender la simpatía hacia mujer tan singular y valerosa” (p. 93).

En el número del *Nuevo Teatro Crítico* de noviembre de 1893, el penúltimo en salir a la luz, Pardo Bazán consagra unas páginas a algunos libros de poemas de mujeres y a la novela *Oremus* de Eva Canel³⁶, en el apartado de “Libros nuevos”. Para Pardo Bazán la poesía femenina se caracteriza por una nota doliente: “Raro es que detrás de un libro de versos de mujer no se entreaparezca una historia de dolores” (p. 138). El estado de la sociedad lleva a la mujer a esta situación, tal como sostiene también Aurelia Castillo en el prólogo a las poesías completas de Mercedes Matamoros. En general, doña Emilia no manifiesta gran entusiasmo por estos versos, excepto por alguna

³⁵ Enero de 1891, pp. 91-93. Libro publicado en Lima en 1890.

³⁶ Pardo Bazán y Eva Canel participan en las columnas del *Diario de la Marina*, de Cuba. En los índices de libros recibidos de la revista de doña Emilia se cita, aparte de esta obra, *Trapitos al sol* y *Manolín*. Cristina Patiño cita los libros de edición o procedencia cubana de la biblioteca de Emilia Pardo Bazán (2007).

composición, como el soneto a *La muerte del esclavo*, y las traducciones de Byron, cuya dificultad conoce por experiencia. *Mis pensamientos*, libro de poesías de Pastora Echegaray, hermana de los dramaturgos Miguel y José Echegaray, se reseña a continuación. El tono laudatorio tampoco asoma en estas líneas en las que compara a la poetisa con sus hermanos para concluir que el genio de la familia languidece en ella. A los comentarios de los poemas de Lamarque y su esposa Antonia Díaz por Rubió y Ors, Montoto, Vidart y Asensio no puede agregar nada novedoso. En cuanto a la novela *Oremus* de Eva Canel advierte el interés por su trama, pero el estilo resta valor al libro. Si bien no se detiene en alabar las cualidades literarias de la novelista, subraya su valor al sacar adelante a su familia: “No es que califique de *informe* el libro de la valerosa y excelente autora, que con tan admirable perseverancia trabaja para dar educación y carrera a su hijo [...]” (p. 145). Como advierte Scanlon, la misma Pardo Bazán deja asomar noticias familiares en su *Nuevo Teatro Crítico* como demostración de que el cultivo de las letras y el trabajo intelectual no interfieren en las cargas familiares (SCANLON, 1995, pp. 243-244). Por el contrario, para ella Eva Canel no dispone del tiempo necesario para dedicarlo a su arte.

En la “Crónica literaria” de marzo de 1891 nombra a la autora Gabriela Cunninghame Graham. Nos da la noticia de que ha pasado por Madrid y que va a salir a Tánger regresando de nuevo en mayo a España. La autora ha redactado un libro histórico-crítico sobre Santa Teresa de Jesús, lo cual encomia doña Emilia, gran apasionada de la santa. Pardo Bazán sabe que la autora ha estudiado a la santa sobre el terreno y deduce que “será joya que merezca desde luego los honores de la traducción a la lengua castellana” (p. 93). Resalta el carácter viajero de la escritora y su pasión por España. También recuerda cómo acertó a dibujar la sociedad española y la situación de sus letras en su conferencia sobre España que se publicó traducida al español en *La España Moderna*.

El resto de obras de escritoras contemporáneas se encuentran citadas en las páginas de los libros recibidos por la autora. En total son treinta y ocho títulos: doce novelas, ocho títulos de poesía, cinco volúmenes de historia y trece de temática variada. Si bien destaca el título de novelas, conviene señalar que son pocas las que merecen una atención pormenorizada en el

Nuevo Teatro Crítico. Recordemos que solo se ha comentado la novela *Oremus* de Eva Canel. Las obras de las otras autoras no se mencionan en las reseñas o noticias literarias. Como se puede apreciar, el número de envíos es mayor en 1891, lo que nos hace deducir que después las escritoras desistieron de mandar sus obras por la ausencia de comentarios a las mismas en la revista de Pardo Bazán. No obstante, conviene precisar que doña Emilia muestra interés por las novedades venidas de los países hispanoamericanos y se interesa por las escritoras del otro lado del Atlántico en otros momentos³⁷. Los títulos remitidos los recogemos a continuación: *Un drama singular (historia de una familia)*, de Lastenia Larriva de Llona (Guayaquil, 1888); *Morir sola*, de Pilar Sinués (Madrid, 1890); y *Trapitos al sol (novela político-periodística)*, por Eva Canel (Madrid, 1891) [en junio de 1891]; la novela *Manolín*, por Eva Canel (Habana, 1891) [en agosto de 1891]; *Elena*, por Emilia García de Tejada (con un prólogo de Luis Vidart. Madrid, 1891); *Un drama singular (historia de una familia)*, por Lastenia Larriva de Llona (Guayaquil, 1888); e *Índole* (novela peruana), por Clorinda Matto de Turner (Lima, 1891) [en noviembre de 1891]; dos novelas de Soledad Acosta de Samper: *Una holandesa en América* (Curazao, 1888); y *Los piratas en Cartagena*. Crónicas histórico-novelescas (Bogotá, 1886)³⁸ [en abril de 1892]; de nuevo la última novela citada de Soledad Acosta de Samper y su otro libro *Una holandesa en América* (Curazao, 1888) [en septiembre de 1892]; *Lucecitas*, de Teresa González de Fanning (Madrid, 1893) [en marzo de 1893]³⁹; y la novela *Oremus*, por Eva Canel (Habana, 1893) [en abril de 1893].

³⁷ Por ejemplo, en *El Perú Ilustrado* del 28 de agosto de 1890 comenta *Aves sin nido*, de Clorinda Matto de Turner (PELUFFO, p. 148).

³⁸ Este título aparece en este índice en el apartado de historia y en el de novela en el número de septiembre de 1892.

³⁹ En este número el apartado se titula “novelas-cuentos”. En efecto, *Lucecitas* es una colección de textos de distinta índole como cuentos, novelas y artículos de la escritora peruana. Emilia Pardo Bazán escribe el prólogo de esta novela. Ana Pelufflo escribe un trabajo sobre la lectura de Pardo Bazán de esta novela (2007, pp. 65-74). “El interés de Pardo Bazán en la literatura de sus colegas latinoamericanas se hace evidente en el prólogo a *Lucecitas*, de Teresa González De Fanning, escritora peruana que también había participado en las veladas de Gorriti. Pardo Bazán afirma haber escrito este prólogo, un poco por obligación, a pedido de su amigo Ricardo Palma, pero también porque tiene la premonición de que el resurgimiento de la literatura en lengua española vendrá en el próximo siglo de lejos de su patria [...]. Unas líneas más adelante afirma interesarse por una “brillante pléyade” de escritoras que están produciendo obras en América Latina entre las que menciona a Gertrudis Gómez de Avellaneda [...], a Soledad Acosta de Samper, a Juana Manuela Gorriti, a Clorinda Matto, a Mercedes Cabello, a Lastenia Larrivia y a Amalia Puga” (PELUFFO, 2005, p. 148).

En cuanto a los títulos de poemas se nombran los siguientes: *Esperanzas y recuerdos*, por Blanca de los Ríos (Madrid, 1881) [julio de 1891]; el *Romancero de Don Jaime el Conquistador*, por Blanca de los Ríos (Madrid, 1891) [agosto de 1891]; el poema *A San Juan de la Cruz*, por Carolina Valencia⁴⁰ (poesía premiada por la Real Academia Española. Folleto. Madrid, 189) [marzo de 1892]; *Poesías completas*, por Mercedes Matamoros (Habana, 1892) [abril de 1893]; y *Mis pensamientos*. Poesías de Pastora Echegaray (Madrid, 1893), *Flores marchitas*. *Baladas y leyendas*, por Antonia Díaz de Lamarque (Sevilla, 1877), *Aves y flores*. *Fábulas morales*, por Antonia Díaz de Lamarque (con un prólogo José María Asensio y Toledo. Edición ilustrada. Barcelona, 1890); y *Poesías religiosas*, por Antonia Lamarque de Novoa (con un prólogo de Joaquín Rubió y Ors. Edición ilustrada. Barcelona, 1889) [noviembre de 1893]. No extraña la inclusión del libro de Blanca de los Ríos pues en este número Pardo Bazán se ocupa de él. Tampoco llama la atención que reciba el poema de Carolina Valencia premiado por la RAE, ya que advertimos el interés por esta cuestión en su revista. En noviembre de 1893 doña Emilia reserva un espacio a las novedades líricas de mujeres. Los títulos reseñados aparecen recopilados en los índices de 1893, tal como se puede apreciar. Al contrario de lo que ocurre con la novela, Pardo Bazán dedica un espacio para estas obras cuando recibe mayor cantidad de las mismas.

Son cinco los títulos de historia de la pluma de una mujer. Se localizan los títulos de la duquesa de Alba (en julio se recoge el título de la obra que le inspira la carta que le dirige en este mismo número la autora de *La madre naturaleza* y habla de *Autógrafos de Cristóbal Colón y papeles de América* en la crónica del centenario del Descubrimiento en septiembre de 1892) y dos de Soledad Acosta de Samper, cuyos títulos se repiten en dos números diferentes. En los índices leemos los siguientes títulos: *Documentos escogidos del Archivo de la Casa de Alba*, por la Duquesa de Alba (Madrid, 1891) [julio de 1891]; *Historia de Don Diego de Alvear y Ponce de León*, por su hija Sabina de Alvear y Ward (Madrid, 1891) [marzo de 1892]; *Biografía del general Joaquín Pani*, por Soledad

⁴⁰ El volumen *Poesías* (1890) de esta autora lleva un prólogo de Emilia Pardo Bazán. “Más que unas palabras dirigidas a Carolina Valencia, el prólogo a sus poesías parece de hecho un manifiesto del derecho de la mujer al uso de la palabra, en servicio de la idea, y una negación de la esfera enclaustrada en que se mueven las literatas y poetisas [...] El propósito del prólogo es hacer ver a Valencia que sus versos sólo reproducen un lenguaje femenino sobrecodificado y darle otro modelo a imitar.” (BIEDER, 1995, pp. 96-97).

Acosta de Samper (Bogotá, 1883); y *Biografías de hombres ilustres o notables*, por Soledad Acosta de Samper (Bogotá, 1883) [mayo y julio de 1892]; y *Autógrafos de Cristóbal Colón y papeles de América*, por la duquesa de Berwick y de Alba, condesa de Siruela (Madrid, 1892) [noviembre de 1892].

En otros apartados se encuentran trece títulos. Por ejemplo, un libro de grafología⁴¹ (enero de 1892), un discurso de ingreso en el Ateneo de Lima⁴² (marzo de 1892), un estudio crítico⁴³ (abril de 1892), una obra sobre mujeres americanas⁴⁴ (septiembre de 1892), dos libros sobre pedagogía⁴⁵, uno de viajes⁴⁶ y una carta⁴⁷ (noviembre de 1892), dos libros de Concepción Arenal⁴⁸ (febrero de 1893), otra carta⁴⁹ (abril de 1893), unas memorias de congresos del Centenario⁵⁰ y un folleto sobre la aptitud de las mujeres a ejercer una profesión⁵¹ (diciembre de 1893). Dos son los nombres de autoras que destacamos en este momento: Soledad Acosta de Samper y Concepción Arenal. Sobre esta última se interesa especialmente doña Emilia, como hemos tenido ocasión de comentar anteriormente. Sobre Soledad Acosta de Samper se aprecia el interés que Emilia Pardo Bazán siente por ella, como puede observarse en sus comentarios a las memorias presentadas en el congreso pedagógico de 1892.

Bibliografía

ALTAMIRA, Rafael (febrero de 1891), “La cuestión académica. (Carta abierta)”, *La España Moderna*, pp. 183-188.

⁴¹ *La graphologie simplifiée*, par Arsène Aruss. Un tomo. París, (sin fecha).

⁴² *Ateneo de Lima. Discurso de Amalia Puga en su incorporación*. Opúsculo. Lima, 1891.

⁴³ Mercedes Cabello de Carbonera: *La novela moderna*. Estudio filosófico. Lima, 1892.

⁴⁴ *América y sus mujeres*, por la baronesa de Wilson (pseudónimo). Un tomo en folio. Barcelona, 1890.

⁴⁵ Sobre pedagogía recibe dos libros en portugués: *O que deve ser a instrucção secundaria da mulher?*, por Caïel (Alice Pestana). Folleto, Lisboa, 1892; y *Anotacoes a instrucção primaria feminina em Portugal*, por Carolina da Assumpcao Lima, profesora de instrucção primaria. Folleto. Coimbra, 1892.

⁴⁶ *Los esplendores de Tierra Santa*, por Madama Sodar de Vaulx, traducida del francés por el Rdo. P. Fray Ángel Ulibarri. Un tomo. Madrid, 1892.

⁴⁷ *Carta de Helena Miralla Zulueta a la señora Doña Soledad Acosta de Samper*. Folleto. Bogotá, 1891.

⁴⁸ *El delito colectivo*. Un tomo. Madrid, sin fecha; y *El visitador del preso*. Un tomo. Madrid, sin fecha.

⁴⁹ *La religión de la humanidad, Carta al señor D. Juan Enrique Lagarrigue*, por Mercedes Cabello de Carbonera. Folleto. Lima, 1893.

⁵⁰ *Memorias presentadas en los congresos internacionales que se reunieron en España durante las fiestas del IV Centenario del descubrimiento de América, en 1892*, por Soledad Acosta de Samper. Folleto. Chartres, 1893.

⁵¹ *Aptitud de la mujer para todas las profesiones*, por Berta Wilhelmi de Dávila. Folleto. Madrid, 1893.

AYALA ARACIL, María de los Ángeles (noviembre 2001): “Emilia Pardo Bazán y la educación femenina”, *Salina. Revista de Lletres*, nº 15: 183-90.

BIEDER, Maryellen (1989), “Emilia Pardo Bazán y las *literatas*: Las escritoras españolas del XIX y su literatura”, en Vilanova, Antonio (dir.), *Actas del X Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, Barcelona, PPU, pp. 1203-1212.

BIEDER, Maryellen (1995), “Sexo y lenguaje en Emilia Pardo Bazán: la deconstrucción de la diferencia”, *Actas del XII Congreso de la Asociación Internacional de Hispanistas*, Birmingham, vol. 4, pp. 92-99.

BIEDER, Maryellen (1998), “Women, Literature, and Society. The Essays of Emilia Pardo Bazán”, en Glenn, Kathelenn M. Y Mercedes Mazquiaran de Rodríguez (eds.), *Spanish Women Writers and the Essay: Gender, Politics, and the Self*, Columbia, University of Missouri, pp. 25-54.

BRAVO-VILLASANTE, Carmen (1962), *Vida y obra de Emilia Pardo Bazán*, Madrid, Revista de Occidente.

BURDIEL, Isabel (2019), *Emilia Pardo Bazán*, Madrid, Taurus.

CHARQUES GÁMEZ, Rocío (2003), *Los artículos feministas en el Nuevo Teatro Crítico de Emilia Pardo Bazán*, Alicante, Centro de Estudios sobre la Mujer.

CHARQUES GÁMEZ, Rocío (2011), *Emilia Pardo Bazán y su Nuevo Teatro Crítico*, Madrid, Fundación Universitaria Española.

DUPONT, Denise (2010), “Blanca de los Ríos, Emilia Pardo Bazán, Francisca Larrea y Cecilia Böhl de Faber: hijas, madres, y la creación de un modelo de mujer estudiosa, o 'Ángel del Archivo'.” *Siglo Diecinueve*, vol. 16, pp. 219-240.

EZAMA GIL, Ángeles (2002), “El canon de escritora decimonónicas en las historias de la literatura”, Sociedad de Literatura Española del Siglo XIX, *II Coloquio. La elaboración del canon en la literatura española del siglo XIX (Barcelona, 20-22 de octubre de 1999)*, Barcelona, Universitat de Barcelona / PPU: 149-160.

EZAMA GIL, Ángeles (2012), “La vocación pedagógica de Emilia Pardo Bazán”, *Moenia*, 18, pp. 417-437.

FREIRE LÓPEZ, Ana M^a y Dolores THION SORIANO-MOLLÁ (2016), *Cartas de buena amistad. Epistolario de Emilia Pardo Bazán a Blanca de los Ríos (1893-1919)*, Madrid, Iberoamericana.

GÓMEZ-FERRER MORANT, Guadalupe (2016), “Soledad Acosta de Samper y Emilia Pardo Bazán, dos pioneras del feminismo”, *Cuadernos de historia*

contemporánea, Nº Extra 38, 2016 (Ejemplar dedicado a: Núm. Especial. *Desde la Historia. Estudios en Honor de Octavio Ruiz-Manjón y Juan Pablo Fusí*), pp. 127-140.

KIRBY, Harry Lee (1963), *Evolution of Thought in the Critical Writings and Novels of Emilia Pardo Bazán*, (tesis microfilmada), University Microfilms, Inc., Ann Arbor, Michigan.

PARDO BAZÁN, Emilia (1891-1893), *Nuevo Teatro Crítico*, Madrid.

PATIÑO EIRÍN, Cristina (2004), “En los umbrales de la Academia: Emilia Pardo Bazán, impugnadora de *la tradición del absurdo* en dos cartas de campaña y una entrevista olvidada”, *La Tribuna. Cadernos de Estudos da Casa Museo Emilia Pardo Bazán*, pp. 131-155.

PATIÑO EIRÍN, Cristina (2007), “Un rosal *allí*. Deixis y periodismo: Emilia Pardo Bazán y el *Diario de la Marina*”, en González Herrán, José Manuel, Cristina Patiño Eirín y Ermitas Penas Varela (eds.), *Actas del III Simposio Emilia Pardo Bazán: El periodismo*, A Coruña, Casa-Museo Emilia Pardo Bazán, pp. 161-192.

PELUFFO, Ana (2005), “Desencuentros de la sororidad republicana en el Perú de fin de siglo”, en María Claudia André y Patricia Rubio (comps.), *Entre mujeres. Colaboraciones, influencias e intertextualidades en la literatura y el arte latinoamericanos*, Santiago, RIL editores, pp. 141-154.

PELUFFO, Ana (2007), “Emilia Pardo Bazán lee *Lucecitas* de Teresa González de Fanning”, *Siglo diecinueve: literatura hispánica*, 13, pp. 65-74.

PEÑAS RUIZ, Ana (2008), “Emilia Pardo Bazán: cartografías en torno a la mujer”, *La Tribuna. Cadernos de Estudos da Casa Museo Emilia Pardo Bazán*, pp. 145-172.

PÉREZ ROMERO, Emilia (2011), « Emilia Pardo Bazán journaliste : entre littérature et presse (1876-1921) », *Cahiers de civilisation espagnole contemporaine* [En ligne], 8 | 2011, mis en ligne le 18 mars 2012, consulté le 11 août 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cccec/3754> ; DOI : 10.4000/cccec.3754.

RUIZ-OCAÑA DUEÑAS, Eduardo (2004), *La obra periodística de Emilia Pardo Bazán en La Ilustración Artística de Barcelona (1895-1916)*, UNED, Facultad de Filología.

SAIZ AMOR, Concepción (1950), *Ideas pedagógicas del Padre Feyjoo*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto San José de Calasanz de Pedagogía.

SCANLON, Geraldine (1995), "Gender and Journalism: Pardo Bazán's *Nuevo Teatro Crítico*", en Charondeutsch, Lou y Jo Labanyi (eds.), *Culture and Gender in nineteenth century Spain*, Clarendon, Oxford University Press, 1995, pp. 230-250.

SCHIAVO, Leda (septiembre 1975), "Emilia Pardo Bazán y Francisco Giner de los Ríos", *Ínsula*, XXX, 346, p. 1.

SIMÓN PALMER, María del Carmen (1983), "Escritoras españolas del siglo XIX o el miedo a la marginación", *Anales de Literatura Española*, Universidad de Alicante, pp. 477-490.

VILLANUEVA, Darío (2003), "El cosmopolitismo literario de Emilia Pardo Bazán", *Estudios sobre la obra de Emilia Pardo Bazán: Actas de las Jornadas conmemorativas de los 150 años de su nacimiento*, A Coruña, Fundación Pedro Barrié de la Maza, pp. 63-80.

Recebido em 12 de agosto de 2019.

Aceito em 29 de agosto de 2019.

LES ÉCRIVAINES DANS LES LITTÉRATURES MINEURES DES ÉTATS-UNIS: DU *MELTING POT* À LA GHETTOÏSATION

Carolina Ferrer¹
Roxane Maiorana²

Résumé: Terre d'immigration, les États-Unis sont formés de nos jours de diverses communautés culturelles. Dans le champ littéraire étatsunien, ces différentes communautés se traduisent par une multiplicité de littératures mineures, telles que définies par Deleuze et Guattari (1975). Cette recherche a pour objectif d'analyser les relations qu'entretiennent celles-ci entre elles et avec le champ littéraire national. En particulier, nous étudions la place que les écrivaines occupent au sein de ces littératures mineures. Notre approche méthodologique se base principalement sur la criticométrie (Ferrer, 2011). À travers l'exploitation et la compilation de milliers de références en provenance de la base de données Modern Language Association International Bibliography, nous élaborons plusieurs indicateurs métacritiques. Dans un premier temps, nous analysons la place des femmes dans la littérature des États-Unis. Nous répertorions, dans un deuxième temps, les littératures mineures qui composent le champ littéraire de cette littérature nationale. Enfin, nous montrons les intrications qui façonnent les liens entre les écrivaines étatsuniennes et leur appartenance aux littératures mineures.

Mots-clés: Littérature mineure, littérature des États-Unis, criticométrie, écrivaines, ghettoïsation.

WOMEN WRITERS IN MINOR LITERATURES OF THE UNITED STATES: FROM MELTING POT TO GHETTOIZATION

Abstract: Land of immigration, the United States of America is composed of several cultural communities. In the American literary field, these communities result in multiple minor literatures as defined by Deleuze and Guattari (1975). The goal of this research is to analyze the relationships between these minor literatures and the national literary field. Particularly, we study the participation of women writers within these minor literatures.

¹Professeure, Département d'études littéraires, Université du Québec à Montréal, ferrer.carolina@uqam.ca. Je tiens à remercier le Conseil de recherches en sciences humaines du Canada, qui finance le projet CRSH 435-2018-1115, intitulé « Les études littéraires et les nouveaux observables de l'ère numérique : le système de la littérature mondiale de l'après-guerre à nos jours », dans lequel s'inscrit cette étude. Endereço eletrônico: ferrer.carolina@uqam.ca

² Doctorante, Programme de doctorat en études littéraires, Université du Québec à Montréal, maiorana.roxane@courrier.uqam.ca.

Methodologically, we base our study on criticometrics (Ferrer, 2011). Through the exploitation and the compilation of thousands of references obtained from the Modern Language Association International Bibliography database, we elaborate several indicators. Firstly, we examine women's place in American literature. Secondly, we identify the minor literatures that constitute this national literature. Finally, we highlight the relationships between American women writers and their belonging to minor literatures.

Keywords: Minor Literature, American Literature, Criticometrics, Women Writers, Ghettoization.

On the boats and on the planes
They're coming to America
Never looking back again,
They're coming to America
[...]

Everywhere around the world
They're coming to America
Ev'ry time that flag's unfurled
They're coming to America

Got a dream to take them there
They're coming to America
Got a dream they've come to share
They're coming to America

«America»
Neil Diamond

Terre d'immigrants, terre de littératures mineures

Melting pot par excellence, les États-Unis se démarquent comme une société constituée par une multiplicité de communautés culturelles qui se sont formées au rythme des vagues d'immigration. Selon Yasmeeen Abu-Laban et Victoria Lamont, la construction de la nation étatsunienne repose sur le mélange de ces dernières: « Alluding to the history of the United States as a settler-colony, the melting pot metaphor [...] refers to processes of immigration, relations of ethnic diversity, and notions of national identity and purpose. » (1997, p. 23) A priori, nous pourrions croire que chacune de ces différentes composantes possède une place bien établie dans l'ensemble du pays. Cependant, il semble qu'elles se structurent plutôt en ghettos. Alors que

ce dernier terme est intimement lié au traitement réservé à la diaspora juive en Europe (WACQUANT, 2005), aux États-Unis, historiquement, les ghettos ont été formés pour séparer physiquement la population étatsunienne noire de la blanche, matérialisant ainsi « la domination ethnoraciale par [une] segmentation spatiale de la ville » (WACQUANT, 2012, p. 20). De plus, la ghettoïisation peut être considérée aussi en termes conceptuels. Ainsi, nous retenons la définition de Hamouda (2017):

The conceptual ghetto is a community in which individuals sharing one or more aspect of identity interact with other people of the same community far more than members of other communities. The borders between the members of the conceptual ghetto and others are not physical walls, but they are instead a conceptual understanding of the self and identity (HAMOUDA, 2017, p. 577)

Ainsi, il nous semble important de déterminer quelle est la métaphore qui prime dans la constitution de la littérature des États-Unis, celle du *melting pot* ou celle du ghetto. Dans ce sens, nous étudierons la configuration du champ littéraire étatsunien, afin de mieux comprendre les enjeux qui caractérisent l'une des plus importantes littératures nationales du monde.

Du point de vue théorique, nous nous basons sur le concept de littérature mineure introduit par Deleuze et Guattari dans *Kafka*. Pour une littérature mineure (1975). Comme l'affirment les auteurs, « une littérature mineure n'est pas celle d'une langue mineure, plutôt, celle qu'une minorité fait dans une langue majeure » (p. 29). Ainsi, les théoriciens signalent les complexités que renferment les langues pour les immigrants, contexte dans lequel les littératures mineures trouvent leur origine:

Combien de gens aujourd'hui vivent dans une langue qui n'est pas la leur? Ou bien ne connaissent même plus la leur, ou pas encore, et connaissent mal la langue majeure dont ils sont forcés de se servir ? Problème des immigrés et surtout de leurs enfants. Problème des minorités. Problème d'une littérature mineure. (p. 35)

De toute évidence, cette situation correspond à celle des immigrants qui, depuis de nombreuses décennies, se sont installés, et continuent d'arriver, aux États-Unis. Notre objectif est d'identifier et d'analyser les relations entre les littératures mineures qui ont surgi en sol américain et le champ littéraire national. Spécifiquement, nous analyserons comment les principaux écrivains qui les constituent sont cités et cocités par la critique littéraire académique. En particulier, nous nous attarderons sur la place qu'occupent les écrivaines dans ce contexte.

Dans ce but, du point de vue méthodologique, nous utilisons la criticométrie (FERRER, 2011), approche que Carolina Ferrer a élaborée par analogie à la scientométrie (PRICE, 1963 ; LEYDESDORFF, 1998). L'objectif de la criticométrie est de mesurer et d'analyser l'activité critique en arts, et plus particulièrement en littérature (FERRER, 2017). En ce sens, il s'agit d'une méthode empirique qui se base sur l'exploitation des métadonnées associées aux références bibliographiques contenues dans les bases de données numériques. Spécifiquement, nous avons interrogé la plus importante base littéraire, la Modern Language Association International Bibliography³. Cette base contient plus de 2,8 millions de références et couvre plus de 160 ans de publications effectuées par la communauté académique internationale. En utilisant les termes « littérature française », « littérature anglaise », « littérature canadienne », et cætera dans le champ « littérature nationale », nous avons obtenu les publications pour les 212 nations identifiées par les Nations Unies⁴. L'échantillon obtenu s'élève à plus de 1,6 million de références et couvre la période de 1844 à 2016.

Cartographie de la littérature des États-Unis

Selon les dernières recherches de Ferrer (2018) sur la littérature mondiale, la littérature des États-Unis occupe la deuxième place, immédiatement après la littérature du Royaume-Uni. Comme nous pouvons le constater dans le Graphique n° 1, la littérature des États-Unis cumule plus de

³ *Modern Language Association International Bibliography*. www.mla.org. Désormais, nous utiliserons l'acronyme MLAIB.

⁴ Nous avons identifié plus de 200 nations pour l'année 2017, moment où nous avons interrogé MLAIB. Voir *United Nations*, <http://data.un.org/Default.aspx>.

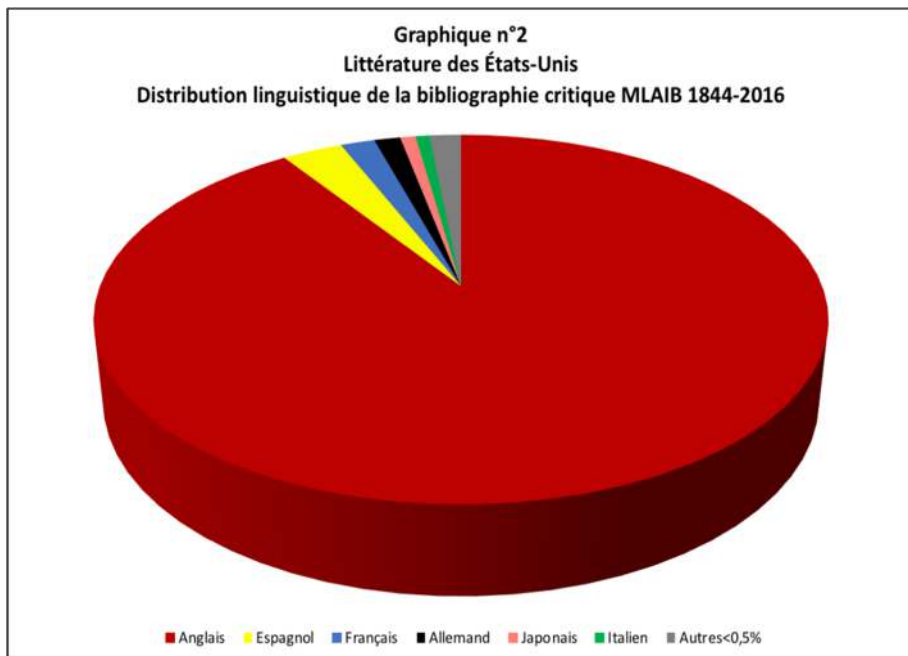
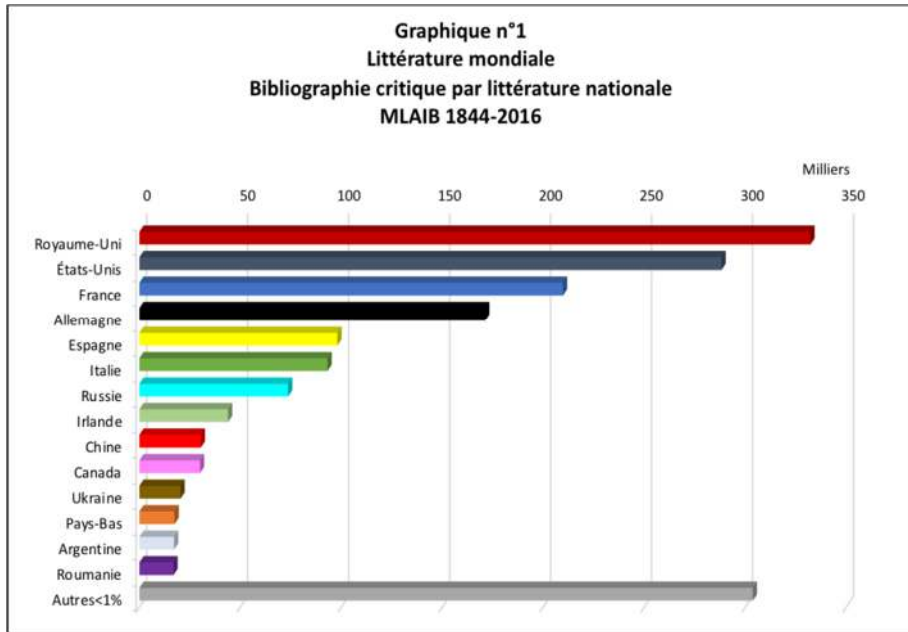
280 000 publications répertoriées dans la base MLAIB, ce qui correspond à 16,5 % de la littérature mondiale.

Le Graphique n° 2 représente la distribution linguistique de la bibliographie critique sur la littérature des États-Unis selon les références contenues dans MLAIB. Les publications en anglais cumulent 90,4 % des données. Viennent ensuite les publications en espagnol, 3,2 %, en français, 1,8 %, en allemand, 1,4 %, en japonais, 0,8 % et en italien, 0,7 %. Il y a 41 autres langues avec une participation individuelle inférieure à 0,5 % qui se partagent le restant des publications.

Par rapport à la place réservée aux femmes dans le champ littéraire étatsunien, nous pouvons affirmer que celle-ci est très réduite. En effet, si nous considérons les 100 écrivains étatsuniens les plus étudiés selon la base MLAIB, nous observons que les écrivaines occupent une place minoritaire. Comme représenté dans le Graphique n° 3, les femmes correspondent à seulement 24 % des écrivains les plus étudiés et cumulent 17 % des références de ce sous-ensemble.

Dans le Tableau n° 1, nous présentons les 20 écrivains étatsuniens les plus étudiés. Nous avons ajouté le pourcentage de références qu'ils cumulent par rapport au total de la littérature nationale, ainsi que les étiquettes qui leur sont associées. Nous constatons qu'il y a seulement 3 femmes. Il s'agit des écrivaines Emily Dickinson, Toni Morrison et Willa Cather. Aucune ne dépasse 1 % des références.

Le Tableau n° 2 contient les 20 œuvres littéraires étatsuniennes les plus étudiées selon la base MLAIB. Nous avons identifié les auteurs des œuvres et nous avons inclus les étiquettes qui leur sont associées. Parmi cette vingtaine de titres, 4 sont signées par une femme: *Beloved* de Toni Morrison, *Uncle Tom's Cabin* de Harriet Beecher Stowe, *The Awakening* de Kate Chopin et *Their Eyes Were Watching God* de Zora Neale Hurston.



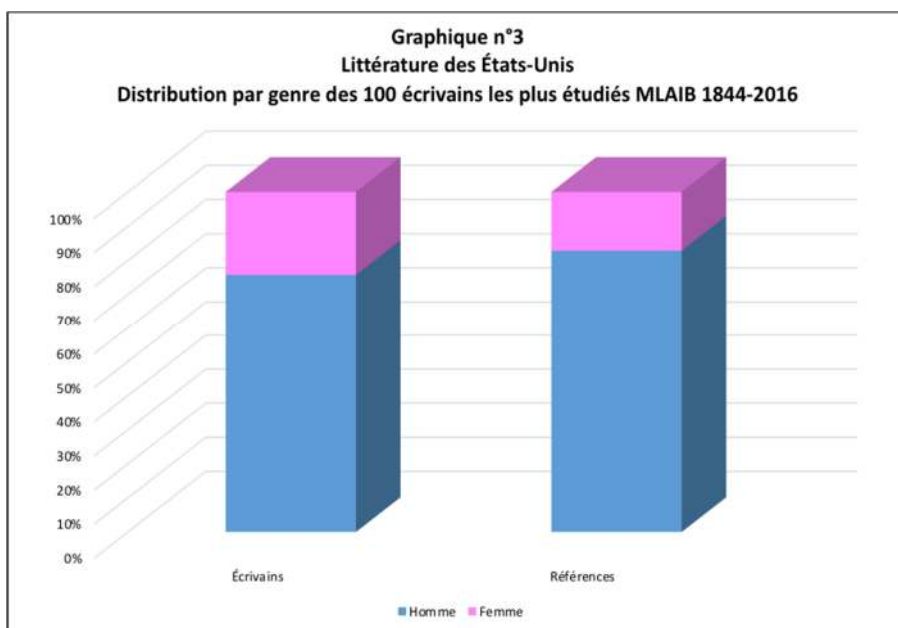


Tableau n°1 : Les 20 écrivains les plus étudiés des États-Unis (MLAIB 1844-2016)

Écrivain	%	Genre	Étiquette
Faulkner, William (1897-1962)	2,21%	Homme	s/o
James, Henry, Jr. (1843-1916)	2,15%	Homme	s/o
Melville, Herman (1819-1891)	1,95%	Homme	s/o
Hemingway, Ernest (1899-1961)	1,59%	Homme	s/o
Poe, Edgar Allan (1809-1849)	1,55%	Homme	s/o
Clemens, Samuel (1835-1910)	1,48%	Homme	s/o
Hawthorne, Nathaniel (1804-1864)	1,40%	Homme	s/o
Whitman, Walt (1819-1892)	1,33%	Homme	s/o
Pound, Ezra (1885-1972)	1,16%	Homme	s/o
Nabokov, Vladimir (1899-1977)	1,10%	Homme	<i>Russian American</i>
Emerson, Ralph Waldo (1803-1882)	0,99%	Homme	s/o
Thoreau, Henry David (1817-1862)	0,98%	Homme	s/o
Dickinson, Emily (1830-1886)	0,97%	Femme	s/o
Fitzgerald, F. Scott (1896-1940)	0,75%	Homme	s/o
Morrison, Toni (1931-)	0,72%	Femme	<i>African American</i>
Cather, Willa (1873-1947)	0,71%	Femme	s/o
Stevens, Wallace (1879-1955)	0,68%	Homme	s/o
O'Neill, Eugene (1888-1953)	0,59%	Homme	s/o
Frost, Robert (1874-1963)	0,58%	Homme	s/o
Steinbeck, John (1902-1968)	0,54%	Homme	s/o

Tableau n°2 : Les 20 œuvres les plus étudiées des États-Unis (MLAIB 1844-2016)				
Œuvre	Écrivain	%	Genre	Étiquette
<i>Moby-Dick</i> (1851)	Melville, Herman (1819-1891)	0,37%	Homme	s/o
<i>The Adventures of Huckleberry Finn</i> (1884)	Clemens, Samuel (1835-1910)	0,29%	Homme	s/o
<i>Beloved</i> (1987)	Morrison, Toni (1931-2019)	0,24%	Femme	African American
<i>The Scarlet Letter</i> (1850)	Hawthorne, Nathaniel (1804-1864)	0,22%	Homme	s/o
<i>The Great Gatsby</i> (1925)	Fitzgerald, F. Scott (1896-1940)	0,21%	Homme	s/o
<i>Lolita</i> (1955)	Nabokov, Vladimir (1899-1977)	0,19%	Homme	Russian American
<i>Walden</i> (1854)	Thoreau, Henry David (1817-1862)	0,18%	Homme	s/o
<i>Absalom, Absalom!</i> (1936)	Faulkner, William (1897-1962)	0,18%	Homme	s/o
<i>Gravity's Rainbow</i> (1973)	Pynchon, Thomas (1937-)	0,17%	Homme	s/o
<i>The Sound and the Fury</i> (1929)	Faulkner, William (1897-1962)	0,17%	Homme	s/o
<i>Uncle Tom's Cabin</i> (1852)	Stowe, Harriet Beecher (1811-1896)	0,16%	Femme	s/o
<i>Leaves of Grass</i> (1855)	Whitman, Walt (1819-1892)	0,14%	Homme	s/o
<i>Invisible Man</i> (1952)	Ellison, Ralph (1914-1994)	0,13%	Homme	African American
<i>The Awakening</i> (1899)	Chopin, Kate (1851-1904)	0,13%	Femme	French American
<i>Light in August</i> (1932)	Faulkner, William (1897-1962)	0,12%	Homme	s/o
<i>The Grapes of Wrath</i> (1939)	Steinbeck, John (1902-1968)	0,12%	Homme	s/o
<i>The Portrait of a Lady</i> (1881)	James, Henry, Jr. (1843-1916)	0,12%	Homme	s/o
<i>The Cantos</i> (1970)	Pound, Ezra (1885-1972)	0,11%	Homme	s/o
<i>Their Eyes Were Watching God</i> (1937)	Hurston, Zora Neale (1891-1960)	0,11%	Femme	African American
<i>As I Lay Dying</i> (1930)	Faulkner, William (1897-1962)	0,11%	Homme	s/o

Littératures mineures étatsuniennes

Suite à l'obtention des données sur les publications qui portent sur la littérature des États-Unis, nous avons interrogé à nouveau la base MLAIB, afin d'identifier les étiquettes relatives aux littératures mineures dans lesquelles s'inscrivent certains auteurs. Nous avons obtenu 83 étiquettes associées à 917 écrivains. Parmi celles-ci, nous avons conservé 16 étiquettes selon deux critères de sélection. D'une part, nous avons retenu celles qui contiennent au moins un écrivain avec 10 références ou plus. D'autre part, nous avons sélectionné seulement les étiquettes qui renvoient à une littérature mineure de façon spécifique, éliminant ainsi celles qui se chevauchent les unes avec les autres. À titre d'exemple, l'étiquette Hispanic American contient des écrivains d'origine mexicaine, cubaine, dominicaine et autres. Cette étiquette a été éliminée. Le nombre de références de chaque étiquette retenue est représenté dans le Graphique n° 4.

La littérature mineure la plus importante est celle qui correspond à l'étiquette African American. Elle représente 48 % des références de l'échantillon. Viennent ensuite les littératures Native American, 14 %, et Mexican American, 10 %.

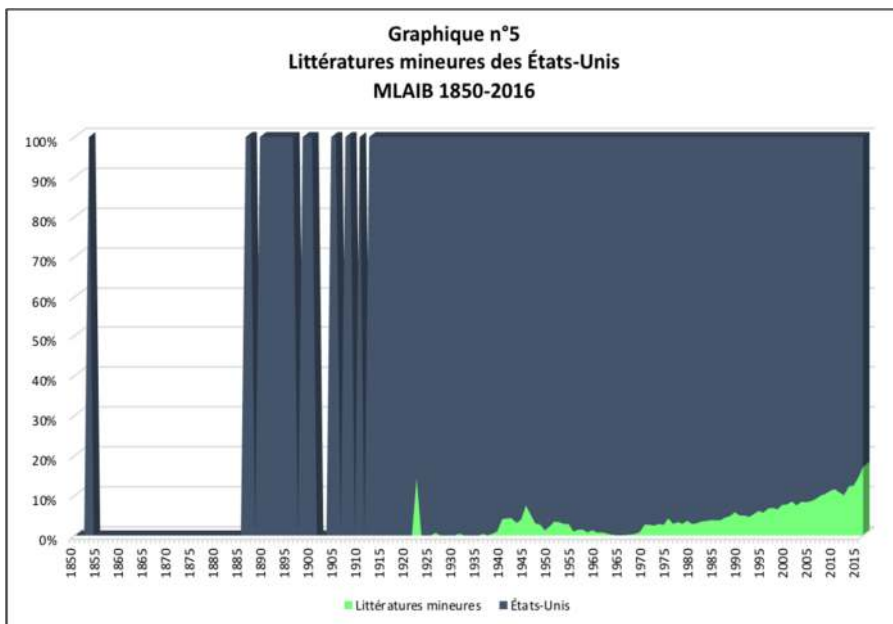
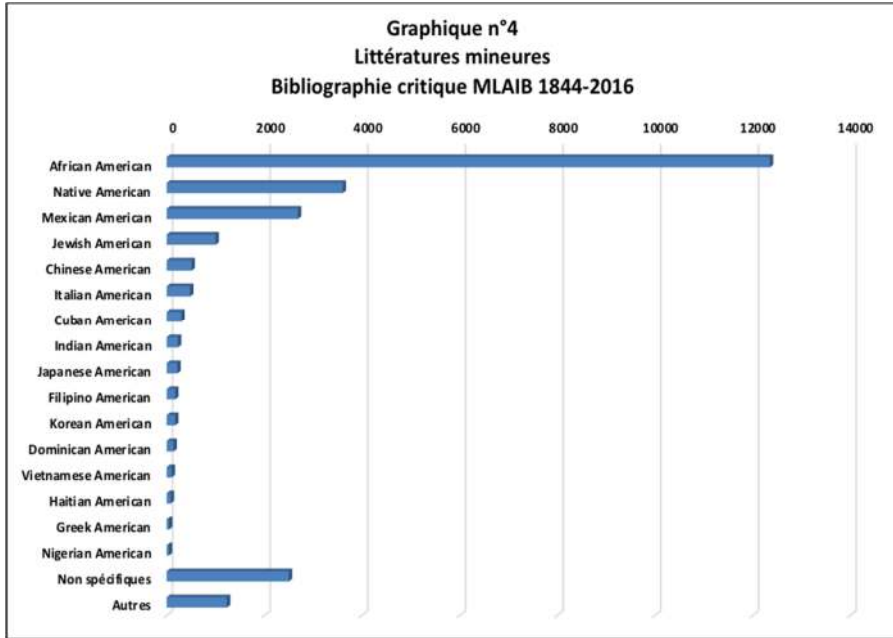
Le Graphique n° 5 correspond à la chronologie des publications de toutes les étiquettes, par rapport à la bibliographie totale sur la littérature des États-Unis. La série s'étend de 1922 à 2016. Au début, il y a un nombre réduit de publications qui portent sur la littérature identifiée comme Native American. Ensuite, pendant la Deuxième Guerre mondiale, précisément en 1939, l'on commence à voir des références qui correspondent à l'étiquette German American. Cependant, la véritable croissance, toutes étiquettes confondues, commence au début des années 1970, ce qui correspond au début des effervescences sociales, notamment celles reliées au mouvement de revendication de droits civiques⁵ ainsi qu'aux manifestations contre la guerre du Vietnam et en défense du pacifisme⁶. Le nombre de publications augmente encore plus fortement à partir de la fin des années 1990. En 2013, la série atteint le maximum avec plus de 1000 documents parus.

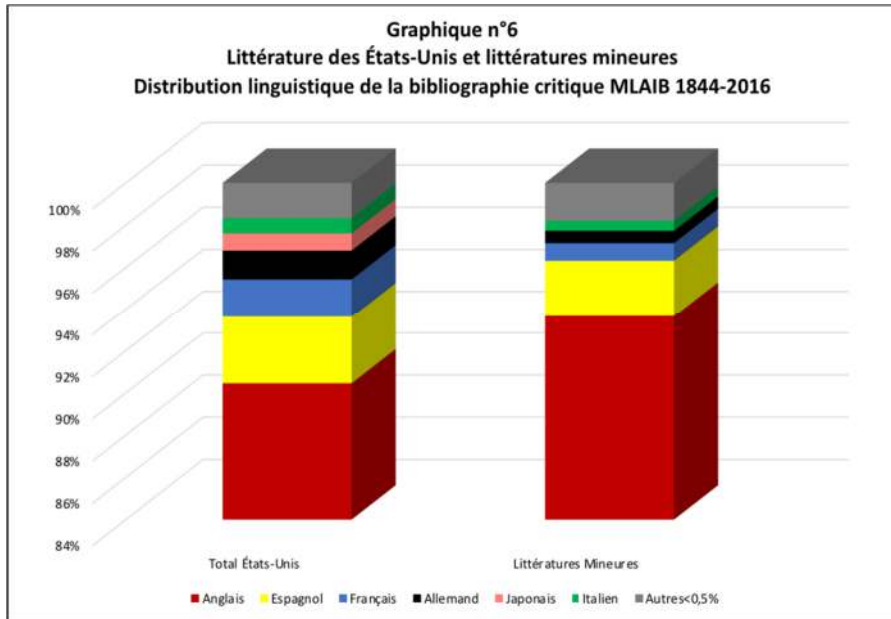
Concernant la distribution linguistique, dans le Graphique n° 6, nous comparons la bibliographie critique sur la littérature étatsunienne totale à celle qui porte sur les littératures mineures. Nous constatons que l'anglais cumule un pourcentage plus élevé de publications que pour l'ensemble des États-Unis : 93,7 % versus 90,4 %. Toutes les autres langues ont une participation inférieure que dans la bibliographie totale. Ceci met en évidence que l'intérêt pour les littératures mineures est principalement d'origine nationale.

⁵ Voir Hugh Davis GRAHAM. *The civil rights era origins and development of national policy: 1960-1972*. New York : Oxford University Press, 1990.

⁶ Voir Mitchell K. HALL. « The Vietnam Era Antiwar Movement ». *OAH Magazine of History*, vol. 18, no 5, p. 13-17, 2004.

⁷ Possiblement, cette croissance est aussi corrélée positivement avec l'augmentation du nombre d'immigrants qui a lieu aux États-Unis à partir des années 1990. Voir *Migration Policy Institute*. <https://www.migrationpolicy.org/data/state-profiles/state/demographics/US#top>, consulté en ligne le 30 août 2019. Par rapport à l'histoire de l'immigration aux États-Unis, voir Roger DANIELS. *Coming to America : a history of immigration and ethnicity in American life*. New York: Perennial, 2009.





Écrivains sélectionnés

Afin de mieux comprendre la réception critique des écrivains appartenant aux littératures mineures étatsuniennes, nous avons sélectionné l'écrivain avec le plus grand nombre de références de chacune des étiquettes précises attribuées. Il s'agit d'un ensemble de 16 littératures mineures. Dans le cas de la littérature américaine nigérienne, puisque deux écrivains arrivent ex æquo, nous avons conservé les deux. De plus, nous avons ajouté l'écrivain et l'écrivaine avec le plus grand nombre de références qui ne portent aucune étiquette : William Faulkner et Emily Dickinson.

Le Tableau n° 3 résume les informations de base pour les 19 écrivains sélectionnés. L'échantillon est composé de 12 femmes et de 7 hommes. Immédiatement, nous constatons que dans 10 des 16 littératures mineures analysées, soit 63 % des cas, une écrivaine se trouve au premier rang. Ceci représente une grande différence par rapport à la littérature mondiale et au champ littéraire national où les femmes sont indéniablement marginalisées, comme nous l'avons indiqué ci-dessus. Du point de vue du pays de naissance, malgré leur appartenance à des littératures mineures, 10 des 17 écrivains

associés à des étiquettes sont nés aux États-Unis (59 %). La langue d'écriture est l'anglais dans 100 % des cas.

Nous observons aussi que les écrivains appartenant aux littératures mineures sont tous nés au 20^e siècle et que 12 parmi eux sont encore en vie. En calculant la différence entre la date de naissance de l'écrivain et la date de la première publication critique sur celui-ci, nous constatons une importante variété dans le nombre d'années de décalage. L'écart le plus grand est celui de Papanikolas et le plus petit celui de Danticat.

Le Graphique n° 7 correspond à la distribution linguistique des publications critiques sur les écrivains sélectionnés. Dans la majorité des cas, l'anglais représente plus de 90 % des publications. Les seules exceptions sont : Fante, dont 24 % de la bibliographie critique est en italien, 5 % en espagnol et 4 % en français ; ainsi que trois écrivains avec un pourcentage important de textes en espagnol : Cisneros, 12 %, García, 16 %, et Díaz, 11 %. Nous pouvons ainsi affirmer que même lorsque les écrivains sont associés à une littérature mineure, leur réception se fait essentiellement en anglais.

Afin de mieux cerner les réseaux d'auteurs auxquels les écrivains sélectionnés sont associés, nous élaborons plusieurs indicateurs relatifs aux cocitations. Pour y parvenir, nous avons interrogé à nouveau la base MLAIB, afin d'identifier les écrivains cocités. Nous avons retenu les cocitations qui représentent au moins 0,5 % des références totales sur l'écrivain en question. Le Graphique n° 8 fait état des cocitations du point de vue continental. Il y a peu de comparaisons avec des écrivains à l'extérieur du continent américain. Certains écrivains sont cocités avec des auteurs européens, notamment Fante, Roth et Cole. Plusieurs écrivains appartenant à des littératures mineures d'origine asiatique sont comparés à des écrivains de l'Asie: Bulosan, Lee, Truong, Yamashita et Lahiri. De plus, Roth, Cole, Okorafor et Danticat sont mis en relation avec des auteurs africains. Finalement, Okorafor, Truong, Lahiri et Lee sont cocités avec des écrivains de l'Océanie. La bibliographie sur Cole est la plus diversifiée du point de vue continental des cocitations.

Le Graphique n° 9 montre les cocitations selon la littérature de provenance des écrivains. À l'exception de Lahiri, Cole, Okorafor et Danticat, les auteurs de l'échantillon sont majoritairement cocités avec des écrivains

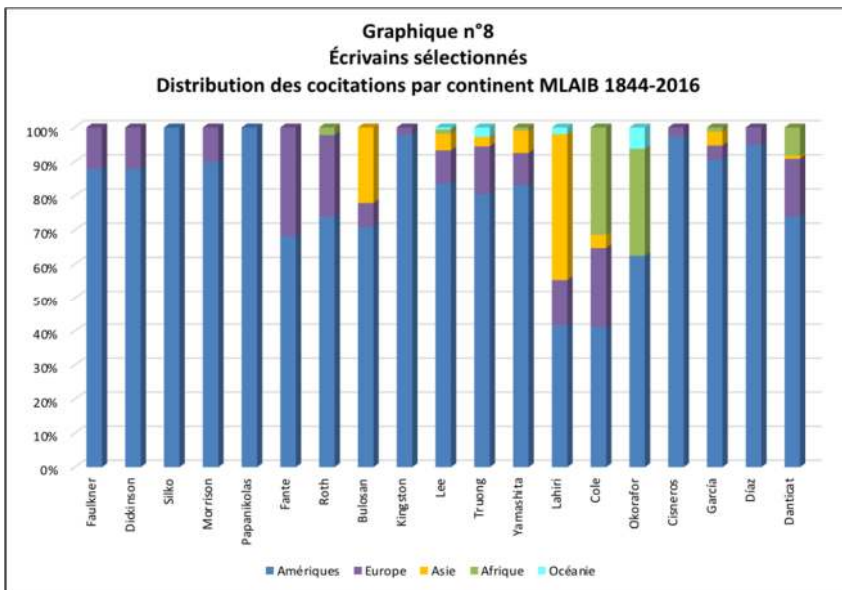
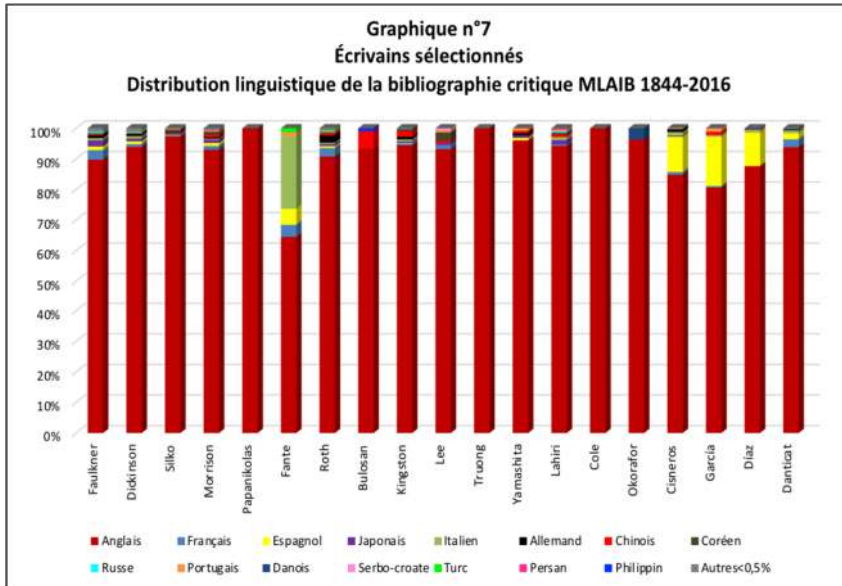
étatsuniens. En fait, deux écrivains sont comparés exclusivement avec d'autres écrivains étatsuniens: Silko et Papanikolas.

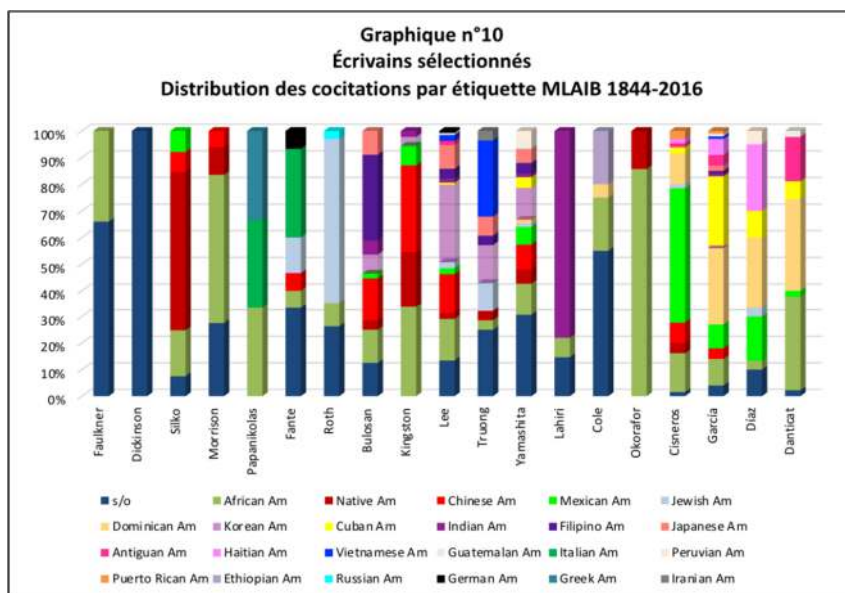
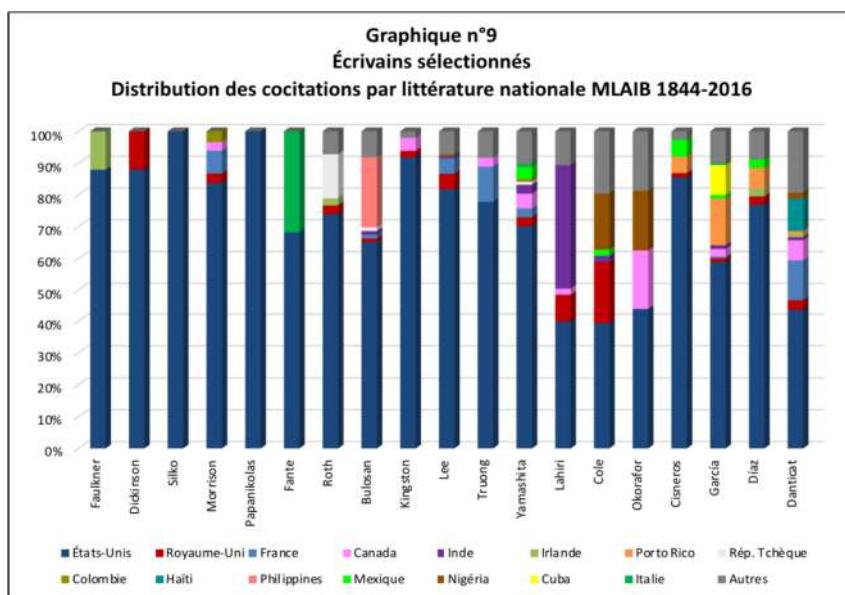
Afin de mieux cerner les relations entre les écrivains qui représentent des littératures mineures étatsuniennes, dans le Graphique n° 10, nous représentons les cocitations par littérature mineure. Faulkner, Dickinson et Cole sont principalement mis en relation avec des écrivains qui n'appartiennent pas à des littératures mineures. La plupart des écrivains sont cocités avec des écrivains qui s'inscrivent dans leur propre littérature mineure. C'est le cas de Silko, Morrison, Roth, Bulosan, Lee, Truong, Lahiri, Cisneros et García. Dans d'autres cas, nous observons que la bibliographie critique met en relation un auteur avec des écrivains associés à plusieurs littératures mineures différentes: Papanikolas, Fante, Kingston, Díaz et Danticat se trouvent dans cette situation.

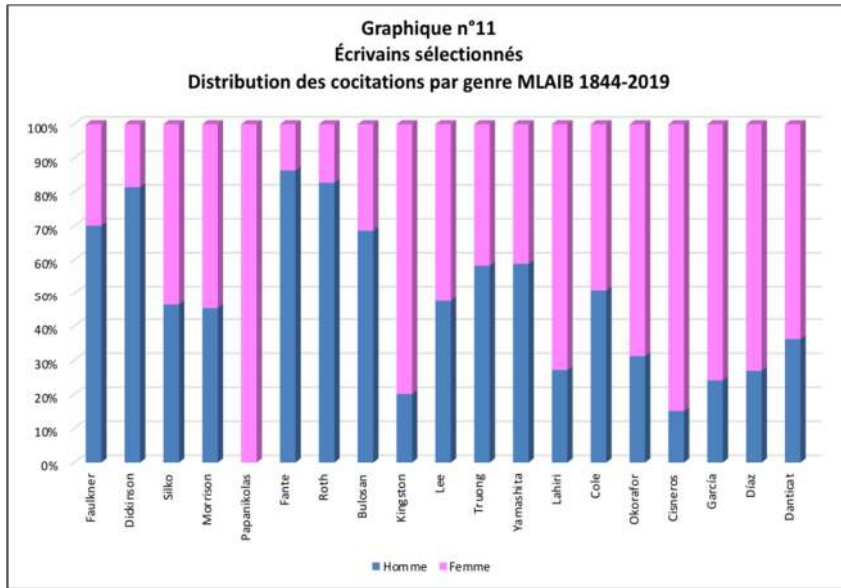
Le Graphique n° 11 correspond aux cocitations par genre. Pour l'ensemble de l'échantillon, nous constatons une répartition homme/femme relativement paritaire. Individuellement, les bibliographies sur l'œuvre de Faulkner, de Dickinson, de Fante, de Roth et de Bulosan cocitent principalement des hommes. Au contraire, celles sur Papanikolas, Kingston, Lahiri, Okorafor, Cisneros, García, Díaz et Danticat font davantage référence à des femmes. Cette situation est très différente de celle observée au niveau national, comme nous l'avons indiqué ci-dessus, puisque les références sur les femmes ne représentent que 17 % de la bibliographie sur la littérature des États-Unis.

Tableau n°3 : Écrivains sélectionnés

Écrivain	Pays de naissance	Période de vie	Langue d'écriture	Réf.	Étiquette	Ère réf. MLAIB
William Faulkner	États-Unis	1897-1962	Anglais	6474	s/o	1931
Emily Dickinson	États-Unis	1830-1886	Anglais	2854	s/o	1926
Silko, Leslie Marmon	États-Unis	1948-	Anglais	666	<i>Native American</i>	1978
Morrison, Toni	États-Unis	1931-2019	Anglais	2645	<i>African American</i>	1975
Papanikolas, Helen Zeese	États-Unis	1917-2004	Anglais	21	<i>Greek American</i>	2002
Fante, John	États-Unis	1911-1983	Anglais	75	<i>Italian American</i>	1977
Roth, Philip	États-Unis	1933-2018	Anglais	702	<i>Jewish American</i>	1978
Bulosan, Carlos	Philippines	1914-1956	Anglais	104	<i>Filipino American</i>	1984
Kingston, Maxine Hong	États-Unis	1940-	Anglais	609	<i>Chinese American</i>	1978
Lee, Chang-rae	Corée du Sud	1965-	Anglais	147	<i>Korean American</i>	1997
Truong, Monique	Vietnam	1968-	Anglais	43	<i>Vietnamese American</i>	2004
Yamashita, Karen Tei	États-Unis	1951-	Anglais	127	<i>Japanese American</i>	1998
Lahiri, Jhumpa	Royaume-Uni	1967-	Anglais	208	<i>Indian American</i>	2000
Cole, Teju	États-Unis	1975-	Anglais	48	<i>Nigerian American</i>	2013
Okorafor, Nnedi	États-Unis	1974-	Anglais	27	<i>Nigerian American</i>	2008
Cisneros, Sandra	États-Unis	1954-	Anglais	329	<i>Mexican American</i>	1987
García, Cristina	Cuba	1958-	Anglais	180	<i>Cuban American</i>	1993
Díaz, Junot	Rép. dominicaine	1968-	Anglais	202	<i>Dominican American</i>	2000
Danticat, Edwidge	Haïti	1969-	Anglais	306	<i>Haitian American</i>	1995







Conclusions

À travers l'étude des métadonnées des références contenues dans la base MLAIB, nous avons pu identifier les nombreuses littératures mineures qui se sont forgées au sein du champ littéraire des États-Unis. Bien que nous ayons pu confirmer leur présence dès les années 1920, celles-ci deviennent de plus en plus importantes à partir des années 1970.

Du point de vue linguistique, nous observons que la bibliographie critique qui porte sur elles est majoritairement publiée en anglais. Cependant, dans certains cas, les écrivains qui s'inscrivent dans celles-ci sont davantage cités avec des écrivains étrangers que les auteurs du mainstream étatsunien, comme c'est le cas de Dickinson et Faulkner, qui sont rarement mis en relation avec des écrivains étrangers. Aussi, nous avons constaté que des écrivains de différentes littératures mineures sont mis en relation entre eux à travers les citations, ce qui vient renforcer l'idée de ghettoïsation de ces communautés.

Aussi, nous avons détecté une grande présence d'écrivaines parmi les membres les plus représentatifs des différentes littératures mineures. Il semblerait que leur double statut minoritaire, en tant que femmes et en tant que personnes issues de l'immigration, augmente leur visibilité et l'attention que la critique leur accorde.

À notre avis, l'analyse criticométrique des données bibliographiques nous permet d'affirmer que, depuis les années 1970, le champ littéraire étatsunien s'éloigne de plus en plus de la métaphore du melting pot et montre des caractéristiques d'une ghettoïsation chaque fois plus profonde.

Références

ABU-LABAN, Yasmeen et Victoria LAMONT. « Crossing Borders : Interdisciplinarity, Immigration and the Melting Pot in the American Cultural Imaginary ». *Canadian Review of American Studies/ Revue canadienne d'études américaines*, vol. 27, n° 2, p. 23-43, 1997.

DANIELS, Roger. *Coming to America: a history of immigration and ethnicity in American life*. New York: Perennial, 2009.

DELEUZE, Gilles et Félix GUATTARI. *Kafka. Pour une littérature mineure*. Paris : Minuit, 1975.

FERRER, Carolina. « El boom hispanoamericano: del texto a la pantalla ». *Nuevas aproximaciones al cine hispánico: Migraciones temporales, textuales y étnicas en el bicentenario de las independencias iberoamericanas (1810-2010)*. Barcelona: Promociones y Publicaciones Universitarias, p. 79-101, 2011.

FERRER, Carolina. « Les études littéraires à l'ère de la mondialisation : traces et trajets au prisme des nouveaux observables numériques ». *Zizanie*, vol. 2, n° 1, p. 76-101, 2018, <https://www.zizanie.ca/les-etudes-litteraires-a-lere-de-la-mondialisation.html>.

FERRER, Carolina. « Étudier la transmission littéraire à l'ère du numérique : des grands écrivains à l'analyse des cocitations ». *Trans - Revue de littérature générale et comparée*, n° 22, 2017, <http://journals.openedition.org/trans/1719#article-1719>.

GARFIELD, Eugene. « Identifying Core Literature through Citation Analysis and Visualization », *ALA Meeting*, Chicago, Committee on Research and Statistics, 2005.

GRAHAM, Hugh Davis. *The civil rights era origins and development of national policy: 1960-1972*. New York: Oxford University Press, 1990.

HALL, Mitchell K. « The Vietnam Era Antiwar Movement ». *OAH Magazine of History*, vol. 18, n° 5, p. 13-17, 2004.

HAMOUDA, Yossra. « When Subcultures Turn into Ghettos: The Conceptual Ghetto and Oppression ». *Sociology and Anthropology*, vol. 5, n° 8, p. 577-583, 2017.

LEYDESDORFF, Loet. « Theories of Citation? » *Scientometrics*, n° 43, p. 5-25, 1998. 

Migration Policy Institute. <https://www.migrationpolicy.org/data/state-profiles/state/demographics/US#top>, consulté en ligne le 30 août 2019.

Modern Language Association International Bibliography. www.mla.org.

PRICE, Derek de Solla. *Little Science, Big Science*. New York: Columbia University Press, 1963.

United Nations, <http://data.un.org/Default.aspx>.

WACQUANT, Loïc. « Les deux visages du ghetto. Construire un concept sociologique ». *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 5, n° 160, p. 4-21, 2005.

WACQUANT, Loïc. « Repenser le ghetto. Du sens commun au concept sociologique ». *Idées économiques et sociales*, vol. 1, n° 167, p. 14-25, 2012.

Recebido em 20 de março de 2019.

Aceito em 05 de maio de 2019.

ENTREVISTA

PROF^a. LICIA SOARES DE SOUZA (CRÍTICA CULTURAL) ENTREVISTA PROFA. DENISE MARIA GURGEL LAVALLÉE

Licia Soares de Souza

A professora Denise Lavallée é formada e pós-graduada pela UFBA, nas áreas de Letras e Educação, e realizou vários estágios de pesquisa na França e no Canadá.

Foi fundadora e primeira Diretora da Faculdade de Formação de Professores de Alagoinhas, (1972 – 1985), hoje denominada “Departamento de Educação do Campus II da UNEB”. Professora titular de Língua e Literatura Francesa de 1972 a 2002 na UNEB

Membro fundador da Associação Brasileira de Estudos Canadenses – ABECAN 1991

Fundadora e 1^a Coordenadora do Núcleo de Estudos Canadenses da Universidade do Estado da Bahia (1992 – 2004). Editora da revista CANADART, da UNEB, voltada para as pesquisas Brasil – Canadá (1993-2004). Foi presidente da ABECAN – (1995-1999).

Licia Soares de Souza:

Professora Denise, como nasceram os estudos canadenses na Bahia?

Denise Maria Gurgel Lavallée:

A introdução dos Estudos Canadenses na Bahia data de abril de 1983, ano de criação da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) graças à realização, em Salvador, do Congresso Internacional da Organização Universitária Internacional (OUI), que contou com a presença de numerosas autoridades educacionais e acadêmicas canadenses.

O Secretário de Educação do Estado da Bahia, Prof. Dr. Edivaldo Boaventura (1983-1987) e futuro Reitor da UNEB, começou a tecer, naquele encontro, os laços institucionais que aproximariam os dois países e colocariam na bandeira da UNEB a flor de lis do Quebec.

Este relato, portanto, representa um recorte temporal de três décadas.

Em decorrência do Congresso, já em 1986 tem início, na UNEB, uma experiência educacional bem-sucedida, com a seleção de 24 professores baianos para a realização de um Curso de Mestrado em Educação, em convênio com a Universidade do Quebec em Montreal (UQAM), ministrado em solo brasileiro. Para coordená-lo pela UNEB meu nome foi então indicado, em virtude da exigência canadense da designação de um coordenador local com perfil de docente de Língua Francesa, mas que também possuísse um Mestrado na mesma área do curso: Educação. De fato, as aulas seriam ministradas em Francês pelos professores visitantes, orientadores e conferencistas.

Além dos professores da UQAM, o curso contou com a presença de um coordenador canadense, o Prof. Dr. Marcel Lavallée, que solicitou a colaboração de vários docentes da Universidade Federal da Bahia, estabelecendo assim uma frutífera cooperação acadêmica.

Concluído com sucesso o Mestrado de Educação UQAM/UNEB (1990), surge um novo desafio: a implantação de um centro de Estudos Canadenses nas dependências da UNEB, que já compartilhava de experiências comuns bilaterais, para a realização de seminários e minicursos, numa saudável troca de conhecimentos.

É nesse contexto favorável à universidade baiana que o ex-coordenador Lavallée sugere, em 1991, às autoridades canadenses ligadas à educação, com a aquiescência do Reitor da UNEB, a possibilidade de se instalar um Centro de Estudos Canadenses na Bahia, a exemplo de outros criados em algumas regiões. A ideia obteve aprovação e o Canadá consolidou sua presença no âmbito da UNEB e nas atividades dos pesquisadores baianos com a inauguração do NEC, em 1992, com a vinda do prestigiado psicólogo / escritor quebequense Guy Corneau, autor do livro “Pai ausente, filho carente” (Ed. Brasiliense, 1991) em tarde de autógrafos que mobilizou a comunidade acadêmica local. A Embaixada do Canadá doou então à UNEB uma biblioteca de 1.000 volumes, de natureza vária, que prestou inestimáveis serviços de consulta e pesquisa aos alunos e docentes.

No ano seguinte, 1993, o NEC/UNEB lança a revista “CANADART”, pioneira como veículo de artigos dos canadianistas, visto que a revista “Interfaces”, da Associação Brasileira de Estudos Canadenses (ABECAN), surgirá apenas em 2001. Os autores ali publicados figuram entre os mais notórios acadêmicos de universidades brasileiras e canadenses, assim como escritores e poetas do Canadá e do Brasil. Visto que aqui são abordadas as décadas de 80/90/2000 a 2010, muitos dos trabalhos refletem um passado recente, historicamente essencial para uma análise mais aprofundada dos primeiros anos dos Estudos Canadenses na Bahia e no Brasil.

Dois congressos da ABECAN foram realizados em Salvador, em nossa gestão: em 1995 e em 1999, com ampla participação de pesquisadores e estudantes de várias regiões do país e de fora.

Lícia Soares de Souza:

Muitos pesquisadores, em escala nacional, afirmam que os estudos canadenses mudaram por completo os estudos comparados no Brasil, principalmente na área da Literatura e dos Estudos Culturais. Como a senhora interpreta este fenômeno?

Denise Maria Gurgel Lavallée:

Ao se analisar os estudos comparados, percebe-se que estes sempre obtiveram reconhecido sucesso em áreas como Literatura, Sociologia, Política, História, Semiótica, Pedagogia e outras, mormente quando veiculados em língua francesa, cenário que perdurou com bastante visibilidade no período enfocado neste relato. Muitos o consideram como o momento da expansão das vertentes Canadá/Brasil e do comparatismo, graças à qualidade dos pesquisadores e ao apoio das instâncias canadenses e brasileiras. Coincidentemente, é também este o momento do deslumbramento mútuo – se assim podemos qualificá-lo – entre os citados países.

Contudo, algumas críticas surgiram de outras áreas aos “excessos literários” em um mundo que se abria para a inovação, o desenvolvimento sustentável, a semiótica, as tecnologias em geral, a robótica e o ensino à distância. Todavia, não colocaria a etiqueta de “mudança” no desenvolvimento

dos estudos comparados. Entendo que os atuais estudiosos ampliaram suas escolhas e suas vertentes de análise, aprofundando-as. O exotismo brasileiro já havia sido suficientemente penetrado, a neve canadense demasiado desejada - com tudo aquilo que ambos oferecem ao olhar do pesquisador - mas o prisma da alteridade sempre enriquecerá nosso universo desigual, dando visibilidade ao próximo e aguçando a sensibilidade daquele que o analisa. Daí a inclusão de novos horizontes, trazendo à luz temas esquecidos que passaram em silêncio por demasiado tempo.

Licia Soares de Souza:

Os Estudos Canadenses internacionalizaram a UNEB?

Denise Maria Gurgel Lavallée:

Eu diria que a UNEB já nasceu, há apenas 35 anos, graças ao seu formato multicampi e diversificado, tão interiorana quanto internacional. Desde seus primórdios, como legítima representante de tantas cidades baianas, ela contou com um mentor visionário do porte do Prof. Edivaldo Boaventura, seu fundador e ex-Reitor, um dos intelectuais mais ilustres da Bahia, cujo olhar se manteve sempre voltado para todo e qualquer intercâmbio acadêmico externo capaz de propiciar valiosas experiências. E suas vivências em solo canadense foram causa e consequência do acerto de suas parcerias, favorecendo o crescimento intelectual dos alunos e professores da universidade que ele criou, dos que nela atuam ou que a ela se destinam. A flor de lis presente na bandeira da UNEB reforça pois, visualmente, com justa razão, a colaboração institucional firmada com o Canadá e o Quebec, desde a sua criação em 1983.

Por sua vez, o corpo docente das várias unidades da UNEB e de outros NECS participou ativamente de cada número da revista CANADART, elaborando ou traduzindo artigos especializados, divulgando seus relatos de estudos ou de estágios realizados no Canadá, ou obtendo contribuições literárias dos respectivos orientadores, pesquisadores de renome, durante suas vivências naquele país.

Dentre eles, foi relevante a sua atuação, Lícia, como professora unebiana, que desde seu Doutorado, cursado na Université du Québec à Montréal, se dedicou a intermediar atividades acadêmicas e pesquisas bilaterais não apenas com o NEC da UNEB e membros da ABECAN, mas estendendo tais oportunidades a outras instituições.

Esse conjunto de ações determinou um longo período de trânsito permanente que se estabeleceu entre as universidades canadenses e o território baiano, com expressivo número de bolsistas em constante fluxo de pesquisa.

Lícia Soares de Souza:

Verdade. Dediquei-me a este intercâmbio entre a UNEB e o Canadá. Foram anos de trabalho agradável, no NEC e com a ABECAN, a nível estadual e nacional. Eu já tinha conhecido o Québec, antes de me tornar professora universitária. Fui tradutora de uma equipe de Montréal que trabalhava com um projeto de Radiovisão, no IRDEB, e, a partir deste trabalho, obtive uma bolsa para fazer um estágio de verão em francês na Université Laval. Quando cheguei na UNEB, fui contemplada com uma bolsa para doutorado concedida pelo saudoso professor Edivaldo Boaventura que havia retornado de uma viagem de intercâmbio com três bolsas do governo do Québec. Em sua opinião, qual é mesmo o legado dos Estudos Canadenses, que chamamos carinhosamente de os “ECs” para a UNEB?

Denise Maria Gurgel Lavallée:

Em relação aos intercâmbios e interrelações, eu citaria como valiosíssima a parceria com a Universidade Federal da Bahia, “alma mater” de minha formação pessoal, notadamente com o Instituto de Letras e com o Departamento de Educação, cujos professores se integraram à proposta canadense, participando de bancas examinadoras e conferências ou orientando teses sobre temas bilaterais.

Do mesmo modo, destacaria o apoio à Universidade Estadual de Feira de Santana, que obteve a instalação pelo Canadá do seu Centro de Estudos Canadenses e, mediante convênio institucional firmado pela Reitora Anaci

Bispo Paim, um Curso de Doutorado em Educação, da Universidade de Sherbrooke (1998-2004), em moldes semelhantes ao Mestrado realizado na UNEB.

O Doutorado na UEFS se desenvolveu na própria universidade baiana, ministrado por professores da Universidade de Sherbrooke, com a presença do coordenador canadense, Prof. Roland Louis, de língua francesa. Passei a atuar novamente como tradutora-intérprete do curso, da apresentação das teses, bem como assumi a coordenação das atividades de articulação entre os futuros doutores e as universidades envolvidas.

Além dessas experiências, por se tratar de uma universidade multicampi, sem dúvida a UNEB pôde estender aos seus Departamentos, localizados em várias outras cidades baianas, as atividades do NEC, por meio de palestras com os professores visitantes, conferencistas, participantes de congressos, principalmente do Quebec, além da colaboração com a revista CANADART através da publicação de artigos pertinentes aos dois países.

As atividades acima mencionadas trouxeram resultados positivos e gratificantes ao NEC e consolidaram, no território da UNEB, um espaço de compreensão mútua e de intercâmbios promissores. Muitos professores da Bahia foram estudar no Canadá e continuam hoje atuando em Universidades baianas.

Durante minha gestão na ABECAN, o NEC/UNEB recebeu cerca de 20 jovens estagiários canadenses, que visavam estudar a cultura baiana em seus aspectos político, social e cultural. Alguns deles retornaram à Bahia, em virtude dos contatos anteriormente mantidos. Eles atuaram com sucesso nas “Semanas de Estudos Canadenses”, divulgando aspectos comparatistas e enfocando a História, Geografia, Política, Ecologia, Literatura, Sociologia e outras áreas, em frequentes seminários.

No período, cerca de 250 pesquisadores, docentes, autoridades educacionais, congressistas, bolsistas e visitantes canadenses participaram dos Congressos internacionais e das atividades oferecidas pelo NEC/UNEB à comunidade nordestina. Temos que lembrar igualmente que sediamos o pré-congresso da INTERCOM- Sociedade Brasileira de Estudos da Comunicação-, em 2002, que tinha como tema *América, Terra de Utopias. Desafios da*

Comunicação Social. Contamos com a presença de 14 pesquisadores canadenses vindos de todas as províncias do Canadá, e publicamos os Anais do congresso em 2 volumes, na série Coleção Colóquios Internacionais do INTERCOM, vol. 8, com 720 páginas. Neste ano, o NEC/UNEB foi finalista do Prêmio Luis Beltrão, na categoria de Instituição paradigmática.

Lícia Soares de Souza:

O seu trabalho é imenso e significativo para desenvolvimento de universidades jovens cuja missão era a de estabilizar professores e alunos no estado, sem terem a necessidade de uma migração para o sudeste/sul do país, como faziam antes para evoluir na carreira. Parabéns, professora!

Denise Maria Gurgel Lavallée:

A parceria inicialmente estabelecida entre a Bahia e o Quebec ensejou consequências relevantes para o Brasil e para o Canadá. Longe de estimular enclaves de pesquisa, os discursos presentes na sociedade brasileira foram contemplados no processo de escrita das dissertações e teses, as discussões envolvendo questões identitárias logo emergiram, dialogando com as inquietações contemporâneas, sob diferentes ângulos.

Para a Bahia, a criação de um NEC na UNEB e em seguida um outro em Feira de Santana, que receberam diversos interlocutores, desenvolveu amplamente os estudos comparados, respeitadas as suas clivagens culturais e sociais. Mestrado em Educação na UNEB, Doutorado em Educação na UEFES, professores baianos que aperfeiçoaram sua formação, prosseguindo com brilhantismo nas suas carreiras docentes: tais oportunidades representaram, para muitos, um incentivo para a realização de Doutorados e Pós-Doutorados no Canadá, como foi mencionado pelos ex-alunos diplomados, durante recente evento comemorativo dos 30 anos do Mestrado UQAM/UNEB (2019).

Para o Canadá, vale registrar que há 30 anos o país se inscrevia como a quarta opção de estudos para os brasileiros. Atualmente, candidatos brasileiros aparecem numericamente em primeiro lugar na lista dos solicitantes.

A ABECAN e seus NECs, com afincos dos seus colaboradores, orgulham-se de ter contribuído significativamente para a aproximação dos pesquisadores e a obtenção de tais resultados.

RESENHA

Referência da obra resenhada:

BERND, Zila. **A persistência da memória**, Paris, Société des Écrivains, 2018.

Lucas Graeff¹

Zilá Bernd publicou em 2018 o livro intitulado **A persistência da memória: romances da anterioridade e seus modos de transmissão intergeracional**, pela editora Besouro Box de Pprto Alegre. O mesmo livro traduzido para o francês foi publicado em Paris, pela editora Société des écrivains, sob o título: **La persistance de la mémoire: Les romans de l'antériorité et leurs modes de transmission intergénérationnelle**. A temática da memória abordada pela autora ensejou as reflexões que seguem.

Desde seu ingresso na equipe de professores permanentes que criou o Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, Zilá explora magistralmente as relações entre memória e literatura das Américas. Nestes livros, é o tema da persistência de memória que guia o trabalho de análise das obras de Louise Dupré, Martha Medeiros, Leticia Wierszchowski, Moacyr Scliar, Marie Laberge, Noël Audet, Luís Antonio de Assis Brasil, Conceição Evaristo, Eliane Brum, Adriana Lisboa, Euridice Figueiredo, Amós Oz, Fania Salzberger Oz, Jean-Marie Gustave Le Clézio, André Schwarz-Bart, Ana Maria Gonçalves, Louise Dupré, Francine Noël, Cintia Moscovich, Catherine Mavrikakis e Tatiana Salem Levy.

A primeira parte do livro intitula-se “Anterioridades/Interioridades”. Nela, Zilá articula os conceitos de memória cultural e transmissão, o que pode ser considerado inusitado em um campo de estudos mais ocupado por discussões sobre identidades coletivas e políticas da memória. Com esses dois conceitos, a autora destaca o papel do imaginário e do sensível nas idas e vindas entre as lembranças do passado e as inquietações do presente. O que é transmitido entre duas gerações, senão esse de conjunto de valores, esse patrimônio do qual se de deve tomar posse, no presente, e transmitir para a

¹ Doutor em Etnologia e Sociologia Comparada pela Université Rene Descartes (Paris V, Sorbonne) e bolsista de produtividade do CNPq. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Endereço eletrônico: lucasgraeff@gmail.com.

geração futura? Ora, esse trabalho de transmissão revisitado pela criação literária e analisado por Zilá remete à laboriosa relação entre anterioridade e interioridade, isto é, entre memória cultural e a construção subjetiva.

A segunda parte do livro, que é a mais generosa em número de páginas, tem por título “Filiações”. Nela, Zilá Bernd aborda os modos de transmissão intergeracional em romances contemporâneos da literatura brasileira (Capítulo 2.1) e a ficção atual das Índias Ocidentais e do Brasil (Capítulo 2.2). Nestes dois capítulos, Zilá examina os romances “Olhos d’água”, de Conceição Evaristo, “Meus desacontecontecimentos, a história da minha vida com as palavras” de Eliane Brum, e “Azul corvo”, de Adriana Lisboa. Nos três casos, a persistência da memória se expressa pela busca de origens, de raízes, de antepassados. Os romances de André Schwarz-Bart, *La mulâtresse solitude* e *L’ancêtre solitude*, e de Ana Maria Gonçalves, *Um defeito de cor*, exploram o tema da escravidão nas Américas e suas repercussões nas diferentes gerações.

A Parte 2 segue com mais com três capítulos, que desdobram a temática da filiação nos arquivos familiares de Cintia Moscovich e nas memórias da tradição judaica em Moacyr Scliar. Zilá trata, ainda, de temas sensíveis que desafiam a persistência da memória, como o trauma e a violência em autoras quebequenses como Catherine Mavrikakis, Louise Dupré e Francine Noël.

A Terceira Parte chama-se “Americanidade”. Dividida em dois capítulos, trata dos imaginários americanos, das transferências culturais e das comunidades de memória. O primeiro capítulo retoma as discussões de três livros organizados por Zilá Bernd entre 2002 e 2014: o *Dicionário de Mobilidades Culturais* (2007), o *Dicionário de figuras e mitos literários das américas* (2010) e o *Glossário de Mobilidades Culturais* (2014). Nos três casos, a autora destaca a intenção de ir além das comparações dualistas e do europeísmo quando se trata de pensar as literaturas das Américas. No Capítulo 3.2, Bernd discute o futuro do viver juntos no Canadá, país marcado por sua política de multiculturalismo que, atualmente, promove uma transição para a diversidade cultural.

Na conclusão, Zilá Bernd sugere que a persistência da memória é como “o fio que liga as pérolas de um colar” (p. 151). Essa metáfora é primorosa, pois, entre as obras analisadas pela autora neste livro, nenhuma propõe

RESENHA

BERND, Zila. A persistência da memória, Paris, Société des  crivains, 2018.



genealogias ing nuas, isto  , orientadas pela busca de origens “verdadeiras” ou por estratos “reais” de um passado sobre os quais seria possível assentar uma identidade pessoal ou familiar. Em todos os casos, Zilá indica que os romances de filia o são tessituras de subjetividades (interioridades) e de memórias culturais (rela es intergeracionais). Assim, talvez não seja demasiado poético ler esses romances como se fosse um mergulho em uma caverna submarina onde as rochas são as memórias esculpidas pelas águas do esquecimento e o impulso do nadador, a força da sensibilidade e da imagina o.

Recebido em 08 de abril de 2019.

Aceito em 27 de abril de 2019.

RESENHA

Referência da obra resenhada:

SOUZA, Licia Soares de. **Pour une Géopoétique interaméricaine**, Paris, Société des Écrivains, 2019.

Maysa Maria Silva de Miranda¹

Licia Soares de Souza, professora do programa de doutorado Pós-Crítica, do Campus II da UNEB, propõe um modelo de geopoética urbana a partir de estudos de figuras espaciais de Montreal, em romances contemporâneos do Québec. A Geopoética pressupõe relações dinâmicas entre a Geografia e a Literatura. Nesse âmbito, ela permite a emergência de uma escrita do espaço, onde os personagens se movimentam revelando sentimentos e memórias, aptos a assegurar a história de territórios determinados. E um importante diálogo entre ciência e arte se estabelece, suscetível de autorizar o desenho de cartografias dos espaços percorridos, atravessados de experiências sensíveis.

Para aperfeiçoar seu modelo de geopoética, a profa. Licia de Souza recorre ao conceito de *semiosfera*, forjado pelo russo Yuri Lotman (1982), que é equivalente do conceito de biosfera. Na semiosfera, que configura uma semiótica da cultura, todos os signos se articulam para interconectar os ambientes, incluindo a zoosemiótica, a ecossemiótica entre outros. Ademais, ela recorre ao conceito de cronotopo de Bakhtin, que liga o tempo ao espaço, para observar o papel que desempenha determinados espaços em uma trama narrativa (a rua, a escola, a igreja, o metrô, o parque, o jardim, etc.). Com estes dois conceitos, o interessante é que a autora busca interligar as descrições verbais de ambientes cruciais para os personagens a imagens visuais, o que ela designa de “geograma”, em equivalência com os diagramas de Peirce, que autorizam a associação de termos sígnicos que mostram a interrelação de fatos e fenômenos.

O geograma é um tropo de difração na cartografia de Montreal que possui um plano hipodâmico de cidade. Por isso, a autora cria o termo de “texto-

¹ Graduada em letras vernáculas pela Universidade Federal da Bahia (Licenciatura e bacharelado). Mestrado em Letras e Linguística pela mesma universidade. Atualmente é professora de língua portuguesa e francesa no ensino médio e superior. Endereço eletrônico: maysa_miranda@hotmail.com.

xadrez” para mostrar como os personagens se movimentam em linhas retas ou diagonais nas ruas do plano urbano de Montreal. Mas, a geopoética montrealense, traz novidades em termos de temáticas contemporâneas que mostram os problemas da imigração, dos abusos do capitalismo, da pobreza, da infância abandonada, da dureza do inverno, o que faz com que seus personagens se movam em geogramas não-linearizados, que não se adequam totalmente à perfeição do plano urbano hipodâmico. Neste caso, os *flâneurs* da literatura contemporânea penetram pelos subsolos da cidade, pondo a nu a precariedade de espaços da cidade que a superfície enverniza. A autora chama esses *flâneurs* de “peça cavalo”, que no xadrez, pula em L as outras peças, deslinearizando toda a previsibilidade das narrativas.

Para se encarar uma geopoética interamericana, a professora Licia começa trabalhando o romance de Catherine Mavrikakis, *Oskar de Profundis* (2016), no qual um Estado Mundial propagou um vírus para exterminar todos os excluídos de Montreal; tal epidemia já dizimou a pobreza nas maiores cidades do mundo. Em Montreal, o interessante é justamente a movimentação dos personagens pobres e ricos que deambulam e erram na cidade como *flâneurs* tipo a peça “cavalo”, deslinearizando os geogramas da cidade planejada de Montreal.

Em outros romances como *Ce qu'il reste de moi* (2015) de Monique Proulx, existem igualmente geogramas que indicam como os novos imigrantes, que vem povoar a cidade, tem condições de reinventar novos caminhos, sobre e sob o solo gelado do inverno glacial da cidade. Em outro momento, a autora trabalha os círculos concêntricos que a personagem Toinette do romance *Paradis. Clef en main* (2009) de Nelly Arcan, empreende mostrando a insularidade de uma cidade francófona que tem que se deslinearizar, em seus espaços e territórios, como muitas outras cidades do mundo, para se submeter às ideologias neoliberais do capitalismo financeiro.

Em suma, a autora conclui, perguntando se vale a pena se buscar uma estética urbana, uma poética de apego às cidades, que se mostram poluídas, sujas, perigosas, desnaturalizadas ou mesmo desumanizadas. A resposta fica em aberto, valendo como observação para qualquer cidade que esteja vivendo os fenômenos das mobilidades culturais, com seus espaços semiesféricos sujeitos a forças centrípetas e centrífugas.

RESENHA

SOUZA, Licia Soares de. *Pour une Géopoétique interaméricaine*, Paris, Société des Écrivains, 2019.



Recebido em 23 de junho de 2019.

Aceito em 04 de julho de 2019.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES

Carmen Mata Barreiro

Professora titular da Universidade Autônoma de Madri, tendo sido professora convidada na Universidade de Montreal. Campos de pesquisa: O trabalho da memória nos escritores francófonos, a escrita do exílio e da e/imigração, o imaginário da cidade, a escrita no feminino. Dirigiu Espanhas imaginárias do Québec (Editora da Universidade Laval, 2012). Membro do comitê científico internacional das revistas: *Recherches sociographiques* (Universidade Laval, Québec), *Globe*, *Revue Internationale d'études québécoises* (Québec). Ela é membro do Conselho de Administração da Associação Internacional dos Estudos Quebequenses (AIEQ) e pesquisadora internacional do CIRM/CRIEM, Centro de pesquisas interdisciplinares sobre Montreal.

Endereço eletrônico: carmatba@idecnet.com.

Carolina Ferrer

Professora do Departamento de estudos literários, Universidade de Quebec em Montreal. Projetos de pesquisa atuais: Estudos literários e novos observáveis da era digital: o sistema da literatura mundial desde o período pós-guerra até os dias atuais; Projeto Magalhães: cartografia da bibliografia crítica da literatura hispano-americana; Babel Borges: da biblioteca à criticometria; As notícias de Jorge Luis Borges na tela grande: narratologia, experimento mental e adaptação cinematográfica.

Endereço eletrônico: ferrer.carolina@uqam.ca

Lícia Soares de Souza

Pesquisadora do CNPQ, é professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, do Campus 2 da UNEB. Professora associada da Universidade do Québec em Montréal, faz parte do grupo de pesquisa e criação La Traversée que trabalha segundo os princípios metodológicos da Geopoética. Nesse âmbito, publicou *Figures Spatiales de Montréal, Montréal/Paris, Société des Écrivains*, 2017, e *Pour une Geopoétique Interaméricaine*, Paris, Société des Écrivains, 2019. Em 2018, recebeu a comenda de oficial da Ordem do Rio Branco,

no Consulado do Brasil, em Montreal, pela divulgação da cultura brasileira em países estrangeiros.

Endereço eletrônico: liciasos@hotmail.com

Lucas Graeff

Doutor em Etnologia e Sociologia Comparada pela Université Rene Descartes (Paris V, Sorbonne) e bolsista de produtividade do CNPq (Nível 2). Desde 2017, é Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Atualmente, é pesquisador associado ao Laboratório PACTE (Sciences Po Grenoble) e membro do Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS-BRASIL), do Conselho Científico de OpenEditions.org (Electronic resources in the humanities and social sciences) e da Rede IPOPsAgeS, vinculada ao Institut National d'Études Démographiques (INED-França).

Endereço eletrônico: lucasgraeff@gmail.com.

Marie Lorinquer-Hervé

Doutoranda e professora substituta na Universidade Bordeaux-Montaigne (France). A tese aborda novas práticas na história em quadrinhos argentina contemporânea (1992-2015).

Endereço eletrônico: marie.lorinquer-herve@ens-lyon.fr

Maysa Maria Silva de Miranda

Possui graduação em Bacharel em letras vernáculas pela Universidade Federal da Bahia, graduação em Licenciatura em Letras Vernáculas e mestrado em Letras e Linguística pela mesma universidade. Atualmente é professora de língua portuguesa e francesa no ensino médio e superior. Publicou artigos em jornais e revistas. É contista, tendo lançado A JANELA pela UFBA. Cordelista, tanto publica como ministra oficinas de criação literária.

Endereço eletrônico: maysa_miranda@hotmail.com.

Pierre Suzanne Eyenga Onana

“Maître de conférences” no Departamento de Literatura e Civilização Africanas, na Faculdade de Artes, Letras e Ciências Humanas da Universidade de Yaoundé (Camarões). Suas pesquisas abordam as modelizações literárias do “viver junto” nas literaturas africanas e da diáspora negra, a epistemologia da literatura (semiologia do texto literário africano e euro-americano escrito), e as questões de feminismos no *Gender Studies*. Autor de várias obras: uma antologia poética e estudos críticos como *O gênero em todos os seus estados*. Trabalha atualmente na publicação de uma obra coletiva sobre o autor camaronês Jacques Fame Ndonge e em um ensaio crítico sobre o gênero nos romances feministas africano e americano contemporâneos.

Endereço eletrônico: eyonapiers@gmail.com

Rita Olivieri-Godet

Doutora em Teoria literária e literatura comparada pela USP, com pós-doutorado em literatura comparada na Université Paris 10 e professora titular de literatura brasileira da Université Rennes 2-França, promovida a membro senior do Institut Universitaire de France na seleção dos laureados de 2013. Membro da equipe ERIMIT-Equipe de Recherches Interlangues “Mémoires, Territoires et Identités”, dirigiu durante vários anos o Departamento de Português da Université Rennes 2 tendo também assumido a co-direção do Mestrado Les Amériques e a direção-adjunta da Ecole Doctorale (2004-2006). Publicações: *A alteridade ameríndia na ficção contemporânea das Américas* (Fino Traço, BH, 2013); *Viva o povo brasileiro: a ficção de uma nação plural* (É Realizações, SP, 2014); *Ecrire l'espace des Amériques: représentations littéraires et voix de femmes amérindiennes* (Peter Lang, NY, 2019).

Endereço eletrônico: ritagodet20@gmail.com

Rocío Charques Gámez

Doutora em Filologia Hispânica pela Universidade de Alicante (tese: *Emilia Pardo Bazán y su Nuevo Teatro Crítico*). Autora de vários trabalhos sobre literatura espanhola e hispanoamericana no final do século XIX e início do

século XX. Professora titular de espanhol no secundário, na França. Leitora de espanhol na Universidade de Pau (França). Membro associado do laboratório ALTER da Universidade de Pau. Meembro do projeto *Ediciones criticos sobre la obra literaria de Emilia Prado Bazán* (2016-2019). Membro da Sociedade de Literatura Espanhola do século XIX, da Sociedade Menéndez Pelayo e da Sociedade dos Hispânicos Franceses.

Endereço eletrônico: rochini@hotmail.com

Roxane Maiorana

Doutoranda do Programa de doutorado em estudos literários, Universidade de Quebec em Montreal.

Endereço eletrônico: maiorana.roxane@courrier.uqam.ca